

L.B.CORR

*Todos são suspeitos até
que se prove um culpado*

PELOS
OLHOS
DO
VULTO



Pelos Olhos do Vulto

L.B.Corr

Pelos Olhos do
VULTO

ROMANCE POLICIAL

Copyright © L.B.Corr, 2018
Todos os direitos reservados

Pelos Olhos do Vulto

Título: Pelos Olhos do Vulto
Preparação: DPM-LS
Capa: DMD-LS
Revisão: R.G.C / J.M.C.N

C823p
Corr, L.B.
Pelos Olhos do Vulto / L.B.Corr – 1.ed – Brazil
ISBN: 9781729148105
Copyright [2018] L.B.Corr.
1. Pelos Olhos do Vulto 2. Romance 3 Policial 4. Corr, L.B.

CDD:890

Índices para catálogo sistemático

1. Romance Policial – 890
2. Romance – 890

amazonkindle

Agradecimentos:

Ao meu pai Reinaldo e meu avô Jonas, os quais usei como base para a elaboração de alguns personagens. Ainda que eu fosse um gênio literário, não conseguiria expressar em palavras o amor e a admiração que tenho por eles.

Preâmbulo

Aconteceu no Canadá, em um pequeno vilarejo chamado FeetMountain; um lugar paradisíaco, onde os moradores, em sua maioria, eram pessoas ricas, que se afastaram das agitações habituais das grandes cidades. Aquele era realmente o lugar ideal para isso: a natureza e a tranquilidade estavam presentes a todo momento no vilarejo.

Porém, naquele dia, a mais bela e rica jovem do lugar, Sarah Dryhill, acordou diferente: estava muito feliz, feliz demais. Tinha uma grande notícia a dar, mas o que não imaginara é que tal notícia causaria reações tão diferentes das que havia previsto, e que as consequências disso seriam mais do que drásticas: seriam fatais.

Capítulo 1

A notícia

Às 9:30 da manhã de sábado, Sarah Dryhill se encontrava na sala de estar, sentada em uma bela poltrona de couro escuro, o que destacava ainda mais a beleza de seu corpo envolto por um robe de seda prateado. Seus cabelos negros recobriam os ombros e, enquanto uma de suas pequenas e delicadas mãos pousava sobre a coxa, a outra mantinha-se apoiada em uma mesinha de carvalho branco, sobre a qual uma garrafa de Don Pérignon encontrava-se imersa em um balde de prata trabalhada; ao lado, uma taça de cristal acomodava o líquido dourado borbulhante.

Seus alegres olhos azuis pareciam flutuar pela sala, contemplando os adornos. Apreciava os quadros, as estatuetas antigas, os móveis simetricamente produzidos para ocupar o espaço do grande cômodo, e as cortinas de veludo azul, que proporcionavam ao ambiente um tom mórbido, porém elegante. De repente, seus olhos pararam, apreciando o fogo já acesso na lareira para dispersar o frio do dezembro canadense.

Pensava o quanto era bom morar ali: a paz; a tranquilidade; o silêncio que dava lugar somente a sons da magnífica floresta boreal, com seus pássaros e animais maravilhosos que ali viviam encantando o lugar; o ar puro que invadia o ambiente; e a deslumbrante e privilegiada visão das Montanhas Rochosas. Tudo tão perfeito!

— Eu tenho tudo — pensou Sarah: — sempre tive! Moro em uma casa maravilhosa, situada em um lugar paradisíaco, passo o dia cuidando de meus cavalos ou fazendo qualquer coisa que porventura deseje. Posso comprar o que quiser sem me preocupar se vai sobrar dinheiro (não que eu dê muita importância para isso). E o mais importante de tudo: tenho pessoas ao meu lado, que realmente me querem bem.

Mas, por que levei 23 anos para perceber isto? Eu sempre me privei de todas estas coisas desde que nasci. Tinha uma mãe, que era a pessoa mais maravilhosa deste mundo. E agora, passados esses anos, percebo que todas as oportunidades de ser feliz foram-me proporcionadas, e nunca dei valor a elas. Acho que pelo fato de sempre terem estado ali, à minha inteira disposição. Então, por que agora? Por que tão tarde?

Seus olhos brilharam e uma magia pareceu contagiar a linda jovem.

Ah, o amor, é claro! O amor nos faz ver coisas que jamais havíamos visto, ou deixamos passar despercebidas. Permite-nos valorizar coisas que antes considerávamos banais, desde o piar dos pássaros ao prazer de degustar um bom champanhe.

Sorrindo, Sarah Dryhill apreciou o seu delicioso Don Pérignon e exclamou em voz alta:

— Como é bom amar! — Exclamou, espreguiçando-se delicadamente e fechando os olhos.

— Nem sempre, minha querida!

A voz pareceu acordá-la de um sono profundo. Com um pulo, ela se voltou para a porta e lá estava Meleine, a governanta. A mulher, de seus cinquenta anos, (apesar de aparentar mais do que isso em função do diabetes que a torturava desde a infância), arrumava os cabelos grisalhos em um grande coque acomodado por uma rede preta. Abriu um sorriso e comentou:

— Desculpe se a assustei, Sarah! Não foi minha intenção.

— Tudo bem, Mel! Mas por que disse que amar nem sempre é bom? — Perguntou a jovem, encantadoramente.

— Porque o amor e a dor andam juntos! Existem pessoas que até matam por amar demais, sabia?

— Como a senhora sabe disso? Não sabia que era entendida no assunto.

— Não é preciso ser entendida, está todo dia nos jornais e, também, nos livros de mistério que leio.

— Ah, que horror, Meleine — disse Sarah sorrindo: — Não diga uma coisa dessas nem por brincadeira.

— Tudo bem! Mas eu não vim falar de amor, até porque sou primária no assunto. Vim avisá-la de que Jéssica está aqui.

— E por que não a mandou entrar? Sabe que Jéssie é sempre bem-vinda!

— É que hoje você acordou tão estranha, veio para cá tomar champanhe sem dizer nada, então fiquei em dúvida se receberia alguém.

— Mande-a entrar e peça a Joseph para trazer uma taça de champanhe para ela e outra para você. Hoje é dia de comemorar, disse Sarah Dryhill abrindo os braços, radiante.

— Comemorar o quê? Não tem nada a ver com essa história de “como é bom amar”, tem? — Questionou, com expressão séria, a governanta.

— Você saberá em breve! Agora vá fazer a Jéssie entrar, pois a coitada já deve estar com câibras.

Jéssica Lewis entrou pela grande porta de mogno com figuras de animais

silvestres entalhados.

Era uma moça alta e magra, com longos cabelos loiros que delineavam seu rosto delgado. Uma jovem atraente, de 21 anos, mas que sempre teve a beleza ofuscada pela de Sarah. Seus ingênuos olhos castanho-esverdeados deixavam transparecer, a todo momento, sua particular veneração pela amiga.

Vestindo calça jeans e um suéter vermelho, Jéssica deu um grande sorriso:

— Meleine disse que você tem uma novidade para nos contar. Estou ansiosa!

— Sente-se e controle sua curiosidade. Quero que Meleine esteja aqui quando eu der a notícia. — Comentou Sarah, puxando uma cadeira com o pé.

— Ela disse que já vem, mas me adiante alguma coisa sobre o assunto.

— Andei refletindo e vendo o quanto minha vida é maravilhosa. Pensei bastante e tomei a minha decisão.

— Realmente, FeetMountain é o lugar ideal para você — disse, percorrendo a sala com o olhar. Apreciando à vista que se descortinava através da janela, concluiu: — Uma mulher que pode tomar champanhe às dez horas da manhã e ficar sentada imaginando o que vai fazer no resto do dia não pode ser infeliz.

— Dinheiro não é tudo, Jéssie!

— Pra mim é! — Retrucou com um olhar ambicioso, e continuou:

— Tudo mesmo! Eu daria qualquer coisa para ter uma vida como a sua. Joias, roupas lindas, vários homens aos meus pés. — A jovem flutuava imersa em seus pensamentos.

— Meu Deus, Jéssica, isso quer dizer que você sente inveja de mim? — Perguntou Sarah, despertando a amiga, que respondeu calmamente:

— A bem da verdade, sim! Mas não é uma inveja maldosa; você sabe que é minha melhor amiga e que eu faria tudo para vê-la feliz. Mas você não pode me julgar por eu querer ser rica: — A expressão que outrora era de ganância, agora resumia-se a tristeza e desilusão.

— Eu sei querida, e não a julgo. Afinal, quem não quer ser rico? E você é esforçada. Sei que, no futuro, vai dispor de tanto quanto eu e muito mais, até porque eu não tenho tanto dinheiro. — Argumentou Sarah, segurando as mãos da jovem, carinhosamente.

A conversa foi interrompida por uma pigarreada:

— Com licença, madame, vim trazer as taças que a senhorita pediu.

O mordomo, um senhor de idade, distinto e bem vestido, ficou parado à

porta, esperando o consentimento da patroa para entrar. Sem dúvida, era um homem educado à moda antiga.

— Entre, Joseph! Onde está Meleine?

— Na cozinha, falando sobre o almoço com Ginna. Pediu que eu avisasse à senhorita que virá em seguida.

— Tudo bem! Peça-lhe para trazer Laika quando vier, por favor.

— Sim, madame! Com licença.

— Beba, Jéssie! Vai acalmar sua ansiedade, brincou a moça.

Logo depois, a governanta entrou trazendo consigo uma bela cadela samoieda.

Laika correu para os braços da dona, contorcendo-se de alegria.

— Oh, minha amada! Disse Sarah, alisando o branco e sedoso pelo do animal.

— Ela está cada vez mais gorda! — Comentou Jéssica.

— Sim, no inverno ela fica o dia todo dentro de casa, comendo tudo o que encontra pela frente.

Jéssica Lewis olhou, sorrindo curiosamente para a amiga e disse:

— E então, agora que Meleine está aqui, podemos saber qual é a tão misteriosa notícia?

— Claro! Mas antes quero que Meleine se sente, ao invés de ficar em pé, parada como uma estátua.

A austera senhora sorriu e sentou-se.

— Pegue sua taça de champanhe, disse a Srta. Lewis, impaciente, para a governanta.

— Obrigada! Mas não estou acostumada a beber.

— Mas hoje vai! E se realmente não o quisesse teria pedido a Joseph para trazer apenas uma taça. Então tome e não discuta, ordenou a anfitriã, gozando alegremente da governanta que, devolvendo-lhe o sorriso, obedeceu.

— Muito bem, aí vai a notícia.

Jéssica e Meleine olhavam curiosas para Sarah que, levantando-se, abriu os braços, e com um sorriso que expressava toda a magnitude do momento, falou em alegre, alto e bom som:

— Eu vou me casar!!!

— Meu Deus!

As duas mulheres falaram ao mesmo tempo; as expressões mesclavam surpresa e dúvida em seus rostos.

— Com o... — Ela foi interrompida pelo grito da governanta:

— Você só pode estar maluca!

— Acalmem-se, vou lhes explicar — Respirou fundo e continuou.

— Já faz algum tempo que eu e Peter estamos juntos...

Meleine novamente a interrompeu indignada.

— O quê? O instrutor de equitação?

— Conte! Conte! Suplicou Jéssica, sorrindo como uma criança encantada com um brinquedo.

— Vou contar, se me deixarem falar.

A jovem noiva começou a explicar, não dando atenção ao olhar de revolta com o qual a governanta a encarava.

— Como ia dizendo, eu e Peter já vínhamos nos encontrando há algum tempo. Durante esse período, fomos nos apaixonando mais a cada dia; foi então que percebi que ele era a parte que faltava em minha vida. Beijando a cadelinha, continuou:

— Ele me pediu em casamento há três dias. Fiquei muito surpresa, mas prometi pensar. Percebi o quanto o amor estava me fazendo bem e resolvi aceitar.

— Eu já havia comentado com Jéssica sobre Peter, continuou Sarah, mas ela pensava ser só um flerte, creio eu; — a Srta. Lewis concordou com um gesto de cabeça: — entretanto, preferi manter segredo de você, Mel, porque ele é um homem tímido e reservado, e sei que você investigaria toda a sua vida. Não que eu critique isso, pelo contrário, adoro saber que tenho a sua preocupação e proteção.

Lágrimas rolavam pelo rosto da governanta, seus olhos tremiam de raiva. Olhando com compaixão para a Senhora, a qual considerava uma segunda mãe, a moça continuou:

— Sei que a senhora ainda me vê como uma menininha, incapaz de amar alguém, de verdade. Tanto que nunca se opôs aos meus namoricos infantis, como o caso de Eric, pois sabia que para mim não era importante o suficiente: e tinha razão. Mas eu cresci, me tornei mulher, capaz de amar e sentir como qualquer outra.

A governanta levantou-se e, limpando as lágrimas, desabafou com fúria:

— Você está realmente louca! Onde já se viu casar com um homem sobre o qual só se sabe o nome? Aquele rapaz sempre se disse sozinho e trabalhador, mas ninguém sabe realmente se é verdade. Você não pode deixar o amor cegá-la dessa maneira. Será que é tão difícil perceber que ele só está interessado no seu dinheiro?

Sarah Dryhill retrucou com raiva.

— Você não tem o direito de falar assim...

— Talvez não o tenha! Mas você sabe perfeitamente o que sua mãe pensava sobre isso. Ela sim, era uma mulher inteligente e sensata, e jamais a deixaria cometer tamanha estupidez.

O pranto rolava pelo delicado rosto da moça, agora retorcido pela tristeza. Ela jogou o copo de cristal na parede e falou, soluçando:

— Por que você sempre faz questão de lembrar que ela está morta? Será que não compreende que a mania que ela cultivava, de pensar que todos se aproximavam de nós por interesse, morreu e foi enterrada com ela? Ela está morta, mas eu estou viva! Então, deixe-a descansar e tente pensar um pouco na minha felicidade.

— O que você não entende é que é exatamente isto que estou tentando fazer. — Retrucou Meleine.

Sarah caiu sobre os joelhos, baixou a cabeça e chorou. Jéssica, que até então apenas assistia à cena, extasiada, aproximou-se para amparar a amiga, mas antes que pudesse fazê-lo, ela se levantou e disse, enxugando as lágrimas:

— Eu sou adulta, e ninguém vai me impedir de fazer o que desejo.

A moça forçou um sorriso e, recobrando as forças e a pose, perguntou calmamente:

— Almoça comigo hoje, Jéssie?

— Claro!

— Meleine, peça a Ginna para por outro prato na mesa. Eu vou subir, tomar um banho e vestir algo bem bonito para dar a notícia a todos.

— Sim, senhora! — Respondeu a governanta, retirando-se revoltada.

— Mas que impertinente! — Comentou Jéssica Lewis.

— É, às vezes Meleine passa dos limites, mas no fundo ela só quer o meu bem.

— Eu nunca tinha visto você assim.

— Realmente! Pela primeira vez perdi completamente o controle.

— Pois acho que ela fará o possível para estragar o seu casamento.

— Não vamos mais falar nisso, Jéssie. Tenho a certeza de que Meleine compreenderá.

— Eu fiquei muito feliz por você e por mim também, pois agora Eric Hampton não terá mais nenhuma chance e talvez me note. Você não acha?

— Eu e Eric já terminamos há muito tempo. Não sei porque ele insiste

tanto. Mas agora, certamente, vai desistir e com certeza você vai conseguir conquistá-lo.

Sarah a pegou pela mão e disse:

— Vamos subir, estou ansiosa para contar a novidade ao padre e aos outros, quero uma festa magnífica e conto com a sua ajuda.

Capítulo 2

Reynold Deckland

Reynold Deckland estava sentado ao lado do sobrinho Cristopher, em um banco de madeira no fundo de sua propriedade. Olhavam os cavalos, que sempre foram uma paixão para ele, pastarem elegantemente no grande potreiro à sua frente. Como pano de fundo, as Montanhas Rochosas, que tornavam a cena ainda mais bela. Ao lado, Zico, o fiel pastor alemão do detetive, brincava com o sobrinho que conhecera havia pouco.

Deckland nasceu na Escócia e atuou como detetive durante toda a sua vida. Após a morte do irmão, resolveu parar de trabalhar e ter um endereço fixo, onde o sobrinho, que estava terminando os estudos, poderia ficar quando quisesse, sem ter que procurá-lo pelo mundo. Queria um lugar tranquilo, longe da agitação constante que ronda a vida de um detetive.

Desde pequeno, sempre fora um amante do mundo animal. Por este motivo, antes de escolher FeetMountain como lugar para sua aposentadoria, viajou pelo mundo com o intuito de conhecer e apreciar a vida selvagem e as belezas naturais do planeta.

O jovem Cristopher, de dezoito anos, havia concluído os estudos há uma semana, e ido passar um tempo com o tio. Mesmo estando na propriedade há apenas dois dias, a felicidade era clara na expressão do jovem, que sempre fora um admirador do ex-detetive.

Deckland deu um tapinha nas costas do rapaz e perguntou:

— Feliz por estar aqui, Cristopher?

— Muito!

— Eu também! Geralmente os jovens preferem cidades grandes e barulhentas.

Deckland sorriu e continuou:

— A vantagem é que se você sentir falta disso, pode pegar meu carro e em 30 minutos estará em Revelstoke.

— Obrigado, tio, mas por enquanto estou adorando o sossego.

Reynold Deckland olhava deslumbrado para os cavalos pastando e brincando, enquanto o sobrinho examinava-o atentamente.

“Continua forte como um touro”, pensou Cristopher.

O jovem tinha razão. Deckland expressava força, vitalidade e, acima de

tudo, experiência. Seu rosto era imponente e bem delineado, os olhos negros mantinham-se atentos a tudo à sua volta. O tempo havia sido generoso com ele, não mudara muita desde último encontro com o sobrinho. Os cabelos, como sempre perfeitamente aparados, disfarçavam bem as entradas na região das têmporas que estavam um pouco mais expressivas, mas no fundo caíram-lhe bem.

— Como é ser um detetive, tio?

— Não sou mais um detetive, Cris.

— Mas antes de se tornar um, o senhor trabalhou na Scotland Yard, não é?

— Sim, trabalhei.

— E por que saiu?

— Eu não concordava com algumas coisas, alguns métodos utilizados e a maneira diferenciada com a qual tratavam os casos dos pobres coitados e os dos figurões da alta sociedade.

— Quer dizer que eles são corruptos?

— De maneira nenhuma! A Scotland Yard é uma grande instituição e muito correta também. Mas infelizmente o homem que assumiu na época era um idiota, muito mais político do que policial, e acabei me desentendendo com ele.

— Então ele o despediu!

— Não, eu pedi demissão.

— E só o senhor foi contra ele?

— A maioria não gostava, mas nem todos têm coragem de admitir o que pensam, pois quando se compra briga com uma pessoa tão influente ela pode mover os pauzinhos para lhe prejudicar.

— E ele o prejudicou, tio?

— Tentou! Mas isso é como na escola: o professor pode não simpatizar com você e até tentar prejudicá-lo, mas não pode sabotar sua prova e, se você tirar dez, ele terá que se calar e dar a nota certa. — Olhou nos olhos do rapaz e concluiu:

— Competência, rapaz! Se fores competente ninguém dirá o contrário, pois se o fizer, estará expondo-se ao ridículo.

— Eu o admiro, conquistou tudo sozinho, mesmo com pessoas tentando lhe prejudicar.

— Não foi bem assim — comentou Deckland sorrindo: — Meu grande amigo Jonas McLeon, que sempre foi um exímio detetive e uma pessoa

iluminada, também não concordou com o tal homem e demitiu-se logo depois. A Scotland Yard sentiu muito a ausência dele e o chefe em questão não ousou dizer uma só palavra, pois todos sabiam o excelente profissional que McLeon era.

— Depois que saiu — continuou Deckland: — trabalhou como investigador particular e, sempre que estava trabalhando em um caso e alguém solicitava seu apoio profissional, ele me indicava sem poupar elogios.

— E onde ele está agora? — Indagou o jovem.

— Voltou para a Escócia, depois de percorrer o mundo resolvendo os casos mais intrigantes possíveis.

— Vocês ainda são amigos, tio?

— E como! Sempre nos comunicamos. Antigamente por correspondência e telefone, hoje em dia pela internet, o que facilita muito.

— Vocês já devem ter resolvido muitos casos juntos.

— Pra dizer a verdade, poucas vezes tive o prazer de trabalhar com ele no mesmo caso, mas sempre que encontro dificuldades, peço-lhe ajuda.

— E ele também pede ao senhor?

— Pediu algumas vezes; creio eu que mais para saber a minha opinião, do que por necessidade. Ele também não está mais na ativa, todavia ainda pega alguns casos, quando os considera difíceis e complexos, mas não por dinheiro e sim por realização pessoal.

— O senhor gosta muito dele, não é mesmo?

— Sim! Ele é um homem formidável, e muito humilde; é a mente mais privilegiada que conheço, entretanto nunca se gabou por isso.

— E quantos anos ele tem? É velho?

— Idade não quer dizer necessariamente velhice. McLeon deve estar com uns sessenta e poucos.

— Então é bem mais velho do que o senhor.

— Sim! Mas tem muita vitalidade, monta a cavalo diariamente e sempre arruma alguma coisa útil pra fazer, em vez de ficar diante da televisão, vendo programas inúteis.

— Não sabia que o senhor era contra a televisão.

— E não sou, rapaz! Existem bons filmes e documentários muito interessantes. Sou contra, sim, ficar vendo tolices que não interessam em nada. Se às vezes você quer se distrair, tudo bem, mas não o dia todo. A vida é muito curta e o tempo passa rápido demais para ser desperdiçado com besteiras.

Reynold Deckland pôs a mão sobre o ombro do jovem e explicou:

— É como meu pai dizia: *“o tempo tem passado tão depressa, que até dá pra pensar, que o tempo tem agora, menos tempo pra passar”*.

O papo se estendeu, Deckland queria saber sobre a faculdade, namoradas, planos para o futuro.

Pouco depois, o padre Loui Write chegou. Vinha em direção aos dois com um imenso sorriso. Era um homem carismático, de uns cinquenta anos, usava sempre uma bengala pois caminhava com dificuldade, consequência de um derrame cerebral, que paralisou parcialmente seu lado esquerdo do corpo. Era, sem dúvida, uma pessoa muita querida pelos moradores do vilarejo.

Quando estava a poucos metros dos dois, Zico, o pastor alemão do detetive, correu em direção ao desconhecido, rangendo os dentes. O padre Loui, nem poderia correr, ficou imóvel. Deckland gritou:

— Alto! Sentado!

O animal obedeceu prontamente. Ele foi em direção ao padre:

— Não se preocupe, ele apenas ainda não o conhece.

Ao terminar, deu dois tapinhas na coxa, o que Zico sabia ser o sinal para deixar a posição e ir ao encontro do dono:

— Ei, Zico, é amigo.

O cachorro abanou o rabo e começou a lambar o padre.

— Pronto, padre Loui. Tinha me esquecido deste detalhe. Pode fazer carinho nele, agora são íntimos. — Brincou Deckland.

Loui Write respirou aliviado e, mesmo receoso, tocou a cabeça do cachorro. O animal brincava com ele, mas não tinha resposta. Era natural alguém temer um cão tão imponente.

— Perdoe-me por este inconveniente, vamos nos sentar.

— Claro, eu entendo. — ao chegarem ao banco de madeira o padre perguntou: — Este deve ser Christopher.

— Bom dia padre, é um prazer conhecê-lo. — Respondeu o rapaz.

— Fico muito feliz que possa ter vindo nos visitar. — comentou Deckland: — Christopher se sentiria isolado se fosse à missa sem conhecer ninguém.

— É um prazer. São todos muito bem-vindos na casa de Deus.

Reynold Deckland havia pedido ao padre para conhecer o sobrinho que iria à missa da tarde. Conversaram por algum tempo e o detetive deu uma carona ao homem de volta à igreja.

Capítulo 3

A missa

Emma Mooley voltou-se para o marido gordo, sentado em frente à televisão:

— Roy, temos que nos aprontar para ir à igreja.

— Emma, querida, espere o jogo terminar. Sabe que não troco uma boa partida de hockey por uma missa habitual.

— É inacreditável um homem de 45 anos passar o dia todo assistindo TV e comendo batatas fritas.

— Cinco anos, querida. — frisou o gordo, sorrindo e coçando a barriga:
— Esqueceu que a vida começa aos quarenta?

○ ○ ○ ○ ○

Clara Hampton estava na cozinha, repreendendo a empregada:

— Suzy! Você deixou muita massa na empada; sabe que Eric não gosta disso.

— Desculpe, Senhora! Mas depois do almoço o Doutor disse que tudo estava ótimo.

— Eu tenho 67 anos e conheço meu filho desde que nasceu. Acha que eu não sei do que ele gosta? Ele só lhe agradeceu, pois é um homem extremamente educado.

A empregada baixou a cabeça e murmurou:

— Senhora, eu...

— Não tente se explicar! Nós vamos à igreja e, quando voltarmos, quero os melhores quitutes do mundo sobre a mesa. Se toda vez que Eric vier para casa for obrigado a comer essas porcarias que você faz, vai acabar ficando em Quebec para sempre.

○ ○ ○ ○ ○

Na casa dos Lewis, Elizabeth, uma mulher por volta dos quarenta, ainda muito bonita, porém sempre maquiada, falou para o marido:

— Alfred, Jéssica ligou da casa de Sarah Dryhill e disse que irá à igreja com ela. Isso não é ótimo?

— Você não muda mesmo, Elizabeth — respondeu o senhor Lewis: — Sabe que sou a favor das amizades de Jéssica, mas terminantemente contra o seu interesse nesta amizade, já que só se interessa porque a Srta. Dryhill é

rica. Isso é um absurdo!

— Que besteira!

Elizabeth Lewis desviou a conversa rapidamente, já que tal assunto sempre causava a ira do marido.

— O que você achou da minha roupa? Perguntou a senhora Lewis, abrindo os braços e rodopiando, exibindo o modelito azul ao marido.

— Achei ridícula! Estamos indo à igreja, e não a uma festa.

— Isto quer dizer que tenho que ir mal vestida à igreja? Todas as mulheres de FeetMontain vão bem vestidas.

— O problema é que não somos como a maioria das pessoas daqui. Somos simples e batalhadores, mas mesmo assim você insiste em gastar uma fortuna em roupas para si e para Jéssica. Temos que nos orgulhar do que somos; trabalhar para viver não é vergonha nenhuma. Você não tem que aparentar mais do que realmente tem. E, a bem da verdade, não sei de onde você tira dinheiro para comprar essas coisas. — Alfred Lewis levantou-se e saiu indignado. O homem, também de uns quarenta e poucos anos, com traços fortes no rosto e mãos calejadas do trabalho pesado, sempre fora uma pessoa de princípios e não admitia algumas manias da esposa.

○ ○ ○ ○ ○

Loui Write, o padre, estava sentado em sua biblioteca nos fundos da igreja.

Frederick, um menino sorridente de 14 anos, que além de coroinha ajudava o padre em várias tarefas, pediu licença e entrou:

— Padre, o senhor tem que se aprontar, as pessoas já devem estar chegando para a missa.

— Tem razão, meu filho!

— Nesta época do ano a igreja fica bem mais movimentada que o habitual. — Comentou o jovem, sorrindo.

— É verdade! É sempre bom rever as pessoas que moram longe e saber um pouco das novidades da civilização. — Brincou.

○ ○ ○ ○ ○

O padre Loui, como de hábito, foi esperar as pessoas em frente à igreja. Enquanto isso, admirava a bela edificação e os vitrais, tudo construído há muito tempo, com a ajuda dos fiéis.

Ao longe ele avistou os Lewis, caminhando rápido e nitidamente discutindo.

Do outro lado, Emma Mooley andava ao lado do marido Roy, tentando,

sem êxito apressá-lo.

— Como vai, padre Loui? Estamos atrasados? — Perguntou Elizabeth Lewis, ofegante.

— De forma alguma! Como sempre, estão no horário.

— Como está o senhor? — Perguntou o senhor Lewis.

— Muito bem, com a graça de Deus.

Ainda na esquina, Roy Mooley, com um grande sorriso, gritou:

— Como vai, meu bom padre?

Quando chegaram à porta da igreja, Emma Mooley desculpou-se pelo marido.

— Desculpe a indiscrição do Roy, detesto quando ele fica gritando no meio da rua, mas o senhor sabe como ele é, sempre brincalhão.

— Não se incomode, Emma, sabemos que nosso amigo Roy aqui é um homem muito divertido e de bom coração. — Comentou o Padre, recebendo dois tapinhas de agradecimento nas costas.

— Olá, Elizabeth, como vão? — Perguntou a senhora Mooley

— Tudo bem! E vocês?

— O mesmo de sempre! — Respondeu ela, sorrindo.

— Onde está sua encantadora filha? — Indagou o gordo ao senhor Lewis.

— Deve chegar daqui a pouco.

— Ela vem com Sarah Dryhill. — Afirmou, triunfante, Elizabeth Lewis.

Todos perceberam o olhar de repreensão do marido.

— Vejam, Eric Hampton chegou de Quebec. — Apontou o padre aliviando o clima.

— Como pode um homem tão fino e educado como Eric ser filho de uma velha tão ranzinza? — Comentou a senhora Lewis olhando Clara Hampton ao lado do filho.

— Realmente, ela é uma megera! — Concordou Roy.

— Não sejamos tão cruéis, é apenas uma senhora de gênio forte, além de uma mãe coruja. — Disse o padre sorrindo.

— Mas temos de convir que ela às vezes exagera. — Afirmou Alfred Lewis.

— Boa tarde! — Disse secamente Clara Hampton. Em seguida, olhando sorridente para o padre Loui, abraçou o filho e disse:

— Veja quem chegou ontem: o melhor médico do mundo!

— É bom vê-lo Eric, me parece muito bem. — Comentou o padre, dando a benção ao jovem.

— Tem razão, padre Loui, pretendo arrumar minha vida nestas férias. O senhor sabe do que estou falando!

— Creio que sim! — O rosto de Sarah Dryhill veio-lhe à mente.

— Como vão todos? — Perguntou o Dr., atenciosamente.

As pessoas ali presentes começaram a conversar, com exceção de Clara, que só os interrompia para fazer elogios ao filho.

Um Mustang esporte preto parou em frente à igreja, sob o olhar atento das pessoas. O padre rapidamente deu as boas-vindas:

— Seja bem-vindo, senhor Deckland.

— Desculpe padre, mas novamente estou atarefado. Como lhe disse hoje pela manhã, vim apenas trazer meu sobrinho.

— Claro, estava ansioso para recebê-lo.

Enquanto Reynold Deckland estacionava o carro, as pessoas ali presentes comentavam sobre o ex-detetive.

— É um homem muito distinto! — Sussurrou Emma Mooley.

— E muito atraente também — Complementou a senhora Lewis, sendo interrompida pelo beliscão do marido.

— Esse homem parece que se esconde de todos, eu mesma nunca o tinha visto e ele já mora aqui há um ano. — Comentou Clara, ofidicamente. Depois olhou para o padre e disse baixinho:

— Ele nunca vem à igreja! Deve ser ateu.

— Deve ser apenas um homem ocupado. Eu também não o conhecia, até hoje de manhã, quando fui visitá-lo, a pedido dele mesmo. Queria me conhecer e apresentar o sobrinho. — Respondeu o padre.

— Boa tarde a todos! Meu nome é Reynold Deckland e apesar de já morar em FeetMountain há algum tempo, nunca tive o prazer de conhecê-los.

— Ele colocou o sobrinho à sua frente e o apresentou, segurando-o carinhosamente pelos ombros:

— Este é Cristopher, meu sobrinho. Chegou há quatro dias e vai passar um tempo comigo.

Todos os cumprimentaram e, quando a senhora Hampton começou a fazer perguntas, as atenções se voltaram para Sarah Dryhill, que se aproximava ao lado de Jéssica Lewis.

— Ela está linda, como sempre. — Comentou Clara Hampton, entusiasmada. O filho concordou com a cabeça, com uma expressão de alegria ainda maior.

Deckland logo percebeu a admiração pela jovem, no olhar de todos.

— Olá, pessoal! — cumprimentou Sarah: — Sua benção, padre.

— Deus te abençoe, minha filha.

— Como vai, Sarah? Perguntou o Dr. Hampton.

— Muito bem, Eric! Obrigada. Não sabia que já estava em FeetMountain.

— Cheguei ontem à noite. É muito bom vê-la novamente.

Ela e Jéssica olharam curiosamente para os dois desconhecidos, e o padre apressou-se em apresentar-lhes:

— Este é o Senhor Deckland e este é seu sobrinho, Christopher.

— É um prazer conhecê-los. O senhor tem cavalos magníficos, eu os vi dias atrás.

— Obrigado, senhorita, é bem-vinda se quiser visitar a propriedade.

— Claro! Seria uma honra.

A fascinação que percebera nos olhos das pessoas, pela jovem, em parte fora explicada: Sarah Dryhill era realmente uma mulher encantadora.

— O Senhor é o famoso detetive? — Indagou Jéssica Lewis, curiosa.

— Ex-detetive, Senhorita! — Respondeu-lhe Deckland, com um sorriso.

A jovem trocou algumas palavras com ele e de repente parou de falar, sorriu e não se perdoando por ter esquecido a tão importante notícia, falou entusiasmada:

Sarah tem uma coisa maravilhosa para contar!

Todos se calaram e a fitaram. O padre, carinhosamente, porém com olhar inquieto e curioso, perguntou:

— E qual é, Sarah?

— Eu vou me casar com Peter Willtolk! — Anunciou a moça, sem rodeios.

Enquanto todos se entreolhavam, com as mais diversas expressões, Deckland e o sobrinho deram os parabéns à moça.

Eric Hampton corou, suas veias da testa estavam inchadas. Ele apertou os punhos e gritou:

— Você não pode fazer isso, entendeu! Não pode!

— Não só posso, como vou! Respondeu Sarah, secamente.

O homem deu as costas, resmungando. Exalava fúria; ao se afastar alguns metros, berrou novamente:

— Se depender de mim, isto nunca vai acontecer, ouviu? Nunca!

Enquanto assistia o filho retirar-se com passos rápidos, Clara Hampton esbravejou com ódio no olhar:

— Você cometeu um erro, mocinha. Trocou meu filho por um idiota

qualquer. Ninguém humilha minha família dessa forma.

Para o espanto de todos, que sempre tiveram Sarah Dryhill como uma doce menininha rica, esta retrucou com veemência:

— A senhora não tem direito de chamar meu noivo de idiota. E se o escolhi, é porque seu filho não teve a mesma competência para me deixar apaixonada por ele.

— Parem com isso! — Pediu o padre.

A ranzinza senhora engoliu em seco, olhou nos olhos da jovem e completou:

— Você vai se arrepender, sua egocêntrica mimada. Pode contar com isso!

Jéssica e o padre Loui acalmaram Sarah para que ela não respondesse mais aos insultos da senhora Hampton. Esta, por sua vez, foi-se embora, amassando o xale preto que carregava sobre os ombros.

Emma Mooley, nitidamente descontente com a notícia, ameaçou fazer algum comentário. O marido, percebendo o fato, interveio com a irreverência de sempre.

— Teremos festinha, comidas, bebidas, baralho e tudo mais?

— Claro! Terei imenso prazer em receber todos vocês. E, por favor, perdoem minha grosseria, é que esta senhora é de uma petulância inaceitável.

— Todos sabemos disso, querida — comentou a senhora Lewis, não conseguindo disfarçar sua desaprovação: — Mas confesso que esta notícia...surpreendeu a todos.

— Imaginava que isto aconteceria, por isso preferi manter o romance em segredo. Até o padre Loui, para quem conto tudo, sabia a história apenas por alto.

O padre sorriu e comentou:

— Realmente, minha filha, admito que não imaginava ser tão sério. Mas fico feliz por vocês.

Ele bateu com a bengala no chão e pediu:

— Bem, vamos entrar. Os outros fiéis estão esperando.

Reynold Deckland, ainda surpreso com as reações que tão banal notícia causou naquela pequena sociedade, apertou os ombros do sobrinho e despediu-se de todos. Quando se dirigia ao carro, foi abordado por Sarah Dryhill:

— Senhor Deckland, espero que não faça mau juízo de mim. Perdi a cabeça, até eu estou surpresa.

— Isso acontece, minha jovem.

— Gostaria imensamente que o senhor comparecesse à minha festa de noivado.

— Mas não conheço ninguém, Srta. Dryhill.

— Isso não importa, é meu convidado. E seria uma ótima oportunidade para nos conhecermos melhor; adoro casos de mistério e seria um imenso prazer ouvi-lo contá-los. Por favor, eu insisto.

Tamanha simpatia encantou o detetive:

— Prometo que farei o possível.

— Ótimo, conto com sua presença. — Sarah despediu-se e correu em direção à igreja, como uma garotinha alegre.

É tal qual uma felina — pensou Deckland: — bela, harmoniosa, elegante e extremamente cativante; porém imprevisível.

○ ○ ○ ○ ○

A missa transcorreu normalmente. Ao término, uma nova reunião se fez na grande porta dianteira.

Emma Mooley, com um sorriso amarelo, informou:

— Sarah, Phillip chega amanhã!

— Que bom! Há muito tempo não o vejo. Ele irá à festa, não irá?

— Acredito que sim. — Comentou Emma, baixando a cabeça.

— A senhora parece não ter gostado muito da notícia do meu casamento. Estou certa?

Roy Mooley interveio com uma gozação:

— Não se preocupe Sarah, no fundo Emma sempre acreditou que um dia você e Phillip se casariam. Mas é bem possível ele preferir ficar lendo livros de filosofia a se casar com uma jovem linda como você.

Roy Mooley encarou a esposa e comentou:

— Certamente Phillip não puxou a mim, é muito certinho e sistemático, mas acho que tudo isso é culpa da educação dele. Eu sempre fui contra essa ideia de estudar em colégios internos, mas Emma insistiu e sabe como é, eles sempre escutam mais a mãe. — soltando uma gargalhada, o homem completou: — Esses colégios deixam as pessoas loucas.

— Você é mesmo um idiota, Roy. — exclamou a senhora Mooley, furiosa: — Se dependesse de você ele certamente passaria o dia assistindo televisão e discutindo sobre hockey.

— Seria mais interessante — Retorquiu o gordo, rindo. Assim, não precisaria mais comprar ingressos.

— Acho que ele deve escolher seu próprio caminho. — Comentou Alfred Lewis tentando, sem êxito, amainar os nervos da senhora Mooley.

— Meu filho é um homem muito culto e tenho certeza de que ele seria um ótimo marido.

— Não vamos discutir sobre isso, gente. — comentou Sarah: — Todos sabemos que Phillip é uma ótima pessoa e certamente encontrará uma boa esposa.

— Tem razão. — Concordou Jéssica.

— Desculpem! Roy me tira do sério. — disse Emma, recebendo um sorriso do marido: — Bom, até logo, estou um pouco cansada.

— Nós já vamos também. — Despediu-se Elizabeth Lewis.

Todos se retiraram, com exceção de Sarah Dryhill, que ficou para conversar com o padre Loui.

Os dois sentaram-se em um banco de pedra que ficava no jardim ao lado da igreja. O ambiente era de tanta paz que fez Sarah recobrar a tranquilidade.

— Por que Peter não veio à igreja hoje, Sarah?

— Ele sabia que as pessoas iriam ficar falando e fazendo perguntas e preferimos não criar mais confusão. Mas ele quer conversar com o senhor. Que tal passar o dia conosco amanhã?

— Você conhece este rapaz, realmente?

— Sim, padre. Ele é um homem maravilhoso. Não entendi o motivo dessa pergunta, pois o senhor também o conhece relativamente bem.

— Realmente o conheço e o considero um rapaz muito bom, mas o matrimônio é uma coisa séria. A união de duas pessoas com a benção de Deus é muito importante e fico muito triste em ver que isto, hoje em dia, é algo considerado banal, as pessoas se casam por impulso, sem se conhecerem bem e se separam como se estivessem rescindindo um contrato.

— Entendo sua preocupação, mas nós realmente nos amamos.

— Sendo assim, terei imenso prazer em unir duas pessoas tão queridas. — Disse o padre, abraçando a jovem.

— Então, passará o dia conosco amanhã?

— Infelizmente, tenho muitos afazeres na igreja durante o dia, mas poderei ir assim que terminar.

— Claro! Não queremos incomodá-lo.

— De maneira nenhuma. Farei o possível para terminar o quanto antes.

A conversa se prolongou, enquanto Sarah pedia opiniões sobre a festa e flutuava de alegria.

Capítulo 4

O dia seguinte

O dia amanheceu encantador. O sol, que outrora era um simples coadjuvante, aquecia o vilarejo, derretendo as gotículas de água congeladas nas folhas dos pinheiros, e os animais davam o ar da graça, à procura da luz solar. Um verdadeiro espetáculo da natureza!

— Acorde, Christopher, seu tio está chamando.

— Obrigado, Dona Maria. Onde ele está?

Dona Maria era uma senhora negra, de idade avançada e simpatia contagiante. Brasileira de nascença, tornou-se o xodó do detetive, que fora ao país em férias e a conheceu; desde então, trabalhava para ele. Christopher, olhando o faceiro sorriso dela, acordou de ótimo humor.

— Ele está encilhando os cavalos, mas você só vai depois que comer. Preparei um super café da manhã, com de tudo um pouco, já que ainda não sei bem do que você gosta e é preciso estar bem alimentado para acompanhar seu tio. — Solto uma gostosa risadinha, retribuída pelo rapaz.

— A comida da senhora é excelente.

— Obrigada, é porque faço com carinho.

— Quer dizer que, se não gosta de alguém, a comida é ruim? — Brincou Christopher.

— Não! Quer dizer que quando eu gosto é melhor ainda.

Enquanto o jovem selecionava suas roupas, perguntou curioso:

— É verdade que a senhora trabalhou para o senhor McLeon? Como ele é?

— Ah...ele é como seu tio diria: formidável.

Os olhos dela brilhavam ao falar do homem. A admiração que todos sentiam por ele aguçava o interesse do jovem em conhecê-lo.

— Muito bem, vamos comer, Dona Maria, estou ansioso pelo seu café da manhã.

Dryhill

O telefone tocou na casa de Sarah Dryhill. Joseph, o mordomo, atendeu prontamente.

— Com licença, senhorita, a Srta. Lewis ao telefone.

— Oi, Jéssie.
— Oi, amiga, que tal darmos uma volta? O dia está tão bonito hoje!
— É verdade, mas fiquei de visitar o Senhor Vernon. Vai comigo?
— Você está louca? Sabe que eu morro de medo dele.
— Besteira sua, isso tudo é porque você fica escutando fofocas de quem não tem mais o que fazer.
— Mesmo assim eu tenho medo.
— Vamos fazer o seguinte, eu vou convidá-lo para minha festa e te ligo quando voltar.
— Tudo bem. Acho que vou ficar um pouco na cama. — Disse a moça rindo.
Sarah desligou o telefone e foi até a cozinha. Lá, a governanta, com sua extrema eficiência, dava as últimas instruções sobre o almoço. Secamente, a jovem disse:
— Meleine, se Peter ligar...diga-lhe que fui à casa do senhor Vernon.
A governanta respondeu no mesmo tom de voz:
— Sim, senhora.
— Ah, liguei para outros convidados e se algum deles retornar a ligação deixe tudo anotado.
A senhora fez menção de positivo.

Vernon

Edgard Vernon estava sentado em uma pequena cadeira no meio do grande hall de entrada. Debruçado sobre uma mesa redonda, o homem, por volta dos 65 anos, aguardava pacientemente a jogada do seu tabuleiro eletrônico de xadrez, enquanto falava com seu adversário imaginário:

— Eu já saberia que jogada fazer se estivesse no seu lugar, Mr. Chip.

A cena era estranha; o piso de mármore, preto e branco, lembrava um imenso tabuleiro de xadrez. O hall tinha poucos móveis, de madeira escura envernizada. Exatamente no centro do salão estava a pequena mesa de jogo. A imagem do jogador, vestido com um colete de lã preto sobre uma camisa branca e com os cabelos completamente grisalhos, perfeitamente penteados para trás, era realmente assustadora. Quem não soubesse que ele estava jogando xadrez com um tabuleiro eletrônico, certamente pensaria que o homem conversava com fantasmas.

A campainha tocou; quase simultaneamente, a luz piscou no tabuleiro, indicando a jogada da máquina. Edgard Vernon concentrou-se por poucos

instantes, passeando o olhar enigmático sobre o tabuleiro e exclamou triunfante:

— Bem, senhor Chip, acho que a campainha tirou sua concentração.

Levantou-se, moveu sua rainha e finalizou:

— Xeque-mate, Mr. Chip.

O homem abriu a porta e lá estava Sarah, linda como sempre. O vento matinal fazia com que os cabelos negros esvoaçassem realçando ainda mais o resto perfeito. A jovem sorriu. Edgard Vernon, que sempre se deu muito bem com a moça, respondeu o sorriso e a convidou para entrar.

— Olá, Srta. Dryhill, é muito bom vê-la novamente. Entre, vamos conversar.

Ao ver o tabuleiro a jovem comentou:

— Vejo que acaba de ganhar um jogo.

— É verdade, o senhor Chip não consegue manter a concentração. Deixa-se influenciar facilmente pelos meios externos. Um péssimo defeito para um jogador. — Comentou rindo.

— Espero não estar incomodando.

— Absolutamente! É muito bom conversar com a senhorita e saber o que acontece no mundo lá fora.

— Pensei que o senhor não se interesse por ele. Afinal, está aberto a todos.

— Tem razão! Acompanho as coisas pelos meios de comunicação, entretanto prefiro a paz do lar. Esse mundo está cada vez pior.

Ele a levou à sala de visitas. Esta sim, era bem mobiliada e bastante aconchegante, apesar das cores escuras da decoração.

— Sente-se, minha jovem, gostaria de beber algo?

— Não, obrigada, vim aqui para lhe dar uma notícia e lhe fazer um convite.

— Ah! Então só por isso veio me visitar? Este velho não é uma boa companhia, certo? — Disse o homem, sorrindo.

— O que é isso, Sr. Vernon? Sabe que gosto muito do senhor.

— Estou brincando. Então, me conte a novidade.

— Vou me casar e gostaria muito que o senhor comparecesse à minha festa de noivado.

— Desculpe a indiscrição, mas poderia saber quem é o felizardo? Sabe como é, eu não tenho muita intimidade com as pessoas e nem sabia que a senhorita estava noiva.

— Não se preocupe, ninguém sabia. É com Peter Willtolk, meu instrutor de equitação.

— Sinto muito, mas não o conheço.

— Não se acanhe, senhor Vernon, foi uma coisa que mantivemos em segredo.

— Ah, bom! Estava até com vergonha de não saber que você tinha noivado.

— Não há problema. Ele é um bom homem.

— Espero que seja. Não gostaria de vê-la infeliz.

— E não verá. — falou sorridente: — Então o senhor vai?

— Sabe como é, Sarah, apesar de morar em FeetMountain há 4 anos, não conheço as pessoas da cidade; elas acham que sou um fantasma ou serial killer, poderia causar um clima ruim na sua festa.

— De modo algum, eu gosto do senhor e o convidei. Se alguém se opuser, esse alguém que vá embora.

— Nesse caso, ficarei muito feliz em compartilhar um momento tão especial na sua vida.

A jovem deu um pulinho de alegria.

— Que bom! Bom mesmo, gosto muito do senhor.

— Obrigado! Sabe que também sou muito afeiçoado à senhorita.

— Vamos jogar uma partida? Melhorei bastante desde a última vez.

— Então vai ser difícil de eu ganhar.

— Não melhorei tanto assim. — Brincou a jovem.

Enquanto Edgard Vernon a ensinava a jogar, dando-lhe várias chances, ela lhe contou as novidades.

Lewis

Elizabeth Lewis colocava a mesa do café matinal, quando Alfred entrou na sala. Uma feição irritada fazia contraste com o belo rosto da mulher. Seus olhos azuis fitaram o marido e ela perguntou, impaciente e em voz alta:

— O que foi, afinal? Desde ontem, você não diz uma palavra.

O homem de rosto enrugado e traços fortes encarou a esposa, com firmeza:

— Não grite! Jéssica está dormindo.

— Então diga logo o que você tem.

— É você quem tem de dizer, foi um ato de muita falta de educação o que você fez ontem.

— Eu? O que fiz?

— Você acha que as pessoas não perceberam sua cara fechada, quando soube da notícia? Como se já não bastasse aquela velha, você tinha que estragar o momento da moça...Eu juro que não vejo motivo para sua atitude, uma menina tão doce, amiga da Jéssie. Você tinha é que ficar feliz por ela.

— Você é mesmo muito ingênuo, Alfred...será que não percebe que se esse casamento acontecer tudo vai mudar?

— Mudar o que, mulher, você está ficando maluca?

Elizabeth descontrolou-se completamente, seu rosto corou de raiva e ela gritou:

— Eu vou perder tudo, entendeu? Tudo! Sarah com certeza vai embora daqui, esquecerá Jéssica e vai tudo por água abaixo: meus sonhos, meus planos, tudo, entendeu?

Alfred Lewis começava a entender o que sua esposa lamentava. Elizabeth sempre fora uma mulher materialista e o medo de perder os presentes que ela e Jéssica ganhavam da jovem rica a fizeram perder o controle. Alfred percebeu isso, mas a atitude fora excessiva, a situação havia saído do controle. O homem que sempre foi contra a amizade por interesse e os presentes que eram dados por Sarah Dryhill, estourou e esbravejou dando um forte soco na mesa:

— Essa moça já trouxe muitos problemas para essa família: a inveja, veneração e desavenças...pra mim chega, não vou mais aturar isso, está ouvindo? Dei muito duro pra ter o que tenho e educar minha filha e nem você nem ninguém vai fazer dela uma mimada interesseira.

Ele respirou fundo e concluiu com voz irada:

— Mas não vão mesmo!

— Não vão o que, pai?

Alfred Lewis virou-se e viu Jéssica parada na porta. Vestida com um robe rosa, de seda, que lhe fora dado por Sarah Dryhill, a moça, ainda com o rosto inchado de sono e olhar curioso, repetiu a pergunta:

— E então, pai, não vão o quê?

— Há quanto tempo você está aí?

— Acabei de chegar... e então?

— Nada importante. Vá trocar de roupa.

Ele olhou para filha de cima a baixo, seu olhar misturava raiva e tristeza ao ver aquele robe. Apesar de vê-lo diariamente, naquele dia era como uma tortura para ele. Antes que a filha pudesse perguntar mais alguma coisa, o

homem saiu porta afora de punhos cerrados.

Mooley

A campainha soou quando o senhor e a senhora Mooley saboreavam um reforçado café da manhã. Ao ouvir o som o rosto da mulher tornou-se radiante, ela levantou-se e gritou para empregada que se dirigia à porta:

— Pode deixar, deve ser o Phillip. Eu mesma atendo.

Emma Mooley saltou como um gato em direção à porta. O marido a acompanhava com o olhar, achando graça da esposa:

— Corra ou ele vai embora.

Ao abrir a porta, o sorriso daquela mãe tornou-se ainda mais expressivo, os olhos estavam tomados por lágrimas de alegria. A sua frente, o homem de 27 anos abriu os longos braços para ela. Phillip Mooley, com um rosto pálido e infantil, trajava um terno impecável sobre o corpo alto e franzino, bem ao contrário do pai.

— Como é bom vê-la, mamãe.

— Meu Deus, filho, ainda bem que você chegou, eu já não aguentava mais de saudades. — Disse Emma passando a mão sobre os cabelos castanhos e perfeitamente aparados do rapaz.

Agarrada ao filho, a Sra. Mooley levou-o até a sala. O rapaz soltou as malas no chão e abraçou o pai, que o esperava de pé.

— Veja quem está aqui. — disse o gordo dando um tapinha no rosto do filho: — Pensei que já tivesse esquecido que tem família. Sua irmã, por exemplo, nos abandonou de vez.

— Que é isso, pai, ela sempre liga e manda e-mails pra vocês.

— Pois é, mas ela não nasceu de uma droga de aparelho de telefone ou de um computador, ela poderia ter mais consideração comigo e sua mãe. — soltou uma risada e continuou: — Na verdade não tenho muita certeza, acho que já vi um código de barras tatuado nela. Estou brincando, filho, ela tem mais é que seguir a vida dela, mas aparecer de vez em quando não é má ideia.

— Tem razão, pai, mas ela virá breve. — respondeu, sorridente, Phillip: — E as novidades?

— Novidades? Em FeetMontain? Ah, isso aqui é sempre o mesmo tédio.

— Não dê ouvidos a ele, filho — exclamou Emma, que havia levado as malas do jovem para o quarto. — Seu pai só sabe de hockey. Sente-se, vou lhe contar as fofocas.

Ela realmente o fez. O rapaz não ia para casa há um ano e meio e a mãe

contou cada detalhe desse tempo, nada que já não lhe contara por telefone, mas ele ouviu atentamente, como se tudo fosse novidade: a chegada de Reynold Deckland, os novos imóveis comprados pela família, os rumos da economia canadense e, claro, as fofocas normais em qualquer lugar pequeno.

Após algumas horas de conversa e litros de chá, ela parou, hesitou por um instante e disse:

— Você não sabe a notícia que tivemos ontem. Uma bomba!

— Então diga, mamãe.

— Sarah vai-se casar... com o professor de equitação. Lembra-se de que lhe contei por telefone sobre ela estar tendo aulas?

— Lembro-me sim! É mesmo sério?

— Claro! — interveio o pai: — Ninguém se apresentou. Eric Hampton bem que tentou, mas ela o chutou, você, que sua mãe sempre quis que se casasse com Sarah, prefere livros a mulheres.

— O que disse? — Perguntou Phillip, levantando-se da cadeira.

— Estou brincando, rapaz, é que você sempre preferiu estudar a namorar, não é verdade? Não quer dizer que você não goste de mulheres...graças a Deus.

O jovem chutou a cadeira, furioso, o rosto pálido e delicado tornou-se vermelho e com uma expressão de ódio nunca vista antes por seus próprios pais.

— Eu estava investindo no futuro, estudei muito para ser o que sou hoje, e sou o melhor, terminei a faculdade em 1º lugar e fiz valer a pena. Já tenho um emprego garantido e um futuro. Não sou obrigado a ouvir essas ignorâncias.

Roy Mooley olhou surpreso para o filho e levantou-se, falando alto:

— Ei, rapaz, quem você pensa que é para elevar o tom de voz comigo? Você nunca precisou de dinheiro, podia ter curtido um pouco mais a vida. Mas não, quis ser o melhor, não é? Pois hoje você é o melhor e do que adiantou? Isso só piorou as coisas, nunca se dedicou a um esporte, frequentou festas ou apresentou uma namorada para nós. Vive incrustado nesses terninhos, com essa cara pálida de quem nunca viu o sol. Nem respeitar seus pais você respeita mais, estou realmente surpreso e decepcionado com você.

— Roy, não seja...

— Tudo bem, mamãe, ele quer falar, vai ter que ouvir também. Estou cansado de ser o filho bonzinho. Olhou fixamente o pai e continuou — Você acha que sou um cdf, que só penso em estudos, certo? Acha que não tenho

competência para conquistar uma mulher, mas está enganado, sou um vencedor e não perco em nada do que faço. Mulheres gostam de homens inteligentes e tenho certeza de que em cinco minutos de conversa posso fazer Sarah mudar de ideia.

— Você está brincando, não é, Phillip? — retrucou o pai: — Mulheres gostam de homens inteligentes sim, mas decorar a enciclopédia não basta. Veja o caso do noivo dela, pelo pouco que o conheço, posso ver que tem boa educação; entretanto, sabe mais do que aprendeu nos livros, é um professor de equitação. Você nem mesmo sabe montar a cavalo, meu jovem.

— E logo você vai me dizer isso? Vive sentado em frente à TV, bebendo e falando besteiras...

Roy Mooley sempre fora um homem calmo, mas ver o próprio filho o insultando daquela maneira tirou-lhe a paciência. Levantou-se num súbito acesso de raiva. O filho afastou a mãe que tentava segurar o marido e continuou, com o olhar indiferente:

— O que vai fazer, me bater?

— Acho que foi isso que faltou na sua educação, sua mãe sempre o tratou como um rei, por isso você se tornou o garoto mimado e prepotente que é. E é muito prepotente mesmo, acha que Sarah Dryhill vai trocar o noivo por você? Seja realista! Você pode ser o melhor nos estudos, com mulheres a coisa é bem diferente, rapaz.

— Ótimo! Vamos ver então. Eu vou fazer ela desistir dele e se casar comigo, e não porque sinto alguma coisa por essa moça. É só para provar pra você que eu sou muito mais do que pensa. Nunca perdi e não será dessa vez.

— Acho que você está com problemas psicológicos, rapaz. — Disse Roy Mooley, rindo, o que causou mais revolta no filho.

— Eu não vou ficar aqui ouvindo isso, é sempre assim, foi assim a vida toda e nunca vai mudar, você sempre me cobrando as coisas e nunca ficando satisfeito com as que conquisto.

— Acho que você se confundiu, Phillip, quem sempre lhe cobrou foi sua mãe. Queria você em colégio interno, via seu boletim, essas coisas...eu, a única coisa que pedi a ela e a você foi que tivesse uma vida normal, como a de qualquer pessoa normal, dividindo os estudos e responsabilidades com o lazer e o resto.

— Você não sabe o que fala, Roy! — interveio a mulher: — Ele é um homem feito e você não tem direito de tratá-lo como criança.

— Bom, dois contra um, pensem como quiserem. — antes de o filho sair

da sala ele concluiu: — A propósito, rapaz, se você odeia tanto perder, nem tente fazer a besteira de falar com aquela moça, ou você vai ter uma derrota imediata e, do jeito que está mudado, é capaz de pirar de vez.

Subindo a escada com pressa e passadas firmes, o jovem respondeu:

— Pode falar o que quiser. Mas lembre-se: nunca perco.

O espanto era evidente no rosto do casal. A mãe tentou defender a cria:

— Sempre tem que provocá-lo? Um dia ele tinha que explodir.

— Não me venha com essa, Emma, é inadmissível a arrogância dele. Acho que ele está realmente com problemas.

— Concordo que ele mudou, nunca imaginei uma atitude dessas do nosso filho. Por outro lado, acho que foi coisa de momento e quem sabe ele realmente fala com Sarah Dryhill e consegue fazê-la mudar de ideia.

O sorriso contido da mulher indignou ainda mais Roy Mooley, que saiu resmungando:

— Meu Deus, acho que essa menina deveria se mudar daqui para poder casar em paz. Nem a felicidade dos outros vocês respeitam.

Hampton

Já na metade da manhã, Clara Hampton ouviu o som do carro estacionando na garagem. Foi até a porta da frente e viu seu filho descendo do veículo, com expressão fechada e uma sacola dourada na mão.

— Onde você estava, Eric? Quando acordei você já havia saído, fiquei preocupada.

— Sem motivos, mãe! Fui à Revelstoke. A propósito, nem imagina a coincidência, encontrei Peter Willtolk, o famoso instrutor de equitação.

— Está brincando?

— Não! Eu estava em uma loja quando ele entrou, tentou fingir que não me viu, mas acabou me cumprimentando depois.

— E o que você comprou, afinal?

— Nada demais, é só uma caixa de bombons com licor, que Sarah adora. — o doutor retirou da sacola uma caixa vermelha em formato de coração e concluiu: — Afinal, não podemos ir a uma festa de noivado sem levar algum presentinho.

— O quê? Festa? Não vamos a essa festa!

— Claro que vamos, mãe, somos pessoas educadas.

— Você está muito estranho, Eric, o que aconteceu?

— Já disse, está tudo bem.

Eric Hampton jogou a caixa sobre a mesa e dirigiu-se à cozinha.

— Só mais uma coisa, filho...

— Diga!

— O tal Peter viu você comprar isso?

— Na verdade, eu traria uma caixa normal, mas quando ele entrou na loja não pude perder a oportunidade de trocar por uma de coração. Ele não olhou para minhas mãos, na verdade quase nem olhou pra mim, mas acredito que viu, sim. Por quê?

— Não arrume confusão com esse rapaz, deixe ele pensar que está tudo bem.

— Pensar? Está tudo bem! É só uma lembrança carinhosa, nada mais. — depois de um sorriso cínico o rapaz concluiu: — São meus votos de felicidades aos dois.

Encontro

Sarah voltava da casa de Edgard Vernon, caminhado lentamente; parecia flutuar de alegria. A jovem vinha pensando na festa, no noivo e em tudo de bom que estava acontecendo em sua vida, quando foi abordada por Philip Mooley. Ela pareceu despertar de um sonho e após um pulo involuntário pelo susto sorriu e disse:

— Desculpe-me, não o vi chegar. É muito bom vê-lo, Phil.

— Eu é que peço desculpas por interromper seus pensamentos. — Comentou o jovem, mesclando na voz um tom de decisão e medo. Ele olhou fixamente para Sarah e perguntou:

— Soube que vai se casar, é verdade?

— É sim, e é muito bom que você tenha chegado, assim poderá ir à minha festa de noivado amanhã.

— Agradeço o convite, mas...tenho uma proposta a lhe fazer antes.

— Proposta? — Perguntou ela sorridente, com a curiosidade peculiar a qualquer mulher.

O rapaz fez uma expressão séria, respirou bem fundo e citou a frase que tanto treinara:

— Quero que esqueça este desatino e se case comigo.

Ela arregalou os olhos:

— Está brincando?

— Nunca falei tão sério em toda a minha vida. Eu sou um homem inteligente, culto, além de ter uma situação financeira infinitamente superior à

do tal instrutorzinho. Sem contar que tenho certeza de que posso lhe fazer muito mais feliz do que ele.

— Estou espantada com o que você disse. Logo você, Phillip, uma pessoa tão querida e educada. Nunca esperei uma atitude tão arrogante da sua parte e como prezo muito a nossa amizade, vou entender isso como uma brincadeira de mau gosto.

Ela fez uma pausa, mas o sangue pareceu ferver-lhe nas veias e a moça concluiu com decisão:

— E nunca mais, nunca mais insulte o meu noivo. Eu não me casaria com você sob nenhuma condição, muito menos trocaria o homem que amo por você.

— Você está me desprezando? — Disse ele, furioso.

— Não, apenas sendo sincera. Não vamos mais falar nisso, não quero perder a sua amizade e do jeito que estou nervosa é isso que vai acontecer, se não esquecermos o assunto agora mesmo. Além do mais, foi só uma brincadeira. — Sarah Dryhill deu um sorriso amarelo, tentando disfarçar.

Phillip Mooley estava inconformado, mas não disse nada ao ver a moça se afastar. Ela olhou para trás e falou:

— Conto com sua presença amanhã.

Aquilo era a gota d'água. Quando Sarah se afastou, o jovem enrubesceu, começou a tremer violentamente, suas veias da testa estufaram, socou o ar e esbravejou em voz baixa:

— Sua mimada medíocre, pensa que pode me humilhar e sair assim, ilesa, disfarçando e sorrindo? Não, não pode!

Capítulo 5

A aparição

Anoite começou a cair em FeetMountain, a lua cheia se apresentava imensa, os picos das montanhas recortavam o céu. O silêncio era quebrado pelos uivos dos lobos na floresta, o que tornava a noite ainda mais esplendida e assustadora.

Sarah sentia-se bem melhor agora. Estava em casa, aquecida e longe dos incômodos encontros do dia.

— Eu vou subir e me arrumar. Alguém ligou, Meleine?

— Sim, senhora! Anotei os nomes e deixei em sua mesa. O senhor Gardner avisou que tem alguns assuntos a resolver e se der tempo vem ainda hoje.

— Ligue para ele, por favor.

— Está na secretária eletrônica — disse a senhora, após cumprir a ordem:

— Quer deixar algum recado?

— Não, tudo bem. Se Peter ou o Padre Loui chegar, me avise.

— Sim, senhora.

Às 20:15 Meleine, bateu na porta da patroa:

— Sim?

— O Padre está aqui.

Alguns minutos depois Sarah Dryhill desceu as escadas, irradiando sua beleza. Após pedir benção ao padre, abraçou-o carinhosamente.

— Olá, padre Loui.

— Oi, minha querida. Que linda casa. — Comentou o homem percorrendo, o olhar pela mansão.

— É verdade, o senhor nunca tinha vindo aqui antes. Que falta de educação minha não tê-lo convidado.

— O que é isso? Você sempre foi me visitar na igreja, não tinha necessidade de me convidar.

— Mas sabe que sempre foi bem-vindo aqui, não sabe?

— Claro que sim.

— Então agora terá que vir mais vezes me visitar. — Falou a moça, com um sorriso encantador nos lábios.

— Será um prazer, mas não vai deixar de ir me visitar também.

— Combinado! O que o senhor acha de conversarmos no jardim? A noite está tão bonita hoje.

— Claro, como você preferir.

— Então, vamos. — Disse a jovem sorrindo, enquanto dava o braço ao padre.

Sarah optou por não acender a luz do enorme jardim, já que a lua cheia o iluminava esplendidamente. A grama bem aparada era cercada por uma redoma de pinheiros que pareciam ter sido plantados com aquele objetivo. Não havia cerca ou muro; era como estar em uma clareira no meio da floresta. Sarah escolheu o banco mais próximo aos pinheiros para sentarem-se:

— Adoro ouvir o som dos animais, padre Loui.

O padre engoliu em seco e sorriu, não conseguindo disfarçar que preferia estar em um lugar quente, bem iluminado e principalmente sem lobos uivando.

— Ansiosa para o casamento, querida?

— Um pouco, muita coisa deve ser acertada antes.

— Onde está o jovem Peter?

— Já deve estar chegando. — Disse entusiasmada.

— Vejo que está bem segura do que quer. Por outro lado, parece que algo a incomoda.

— Tem razão, eu vou me casar e nada vai mudar isso. Mas o que me irrita são as pessoas, falam demais. O senhor acredita que, hoje, Phillip, o filho dos Mooley, chegou e me pediu pra esquecer tudo e casar com ele?

— Phillip? Não sabia que ele se interessava tanto por você. Sempre foi reservado, nunca deixou transparecer nada.

— Eu também nunca podia imaginar. Gosto dele, sempre nos demos muito bem, por isso fingi que entendi como brincadeira.

— E o que seu noivo pensa disso?

— Ele nem imagina, prefiro deixá-lo de fora. Se ele soubesse tudo o que me disseram hoje, com certeza iria propor adiar o casamento para me poupar.

— Fez bem, as pessoas são assim mesmo, não estão acostumadas com notícias repentinas. Acho que, no fundo, só agem assim pelo impacto da notícia.

— Espero que sim. — A jovem olhou por sobre os ombros do padre e sorriu.

Ao virar-se viu Peter Willtolk saindo dos fundos da casa. Ao seu lado, a

cadela samoieda:

— Olhem quem veio comigo.

O formoso animal correu para os braços da dona.

— Sua benção, padre.

— Deus te abençoe, meu filho.

O jovem deu um forte abraço na noiva.

Depois de alguns afagos, Laika deitou-se aos pés de Sarah.

— Como as pessoas reagiram à notícia? — Perguntou Peter, segurando a mão da noiva.

— Bem...na medida do possível.

— Por falar nisso, encontrei Eric Hampton em Revelstoke. Ele estava comprando uma caixa de bombons com licor. O pior é que vêm numa daquelas caixas vermelhas em formato de coração. Seria um insulto se aquele sujeito lhe desse isso na nossa festa de noivado.

— Não se preocupe com ele. Sabe que eu gosto desses bombons, não deve ter tido maldade em comprá-los. Na verdade, acho um bom sinal, significa que está aceitando a ideia.

— Mas tinha que ser em formato de coração? — Questionou o jovem.

— O coração tem vários significados. — retrucou o padre: — Não quer disser exatamente o que você está pensando, pode ser apenas uma forma de carinho.

— Seja como for, eu não gostei. Acho que ele me viu, mas fingiu que não; eu fiz o mesmo.

Sarah interveio:

— Eu acho que você deve deixar de ser bobo, eu amo você e só você, Peter, e é isso o que importa.

— Tem razão, desculpe.

Meleine, como em todos as noites por volta das nove horas, saiu para checar o quintal e colocar suas plantas para dentro. Mas naquela noite, aquilo era um pretexto para dar à patroa o suéter que carregava nos braços.

— Sarah, está muito frio, trouxe um agasalho para você.

A moça comoveu-se com o olhar triste da governanta e aceitou.

Subitamente, a cadela levantou a cabeça, com as orelhas ao alto e fixou olhar na floresta. As narinas farejavam alguma coisa, ela saltou para trás e começou a latir freneticamente.

— Deve ser um animal que ela está farejando. — Comentou Peter Willtolk.

— Meu Deus, talvez um lobo. — Disse o padre tremendo.

Sarah, assustada, abraçou as costas do noivo e segurou a cadela.

— Acalmem-se. — disse ele: — Não é nada, se for um animal eu o espanto.

O jovem sorriu e foi em direção aos pinheiros. Quando deu o segundo passo, o que viu lhe arrepiou a espinha. Um vulto, usando um manto negro com capuz, estava parado ao lado de uma árvore. A penumbra e a neblina não lhes permitia ver um rosto, ou nada além de uma silhueta aterrorizante. Um vento gelado pareceu invadir o corpo de cada um; só o medo estava presente. Os três ficaram paralisados por alguns segundos, enquanto o que estava em sua frente parecia encará-los, imóvel. De repente, parecendo andar de costas, floresta adentro, a imagem começou a desaparecer sendo ofuscada pela neblina, em poucos segundos nada mais podia ser visto, mas o terror ainda se fazia presente em suas almas. Nenhuma reação aconteceu da parte dos espectadores, pareciam congelados; aqueles assustadores segundos pareceram horas para eles.

Peter abraçou Sarah e perguntou:

— Jesus Cristo, você viu aquilo? Seria um ladrão?

Sarah sempre fora uma mulher forte e sentia-se na obrigação de controlar o medo.

— Creio que não, ladrões não são comuns em FeetMountain. Talvez alguém que quisesse falar comigo, se assustou ao ver você e resolveu ficar escutando a conversa. Sabe como as pessoas são enxeridas aqui.

— Se alguém quisesse falar com você, Sarah, não estaria usando um manto negro e se esgueirando na escuridão da floresta. Teria entrado pela porta da frente.

O padre, apavorado, desabafou:

— Seja lá o que for, era bastante sinistro. Devia estar escutando nossa conversa e fugiu quando foi descoberto.

— Meu Deus! Vocês estão me assustando. Vamos entrar.

Capítulo 6

A festa

Na fria manhã seguinte, Sarah Dryhill recebeu seu advogado, Thomas Gardner, ao redor da grande lareira que aquecia a sala de visita.

O homem, por volta dos quarenta anos, estava de pé em frente ao espelho. Sempre muito bem vestido, alisava os cabelos quase grisalhos, que faziam um estranho contraste com seu rosto ainda bem jovem.

— Não se preocupe, senhor Gardner, a idade ainda não o atingiu. — Comentou Sarah, entrando sorridente.

— Obrigado, Srta. Dryhill. Desculpe-me por não ter vindo ontem. Quando terminei o trabalho já era tarde e não quis incomodá-la. Sabe como é meu ofício, estamos sempre atrás de documentos, etc.

— Não se preocupe, eu entendo. Vamos ao trabalho.

— Certo, trouxe tudo que a senhorita pediu, mas não creio que seja de muita utilidade. A senhorita sabe bem como funciona a divisão dos bens.

— Sim, quanto a isso já me decidi, vou casar com comunhão total de bens. Mas existem outros pontos a serem estudados.

— Como sempre, segura! — comentou o advogado: — E sabendo que adora estar a par de tudo, trouxe-lhe bastante papelada.

Sarah Dryhill sempre fora uma mulher forte, decidida e esperta, nunca assinava nada sem ler e reler antes. Para Thomas Gardner isso era importante, porém, um pouco tedioso. Enquanto esperava, o homem apreciava os quadros, apesar de já conhecer cada detalhes deles e de toda a sala, pensava em quantas horas somadas já havia passado naquele lugar enquanto sua cliente estudava papéis.

○ ○ ○ ○ ○

Nos dois dias que se seguiram, Sarah dedicou-se exclusivamente aos preparativos da festa. Em sua casa, recebera apenas o padre e a amiga Jéssica Lewis.

Enquanto tudo era detalhadamente arrumado, a cidade aguardava ansiosa o momento do grande e polêmico evento. E eis que era chegada a grande noite! A lua cheia novamente surgira fascinante e desta vez com as estrelas em sua totalidade, dando um toque ainda mais fantástico ao lugar.

O salão estava perfeito. Cristais brilhavam sobre as várias mesas

distribuídas pelo grande hall da mansão. Os empregados estavam muito bem vestidos e atenciosos. Meleine, a pedido da patroa, vestia-se como uma ilustre convidada, mas não conseguia desligar-se de sua função; passava todo o tempo instruindo os empregados.

Por um instante, até o relógio parecia ter parado; o silêncio era total. A noiva descia as escadas usando um exuberante vestido longo, branco. No rosto, pouca maquiagem, já que esta não se fazia necessária. O colar de diamantes fora presente da mãe, igualmente os brincos e a pulseira, revestidos da mesma cobiçada pedra.

Ela sorriu e todos pareceram acordar. Os empregados continuaram a arrumar os últimos detalhes da decoração e analisar se algo estava errado.

Sarah dirigiu-se à governanta, que esperava algum convidado adiantado, no hall de entrada.

— Meleine, já são nove e meia, as pessoas vão começar a chegar. Peter prometeu chegar antes, ele não deu notícias?

— Ainda não, senhorita.

No mesmo momento Peter Willtolk chegou. Estava bem vestido, mas a gravata torta irou a governanta. O jovem parecia preocupado, ansioso.

— Que bom que chegou, já estava preocupada. — Disse a noiva.

— Tudo bem querida, cheguei a tempo! Tudo bem com você?

— Claro, meu amor. Tudo ótimo! Por que? Parece nervoso.

— Não foi nada. Acho que é natural um homem ficar meio tenso num dia como este. — Disse com um sorriso forçado.

Era comum pessoas levarem lembranças ou cartões com seus votos de felicidade. Sarah, sabendo disso e querendo evitar constrangimentos como a caixa de bombons, pediu a Meleine que ficasse na porta recebendo as pessoas e as lembranças que, porventura, trouxessem. Ela e o noivo ficaram um pouco mais atrás para dar as boas-vindas.

O padre Loui fora o primeiro a chegar; usava um belo smoking sob um sobretudo preto e um cachecol de seda. Naquela noite escolheu a bengala com cabo de marfim, a mais bela que possuía. Deu sua benção ao casal e ficou elogiando a arrumação da festa.

Os outros convidados foram chegando, entre eles, grandes homens de negócios, amigos e amigas de várias partes do país e, claro, uma grande parcela da pequena FeetMountain.

Os Lewis apareceram no horário. Jéssica e a mãe estavam impecáveis, já Alfred vestia um terno simples, porém limpo e bem passado.

Jéssica apressou-se em abraçar os noivos, demonstrando sua satisfação pela amiga. Meleine quase teve um enfarte com medo do vestido de Sarah amassar com tamanho abraço.

Em seguida, os Mooley. Como a maioria dos homens, Phillip e o pai vestiam smokings, o que não ficava bem no corpo franzino do rapaz. Este cumprimentou friamente o casal. Já Roy não hesitou:

— Sabe qual é a vantagem de serem noivos? É que ainda não são casados.

Ainda rindo, os noivos viram Eric Hampton e sua odiosa mãe entrarem. Peter percebeu Meleine pegando a caixa de bombons e a juntando com os outros presentes. A velha, vestida toda de preto, cumprimentou-os com um sorriso amarelo. O médico, por sua vez, espantou o casal:

— Meus parabéns! Espero que sejam muito felizes.

Os dois tapinhas dados nas costas de Peter e o sorriso do homem lhe causaram arrepios.

Ao entrar, o doutor logo foi abordado por Jéssica, que não o deixou sair da vista.

Por um instante, as atenções voltaram-se para Reynold Deckland, que entrava ao lado do sobrinho. Deckland vestia um terno muito alinhado, coberto por um sobretudo preto. Aproximou-se dos noivos e os parabenizou.

A jovem, apesar de conhecê-lo pouco, tinha um grande apreço pelo detetive.

— Com licença, Peter, preciso dar uma palavrinha com o senhor Deckland. Importa-se?

— Não, tudo bem. — O jovem aceitou, mas mostrou-se claramente descontente.

Deckland, meio desconcertado, pediu licença e seguiu a moça a um lugar vazio do salão.

— A festa está muito bonita — elogiou o detetive: — Diga, minha jovem, algum problema?

— Na verdade sim, senhor Deckland. Há dois dias estávamos conversando no jardim. A minha cadelinha farejou alguma coisa na floresta e, quando vimos, havia alguém entre as árvores e em seguida fugiu. Mas acho que estava ali desde que chegamos.

— E quem estava com a senhorita? Se me permite perguntar.

— Claro! Eu estava conversando com Peter e o Padre Loui e, Meleine tinha ido me levar um agasalho e recolher as plantas dela, como faz todas as

noites.

— E a que horas foi isso, mais ou menos?

— Umas nove horas.

— E como era essa pessoa?

— Não pudemos ver, usava um manto negro com capuz. Estava escuro e tinha muita neblina, não tínhamos acendido as luzes do jardim e só vimos o vulto mesmo. Sem dúvida foi algo aterrorizante. Tentei manter a calma, mas confesso que estou assustada. Será que era um ladrão?

— Ladrões não são comuns por aqui. Mas não está fora de cogitação, já que a senhorita, além de uma casa muito bonita, parece ter pouca segurança. Mas podem existir outras hipóteses?

— Sim, sem dúvida, pois muita gente ficou descontente com meu noivado. A princípio, achei que alguém tinha vindo falar comigo, mas é estranho demais vir pela floresta, não acha?

— Sim, com certeza. Talvez soubesse da conversa e quisesse escutá-la. A curiosidade humana vai longe. — Comentou Deckland, sorrindo.

— Eu que o diga! — brincou a jovem: — Mas falando sério, vou viajar logo após o casamento e tenho medo de alguém estar à espreita da casa e tentar roubá-la quando eu sair. Minha maior preocupação não é com os bens e sim com Meleine, ela é como uma mãe pra mim.

— A governanta, suponho!

— Isso mesmo. Desculpe, é que aqui todos sabem de tudo.

— Compreendo! E... em que eu poderia ajudar?

— Se alguma coisa ruim acontecer, o senhor me ajuda?

Deckland a fitou, embaraçado.

— Não é um caso, é só porque confio no senhor. Se alguma coisa acontecesse, pediria aos empregados para avisarem ao senhor e me ajudaria como pudesse.

— Tive uma empatia com a senhorita. Não costumo fazer isso, mas dou-lhe minha palavra que, se algo acontecer, farei o que estiver ao meu alcance para ajudá-la. Mas esperamos, é claro, que nada aconteça e tenha sido apenas um bisbilhoteiro.

— Muito obrigada. — agradeceu abraçando-o: — Assim fico mais tranquila.

— Veja, o senhor Vernon chegou. Com licença, senhor Deckland. — disse segurando-lhe as mãos: — Fique à vontade.

Sob o olhar espantado dos moradores de FeetMountain, Sarah Dryhill

abraçou o misterioso Edgard Vernon, que a parabenizou junto ao noivo.

A festa já estava em andamento, as pessoas comiam, bebiam e falavam. As mulheres do vilarejo se juntaram para analisar as roupas e joias das convidadas. Os homens riam e bebiam. Thomas Gardner aproveitava para conhecer os homens de negócios que estavam na casa.

Joseph serviu um Royal Salute especialmente para Reynold Deckland, que analisava o excêntrico senhor Vernon e seu terno vermelho sangue. Por algum motivo o ex-detetive achou que uma conversa com o homem seria interessante e logo que este ficou sozinho ele se aproximou.

— Boa noite, senhor Vernon.

— Boa noite. O senhor deve ser o detetive Reynold Deckland.

— Sim! Mas ex-detetive, por favor. — Corrigiu Deckland enquanto apresentava o sobrinho que chagara ao seu lado.

— Ouvi muito falar de seus feitos, detetive. Perdão, ex-detetive. — corrigiu com um discreto sorriso: — Eu morava em Londres quando o senhor resolveu um caso intrigante de conspiração no ministério inglês.

— Ah, sim! Me lembro. Mas não me recordo do meu nome ter sido divulgado.

— E não o foi, meu caro. Bem ao contrário do caso Riplekorth, em Paris.

O olhar de Edgard Vernon era penetrante, sinistro, pode-se dizer. Deckland o encarava com um sorriso no canto da boca e um olhar curioso.

Christopher interveio:

— O senhor é jogador de xadrez, não é?

— Bem, como diria seu tio, ex-jogador. Hoje jogo por prazer. Você se interessa por xadrez, rapaz?

— Gosto, mas não sei jogar. Meu tio é que às vezes se aventura em algumas partidas virtuais.

— Então, o senhor gosta de xadrez?

— Gosto, mas sou amador, jogo com um amigo pela internet. Só por distração.

— Quando quiser, estou sempre à disposição.

— O que é isso, senhor Vernon. Não teria nem graça jogar contra o senhor.

— Não por isso. É que aqui, fora Sarah, não conheço ninguém mais que goste de xadrez, ou de mim. — o homem riu: — Mas o jogo é só um pretexto para um bom papo.

— Sendo assim, concordo.

— Bem, combinado então, quando quiser é só ir à minha casa.

Apesar de algumas vezes parecer expressar um tipo de ironia na voz, Vernon mantinha-se sério e calmo. Seus olhos continham uma frieza peculiar a Deckland. Já vira isso nos olhos de muitos gênios, do crime ou não. Identificar se estava diante de um era difícil e em qual definição ele se encaixava, mais ainda. O ex-detetive preferiu manter uma conversa agradável e conhecer melhor o homem.

○ ○ ○ ○ ○

O exuberante salão estava repleto de pessoas. Os noivos puxaram a dança. A festa realmente superava as expectativas, tudo perfeito, à exceção de Clara Hampton, Philip e Emma Mooley, que se mostravam nitidamente descontentes. Elizabeth Lewis parecia inquieta desde o início, apesar de distribuir sorrisos forçados. O Dr. Hampton, contrariando as expectativas, sorria e conversava com os ilustres convidados, seguido de perto por Jéssica Lewis. Roy contava piadas, repreendido pelo padre, quando eram muito picantes.

Após algum tempo, já cansados de dançar, os noivos foram se sentar.

— O que foi Peter? Você está estranho desde cedo, parece assustado. Aconteceu alguma coisa ou é a festa?

— Eu fico meio deslocado, é muita gente esquisita. Mas nada demais, tudo bem!

— Então tente não ligar e se divertir; afinal, hoje a noite é nossa.

A moça voltou o olhar para algo diferente no chão. Devia ter caído há pouco tempo, Meleine não deixaria passar uma coisa assim. Sarah levantou-se e foi ao encontro do objeto, acompanhada pelo olhar aflito do noivo. Ao aproximar-se viu um envelope colorido no chão.

Meleine, que estava próxima, foi até a patroa.

— Meleine, eu já li este cartão?

— Creio que não, Sarah, eu nem o tinha visto ainda, todos estão junto aos presentes. De quem é?

— Não sei, não tem remetente no envelope, deve estar dentro. Vou ler.

— A propósito, quer que eu leve os presentes para cima?

— Pode ser, mas faça-o discretamente, não quero que os convidados tenham a desagradável sensação de que queremos encerrar a festa. Ao contrário, está só começando.

A jovem abriu o envelope distraidamente. Dentro dele, algo impessoal, um papel comum escrito no computador:

Você está sendo enganada. Peter Willtolk é um assassino frio e calculista. A ponto de tentar matar a própria irmã. E, como se não bastasse, ainda é viciado em drogas.

Como imaginei que você não acreditaria, coleí um recorte de um jornal inglês da época.

Escândalo na mansão Willtolk

Um empregado que não quis se identificar, afirma que o jovem Peter Willtolk, filho do empresário Roger Willtolk, o herdeiro de umas das maiores fortunas da Inglaterra, tentou assassinar a irmã, Jane, de 19 anos. Ele afirma que o acidente que deixou a jovem parálitica, fora, na verdade, uma tentativa de homicídio praticada por Peter. Jane teria descoberto que o irmão era usuário de heroína e ameaçado contar aos pais. Ele a teria empurrado da janela do segundo andar.

Segundo informações, Roger Willtolk tivera uma grave discussão com o rapaz e o teria expulsado de casa, bloqueado suas contas bancárias e dito a ele que nunca mais os procurasse.

A família nega o fato e diz que o filho havia viajado por conta própria, afirmando que tudo não passou de um acidente.

Sem queixa criminal, o caso fora encerrado. Entretanto, confirmou-se que realmente, as contas do jovem Peter Willtolk foram bloqueadas e ninguém sabe ao certo o paradeiro do rapaz.

Convencida agora?

Com os olhos trêmulos e cheios d'água, a moça dirigiu-se ao noivo:

— Peter, me acompanhe ao escritório.

O jovem a encarou, parecendo mais tenso que ela. Sem dizer uma palavra, seguiu-a cabisbaixo.

Entraram no escritório, logo ao lado do salão de festas. Lágrimas escorriam dos olhos da jovem. Ela tentava manter-se forte, limpou o rosto e jogou o envelope no homem:

— Isso é verdade? Responda! É verdade?

Ele passou a vista no papel.

— Eu...eu...

— Você mentiu. Mentiu o tempo todo. Disse que não tinha família, e sempre evitou falar nisso. Você me usou. Suma da minha casa e da minha vida, seu covarde.

Peter Willtolk virou-se e saiu sem dar explicações, batendo a porta com raiva. O barulho chamou a atenção de Meleine, que descia as escadas; ela apressou-se e, ao entrar no escritório, viu Sarah sentada no chão, chorando desesperadamente.

— Meu Deus! O que houve, querida?

— Você tinha razão, Mel. Sempre teve razão.

— Calma, calma. Me conte o que aconteceu.

— Depois, Mel, por favor. Peça desculpas a todos e diga que a festa acabou.

— Claro, mas fique calma.

Enquanto todos da festa viam o noivo deixar a casa, chutando os móveis, Meleine pediu para os músicos pararem de tocar. Logo as atenções voltaram-se para ela.

— Com licença, a Srta. Dryhill pede desculpas a todos, mas a festa acabou.

Jéssica correu em direção a Meleine, que a fez parar com um gesto manual.

O padre conversou com a governanta e foi ao encontro de Sarah.

O padre Loui entrou e, com dificuldade, ajoelhou-se ao lado da moça:

— O que foi, querida? O que aconteceu?

— Acabou, padre, acabou. — Exclamou a jovem, abraçando-o.

— Mas por que, querida? Estava tudo tão bem.

Sarah o olhou com carinho.

— Padre Loui, o senhor sabe que gosto muito do senhor e sei que quer o meu bem, mas agora não quero conversar. Venha aqui amanhã cedo e lhe conto o que aconteceu.

— Tudo bem, como você quiser. Você vai ficar bem?

— Vou sim, não se preocupe, só preciso ficar um pouco sozinha.

— Está certo, Sarah. — disse o homem beijando sua testa: — Amanhã bem cedo venho vê-la.

Quando o padre voltou ao salão, todos já haviam saído. Meleine tratou de não deixar ninguém incomodar a jovem, a não ser Jéssica, que ainda discutia com a governanta. O padre aproximou-se, pegou Jéssica Lewis pelo braço com carinho e disse:

— Ela ficará bem, amanhã vocês conversam. Ela precisa descansar.

— Boa noite, Meleine. Cuide dela. — Pediu o padre, saindo com a Srta. Lewis, que o enchera de perguntas e não recebera respostas.

Capítulo 7

O crime

Às nove horas da manhã seguinte, a campainha quebrou o silêncio da mansão. Joseph, o mordomo, abriu a porta, e exclamou retomando o fôlego.

— Que bom que chegou, padre Loui.

— O que houve? — Indagou apreensivo.

— Tentei acordar a Srta. Dryhill, mas ela não respondeu. Fico preocupado, pois isso nunca aconteceu antes. Ela tem o hábito de acordar cedo e, mesmo com os calmantes, tem o sono leve, basta uma batida na porta e pronto, ela se levanta.

O padre conhecia o hábito de Sarah, de tomar calmantes para dormir, mas sabia que isso não a impedia de se levantar cedo.

— Vamos até lá, onde está Meleine?

— Estranhamente, também está dormindo e, não quis preocupá-la.

— Fez bem.

Ginna, a cozinheira, que estava ajudando Joseph a tentar acordar a patroa, foi junto com os dois ao quarto.

O padre apoiou o lado paralisado na parede e enquanto a chamava batia com força a bengala na porta. Passados um ou dois minutos, parou ofegante e encarou o mordomo com um olhar dramático.

— Arrombe. Aconteceu alguma coisa.

— Sim, senhor, afaste-se.

Apesar de não ser tão jovem nem aparentar muita vitalidade, o homem chutou a porta com extrema violência. Após algumas tentativas, a porta abriu-se.

O padre virou lentamente seus olhos quarto adentro, parecendo temer o que veria.

E lá estava, a visão da morte. Loui Write era acostumado a lidar com o fim, mas não esse, não assim, não com ela.

O corpo de Sarah Dryhill estava no chão, ao lado da grande cama. Usava o mesmo belo vestido da noite anterior mas, que agora, dava-lhe um ar ainda mais fúnebre. A cabeça ligeiramente apoiada na cômoda e os olhos abertos, expressando vazio. Os cabelos, outrora lindos e arrumados, cobriam desordenadamente parte de seu rosto.

Ele a olhou por alguns segundos e seus olhos pareciam não acreditar no que viam. Apenas por sua expressão, Ginna desabava em lágrimas. Quando Joseph chegou ao lado do padre, este despertou:

— Não guarde essa lembrança dela, está ao lado de Deus agora. — murmurou o padre, com a voz quase inaudível: — Chame uma ambulância e peça um copo d'água com açúcar para mim, por favor.

Joseph, assustado, porém tentando manter-se calmo, mandou a cozinheira pegar a água e rapidamente foi atender ao pedido.

Quando voltou, entrou no quarto com o copo d'água. Viu o padre Loui, de joelhos ao lado do corpo, rezando baixo e segurando um terço na mão trêmula.

— Santo Deus! O que será que aconteceu, padre?

— Não sei. Tem um pouco de sangue, água e vidro por todo lado. Tem muitas pílulas espalhadas pelo chão, mas não acredito que faria isso, não ela. Era tão jovem, inteligente e bonita. Nunca se entregaria assim.

O padre baixou as pálpebras de Sarah. Ainda ontem a vira tão linda, encantadora e feliz, e hoje, era apenas um corpo frio e sem vida; a beleza parecia ter sumido, o rosto pálido transmitia dor e agonia. As delicadas mãos, que por vezes seguraram as suas, agora pareciam garras, duras e tortas. Não era possível... tinha que ser um pesadelo.

○ ○ ○ ○ ○

Meleine acordou com o som da ambulância chegando à mansão.

— Sinto muito, a que horas encontraram o corpo? — Perguntou o médico.

Joseph contou-lhe a situação.

— O que o senhor acha, doutor? — Indagou o padre.

— Ao que tudo indica...ingestão excessiva de sedativos.

Meleine subiu as escadas, gritando o nome da jovem. Ao ver as pessoas no quarto, apavorou-se.

— O que houve? Pelo amor de Deus, digam!

Um enfermeiro a pegou pelo braço, tentando poupá-la da visão trágica.

— Melhor não entrar, senhora, disse o mordomo.

Ela debateu-se e conseguiu se livrar do homem que a segurava. Ao entrar, viu o médico movendo a cabeça sem vida de Sarah Dryhill. O choque a fez desmaiar instantaneamente, sendo acudida em seguida.

— Temos que remover o corpo. — Comentou o médico.

— Não, senhor. — interveio o mordomo bruscamente: — Tenho ordens

para chamar o detetive Deckland se algo ruim acontecesse aqui. E considero isto muito ruim.

— Mas o que um detetive faria aqui, homem?

Antes que o mordomo respondesse ao médico, o padre perguntou:

— Quem lhe deu essas ordens?

— A própria Srta. Dryhill, ontem à noite. Acho que suspeitava de algo.

— Sendo assim, ligue rápido. — Disse o padre.

— Sim, senhor.

○ ○ ○ ○ ○

O telefone tocou na residência de Reynold Deckland. Dona Maria, com sua calma e alto astral peculiares, atendeu ao telefone com bastante disposição e foi ao encontro do patrão no estábulo, onde, como em todas as manhãs, ele escovava os cavalos.

— Telefone pra você — avisou ela, alcançando o aparelho para ele: — Não se distraia, olhe o coice.

Ele sorriu para a senhora, apoiou o telefone no ombro e atendeu.

— *Deckland!*

— *Senhor Deckland, aqui é Joseph Honey, mordomo da Srta. Dryhill. O senhor tem que vir para cá com urgência. Ela disse que se algo ruim acontecesse, eu deveria chamá-lo imediatamente.*

— *O que aconteceu?* — Perguntou, soltando a escova e segurando o telefone.

— *Ela faleceu esta manhã.*

— *Droga!* — esbravejou: — *Enquanto me preparo, me dê os detalhes por alto, como está o corpo?*

— *Ela está deitada no chão do quarto, tem um pouco de sangue, mas acho que é da jarra d'água que quebrou e ela deve ter caído por cima. Tem muito calmante no chão. O médico acha que foi suicídio.*

— *Estou indo. Não deixe que mexam em nada.*

— *Sim, senhor.*

Enquanto Reynold Deckland trocava de roupa, ligou para a delegacia e pediu apoio.

Como a delegacia mais próxima ficava em Revelstoke, Deckland esperou cerca de meia hora, até a polícia chegar.

Do carro desceram dois homens. Na frente vinha um por volta dos quarenta, baixo, barriga saliente, cabelos negros e um bigode engraçado. Logo atrás, um jovem, alto e magro, de cabelos e olhos claros.

— Boa tarde, foi o senhor quem chamou a polícia? — Perguntou o baixinho.

— Isso mesmo. Agradeço o empenho.

— O nome da chamada era Reynold Deckland, é o senhor?

— Sim!

— É um imenso prazer conhecê-lo, soube que estava no Canadá, mas nunca imaginei encontrá-lo. Eu sou o inspetor Randall Latary e este é o policial John Mayers.

— É um prazer conhecê-los também.

Antes que Deckland pudesse continuar, foi interrompido pelo jovem policial, que perguntou arrogante:

— Vamos ao que interessa. Disse se tratar de uma morte, onde está o corpo?

— Pedi que viessem à minha casa, para poder lhes explicar o que aconteceu antes de vermos o corpo. Está em uma casa próxima daqui, no carro vou contando o que sei.

Logo que entraram no veículo, o inspetor perguntou:

— Foi um crime?

— Espero que não, mas dei a minha palavra à pessoa que faleceu, que se algo ruim acontecesse, eu investigaria.

Diante ao olhar desaprovador do jovem, Deckland contou-lhes o pouco que sabia, desde o vulto até a festa.

○ ○ ○ ○ ○

Ao chegarem, os três homens caminharam em direção à grande e bela mansão. Na frente havia um lindo jardim, agora esbranquiçado pela neve, telhas azuis cobriam o telhado com vários desenhos arquitetônicos. Entraram por um corredor ladeado de arbustos verdes, que batiam pela cintura. O padre Loui ia saindo, cabisbaixo, orava e segurava o terço enrolado no cabo da bengala.

— Sinto muito, padre. — Falou Deckland, ao cruzar com ele.

O padre agradeceu, com um aceno de cabeça.

— Eu também, senhor Deckland. Se precisar, estarei na igreja.

— Obrigado.

Mais adiante, o inspetor Latary viu Laika, a cadela samoieda brincava com algo comestível.

— Um belo animal, não acham? — Disse Latary.

— Sim, e tem a vantagem de não saber o que aconteceu. Sentirá falta da

dona, mas não terá a lembrança da morte.

— Para mim é só um cão. — Comentou o policial.

— Pois se não fosse por esse cão, o vulto jamais teria sido percebido e, sendo assim, não estaríamos aqui.

O jovem olhou-o com indiferença, enquanto o inspetor Latary analisava atentamente o modo de pensar do detetive.

Na porta da mansão, Joseph os esperava:

— Sejam bem-vindos.

— Obrigado. Onde está a ambulância? — Perguntou o detetive.

— Pedi para não mexerem no corpo até sua chegada. Meleine passou mal e eles a levaram ao hospital.

Os quatro homens entraram no quarto da moça. Deckland olhou o corpo com profunda tristeza, gostava dela.

O quarto era espaçoso, todo em rosa claro com móveis na cor marfim. O chão de mármore branco dava um requinte especial. A cama era grande, com lençóis de seda; estava arrumada, porém meio amassada no lado direito. No chão do mesmo lado, o corpo da jovem encontrava-se sem vida. Ainda à direita, a cômoda com a caixa em formato de coração e apenas um bombom faltando. Ao seu lado, um frigobar; sobre ele, um copo com pouca água. Do lado esquerdo do quarto, uma grande penteadeira e um armário de madeira, também na cor marfim.

— Vou deixá-los a sós.

— Gostaria que ficasse, Joseph. Precisamos esclarecer algumas coisas. — Pediu Reynold Deckland.

— Como quiser, senhor.

O jovem policial deu uma rápida olhada no local e sorriu irônico. O inspetor, por sua vez, alternava o olhar entre Deckland e o corpo. O detetive colocou os óculos e visualizou cada milímetro do cômodo, enquanto girava seu anel.

Mayers dirigiu-se ao chefe:

— Creio que não temos um caso. Parece-me claramente suicídio.

Latary olhou para o detetive, esperando sua opinião. Este olhava as gavetas da cômoda. Abriu um saco de papel pardo e de dentro tirou um frasco de sedativo fechado, do mesmo que estava espalhado em volta do corpo. Olhou fixamente para o inspetor:

— Acho que algumas coisas não se encaixam.

— Vamos a elas, detetive.

— Continuo um ex-detetive, inspetor. Como disse o policial Mayers, ainda não temos um caso.

Retirando os óculos, prosseguiu:

— Em primeiro lugar, a jovem vestia a mesma roupa da festa. É estranho, porém admissível. Em segundo lugar, o jarro d'água que está quebrado no chão. E, por fim, existe outro frasco de calmantes aqui.

— O que mostra que a moça realmente estava decidida a cometer suicídio. — Interveio o policial Mayers.

— Não, a briga foi durante a festa. Onde exclui-se a possibilidade de suicídio premeditado. E se a tivesse visto ontem, jamais imaginaria isto.

Deckland voltou-se para o mordomo e perguntou:

— A Srta. Dryhill tinha o hábito de manter um frasco de calmantes de reserva?

— Não, senhor. Geralmente ela pedia para eu comprar quando os dela estavam no fim. Este que o senhor encontrou na gaveta, por exemplo, comprei há dois dias.

— Certo, é um fato estranho. Entretanto, o mais intrigante é: o jarro d'água e o local do corpo. Já acompanhei vários casos de suicídio semelhantes, e posso afirmar que ela teria tempo suficiente para tomar os comprimidos usando o copo, que, como podem ver, está no lugar correto e ainda tem vestígios de água. Depois se deitaria normalmente e esperaria a morte chegar. Possivelmente, até trocaria de roupa, colocando uma mais à vontade. Nestes casos, as pessoas têm certo tempo antes de morrer; algumas se arrependem e pedem ajuda, outras escrevem cartas ou coisas assim. Mas dificilmente pode-se acreditar que ficariam em pé, esperando cair mortas.

— Muito interessante. De que acha que se trata? — Questionou o inspetor, interessado.

— Acho que Sarah Dryhill teve um súbito ataque quando ainda segurava o jarro na mão. Deixou-o cair e logo em seguida desabou sobre ele. Por isso os cortes nos joelhos e mãos são mais profundos.

— Ela pode ter-se irritado e jogado o jarro no chão. — Argumentou o inspetor.

— É uma possibilidade; mas, se o tivesse feito, os cacos estariam muito mais espalhados.

— Tem razão. — Admitiu, olhando os pedaços de vidro.

— Meus Deus, vocês andam assistindo muito filme. Veem crime em tudo. Pode ter sido qualquer coisa. Isto é o que chamamos de tempestade em

copo d'água. Neste caso, jarro. — Ironizou Mayers.

— Seja o que for, é nosso dever investigar.— o inspetor repreendeu-o com o olhar. — Senhor Deckland, quais as suas suspeitas?

— Temos várias hipóteses, vamos pensar que foi um envenenamento. Diga-me, inspetor, como poderia ter ocorrido?

Latary passou a mão sobre o bigode, pensou um pouco e explicou:

— O veneno pode ter sido administrado na água, mas seria improvável, pois se tratando de um crime, seria fácil descobrir; o assassino, se é que existe um, queria fazer parecer um simples suicídio. Também poderia estar nos comprimidos, mas também seria arriscado. Outra hipótese é que o veneno estivesse aqui, — ele mostrou a caixa de bombons sobre a cômoda: — ela comeria o primeiro bombom e, depois, quando fosse tomar o calmante, viria o ataque; porém, teriam que envenenar todos os bombons, fácil demais de descobrir também.

— Vejo que tem um bom faro investigativo, senhor. — comentou Mayers: — Tenho certeza de ter sido suicídio; mas se não fosse, outra hipótese, seria o veneno ter sido dado durante a festa, se o assassino soubesse o tempo que levaria para fazer efeito.

— Bem, vejam como evoluímos, com apenas a hipótese do envenenamento. — disse Deckland, pensativo: — Temos muitas opções e vamos começar a excluí-las aos poucos. Senhor Joseph, antes das perguntas formais, existe algo estranho que tenha notado?

— Sim, senhor! — ele prontamente retirou do bolso o envelope colorido com as acusações sobre Peter Willtolck e o entregou ao detetive: — Encontrei no escritório esta manhã.

Reynold Deckland leu atentamente o papel e passou-o ao inspetor, que fez o mesmo.

— Deixe-me ler, inspetor. — pediu Mayer. — Após passar a vista no papel, comentou:

— Ainda acredito que seja suicídio, mas se não for está claro, foi o noivo.

Deckland sorriu e indagou:

— E que argumentos você tem para convencer o júri? Como pode afirmar que ele sabia que a carta chegaria a ela e ter, assim, premeditado o crime? Qual o motivo? O que ele iria ganhar com isso?

— Não vou gastar meus neurônios com este caso, só sabemos que uma mulher morreu. Aliás, se não fosse por mentes fantasiosas e cinematográficas já teríamos encerrado o caso.

O inspetor interveio, nervoso:

— Acho que está passando dos limites, policial Mayers. Eu sou o chefe aqui, portanto, guarde suas opiniões e faça apenas o que achar que deve ser feito. Fui claro?

— Sim, senhor. — O rapaz enrubesceu, talvez por raiva, ou vergonha por ter tido a atenção chamada em frente de todos.

— Não se preocupe, inspetor. — disse Deckland. — É apenas um garoto.

Mayers virou-se furioso em direção ao detetive, que se divertia com a situação.

Latary tentou se concentrar no trabalho:

— Bom, acho que um legista deve investigar a causa mortis, dando prioridade a envenenamento.

— Estou de acordo, inspetor. Mesmo que seja um crime, acho que checar os computadores das pessoas seria inútil, já que se foi alguém estúpido o suficiente para deixar uma pista dessas, deixará outras. — Deckland entregou a ele seu cartão, com telefone residencial e celular: — Ponha-me a par das novidades. Pode ligar a qualquer hora.

— Não se preocupe, Senhor Deckland, vou mantê-lo informado. Se confirmado o homicídio, quero que saiba que terá autonomia e cooperação total para trabalhar.

— Agradeço muito, meu caro.

As medidas necessárias foram tomadas, o corpo fora levado a Revelstoke pelos policiais. Joseph e Ginna foram rapidamente ouvidos, mas o inspetor preferiu deixar os interrogatórios para depois da autópsia. Reynold Deckland deu uma olhada a mais na casa e sentou-se no jardim; Laika o acompanhou. Ele localizou o banco onde provavelmente as pessoas estavam sentadas na noite em que o vulto fora visto, acendeu um cigarro e ficou olhando a floresta.

No carro, Mayers, criticava o detetive:

— Não gosto dele, inspetor Latary. Acho que ele não passa de um velho louco, que vê crime em tudo.

— Você pode achar o que quiser, mas isso não lhe dá o direito de ser irônico. Reynold Deckland é um detetive renomado e, seja crime ou não, merece respeito.

— Tudo bem, mas eu jamais ouvi falar nele.

— Você nunca ouviu falar de muita coisa, Mayers... muita coisa.

Capítulo 8

O resultado

Quando o inspetor Latary e o policial Mayers chegaram, Deckland e o sobrinho estavam conversando. O detetive levantou-se e foi em direção aos dois homens.

— Senhor, Deckland, tenho o resultado da autópsia.

— Deixe-o arriscar uma opinião antes, inspetor.

— Quer mesmo minha opinião, policial Mayers?

— Claro.

— Marquesa D'Ambray.

— O que disse? — Perguntou o inspetor.

— Acredito que Sarah Dryhill tenha sido envenenada por arsênio. Referi-me à marquesa, porque ela envenenou o pai e sucessivamente os dois irmãos, em Paris. Fez tudo junto com o amante, J.B Godim, também conhecido como Sainte-Croix. Queriam a herança, mas foram descobertos dois anos depois. Após o último crime e depois de confessar o múltiplo envenenamento, foi executada.

— Nunca ouvi falar no caso, o senhor trabalhou nele? — Perguntou o policial.

— Isto foi em 1866. Neste ano matou o pai, em 69 o primeiro irmão e em 70 o segundo. — Explicou Deckland com ar de indiferença.

— O senhor é muito culto, detetive. — Elogiou o inspetor.

— Apenas gosto de conhecer o meu trabalho e tudo o que se relaciona a ele.

— Como sabia que este era o veneno, Senhor Deckland?

— Era só uma suspeita, a morte por arsênio tem algumas peculiaridades. Sede é uma delas, isso explicaria porque ela bebeu água no jarro e não no copo. Já estava morrendo, tentou saciar sua sede, mas faleceu enquanto ainda o fazia, o jarro caiu e ela em seguida, já agonizando.

— Bom, acho que temos uma suspeita. Vamos ligar para Paris e perguntar sobre o paradeiro da tal marquesa. — Ironizou o jovem policial.

— Ouça uma coisa, rapaz. Eu vou investigar este caso, portanto, se minha presença o incomoda, peça para abandoná-lo.

Richard Mayers corou e engoliu em seco. Não ousou responder, já que

seu chefe o olhava furioso.

— Será um prazer trabalhar com o senhor. — Comentou Latary — O corpo já foi liberado, em duas horas começa o enterro. O senhor irá?

— Com certeza, inspetor. Mais alguma novidade? Encontraram onde o veneno foi administrado?

— Ainda não, mas os bombons, comprimidos e a água que restou no copo já estão sendo examinados e, em breve, nos darão o resultado final.

— Ótimo! Vou me aprontar para o enterro; posso ficar com uma cópia do laudo?

— Claro, esta é sua. Nos vemos lá.

Os homens iam saindo, quando Deckland falou em voz alta:

— Inspetor, acho importante o senhor mandar apurarem a ficha de todos os suspeitos, o quanto antes.

— Não se preocupe, vou encarregar Mayers disso.

Um discreto sorriso fez-se nos lábios de Latary e Deckland.

O policial permaneceu em silêncio, mas corroído de raiva por dentro. Sabia que Deckland queria isso e que o inspetor o estava punindo por sua impertinência.

Capítulo 9

O enterro

Olugar estava cheio. Em sua maioria eram pessoas da própria FeetMountain.

O padre Loui rezou boa parte da missa em latim. Clara Hampton não parecia muito abalada; o filho, Eric Hampton, olhava, cabisbaixo para o caixão de quem, todos sabiam, era o grande amor de sua vida. Roy Mooley pela primeira vez estava sério, sua esposa Emma segurava-lhe as mãos e comentava algo em seu ouvido, talvez sobre a ausência do filho, Phillip Mooley, que não estava ali. Jéssica Lewis chorava incontrolavelmente nos braços da mãe, Elizabeth. Esta estava ao lado do marido Alfred, que por sua vez, apenas olhava para o chão, em sinal de respeito. Peter Willtolk estava um pouco afastado, os olhos inchados, porém com poucas lágrimas; à sua esquerda, Thomas Gardner, advogado da vítima, que tentava acalmá-lo com palavras. Edgard Vernon encontrava-se imóvel, olhando para o céu. O inspetor Latary também comparecera; estava só, ao lado de uma árvore um pouco distante. Algumas pessoas não tiveram condições psicológicas de ir ao enterro; Meleine foi uma delas.

Reynold Deckland fora sozinho. Usava um sobretudo preto, sob ele, sua pistola com cabo de osso, que sempre considerou um amuleto. Ele apenas girava seu anel e analisava as reações alheias.

A missa, a festa, os olhares estranhos, as reações à notícia do noivado. Tudo muito vago até então. Todos poderiam ter motivos, não podia se concentrar em apenas uma pessoa, nem mesmo em Peter Willtolk. Precisava de paciência e pistas. Até agora, só havia um suspeito em potencial, mas este não tinha nome, identidade ou mesmo face: o vulto.

O padre finalizou:

— ...Requiescat in pace...Ite missa est...Domenus Vobrisum.

Reynold Deckland fixou o olhar no padre por um instante, olhou no rosto de cada um dos presentes e foi ao encontro do inspetor.

— O que acha, inspetor Latary?

— Temos muito pouco até agora, fica claro que o noivo é o principal suspeito, mas não temos nada contra ele.

— Tem razão. Muitas pessoas a ameaçaram. Não podemos julgar

ninguém sem um avanço nas investigações. Vamos ter que esperar.

— É verdade. Suponho que amanhã já poderemos começar com os interrogatórios. Já devemos ter o resultado dos exames.

— Espero que sim, inspetor. Até mais.

Deckland fora direto para casa. Ao chegar esquivou-se de Dona Maria, que tentava fazê-lo comer e foi para a biblioteca, pensar um pouco.

○ ○ ○ ○ ○

Deckland passou boa parte da noite pesquisando e fazendo anotações.

Na manhã seguinte, o inspetor e o policial chegaram à propriedade.

Após zico dar-lhes um susto e o detetive apresentá-los ao animal, Latary exclamou, ainda pálido pela acolhida:

— Novidades, detetive!

— Que bom, estou ansioso.

— A água e os comprimidos estavam limpos. O veneno foi injetado nos bombons; cada um continha, em média, duzentos miligramas de arsênio.

— Duzentos miligramas? — exclamou o detetive surpreso: — Se não me engano, a dose letal é de dois miligramas por quilo.

— É, tenho que admitir que queriam vê-la morta mesmo. — Falou o policial Mayers.

— Acho que já podemos começar a interrogar os suspeitos. — Comentou o inspetor.

— E por quem o senhor pretende começar? — Indagou Deckland.

— Pelo noivo! O que acha?

— De acordo. Onde os interrogaremos?

— Pedi permissão ao proprietário de um antigo auditório, que está fechado. É bem próximo daqui. Ele concordou em cooperar no que for possível. Se fôssemos para Revelstoke, seria demorado e teríamos que contar com a boa vontade dos outros.

— O senhor é um bom policial, inspetor. Este é o tipo de coisa que facilita uma investigação. E, no momento, precisamos de praticidade.

— Então vamos a ela. — Brincou Latary.

— Como faremos?

— Mayers vai buscar o noivo, enquanto preparamos o lugar.

— Acho que deveríamos reunir todos e contar a verdade. Assim evitaremos que o assassino saia da cidade.

— Tem razão.

O inspetor refletiu por alguns segundos e ordenou:

— Mayers, traga o noivo e em seguida vá avisar a todos para se reunirem no auditório às três da tarde. Peça ao legista que compareça, se possível.

— Sim, senhor. — acatou Mayers prontamente: — Uso o nosso carro, inspetor?

— Se o detetive Deckland não se importar em me dar uma carona...

— De maneira alguma.

○ ○ ○ ○ ○

O auditório era bastante grande. Havia uma sala ampla e vazia e, em seguida, uma grande porta, como a de um cinema, que dava acesso às cadeiras enfileiradas e a um pequeno palco.

O inspetor preferiu usar inicialmente a sala. Colocou uma mesa no centro do salão, uma cadeira de um lado e outras duas do outro. Deckland desaprovava isto, já que o lugar pareceria mais uma sala de interrogatório de delegacia e isso poderia assustar as pessoas; mesmo discordando, preferiu não interferir no trabalho da polícia.

— Mayers já deve estar chegando. O senhor gostaria de tomar o depoimento do noivo?

— Não, inspetor! Faça à sua maneira, se eu achar conveniente questioná-lo sobre algum ponto, pergunto.

— Como quiser.

Latary assoprou sobre a mesa e comentou:

— A propósito, detetive. Se é que posso chamá-lo assim agora? — perguntou sorrindo: — Não julgue Mayers mal, é muito moço e o status de policial lhe subiu à cabeça.

— Quanto a me chamar de detetive, tudo bem. Em relação ao policial Mayers, não posso negar que ele às vezes é irritante, mas é compreensível pela idade, como o senhor colocou.

Como sempre fazia antes de um depoimento, Deckland formulou as ideias em sua mente. O que poderia arrancar de Peter Willtolk? Pensou por alguns minutos e parou ao ouvir o som do carro estacionar.

Ao entrar, o noivo arregalou os olhos abatidos ao ver a sala.

Richard Mayers pediu licença ao chefe e foi cumprir a segunda ordem.

— Sente-se, senhor Willtolk.

— O que está acontecendo aqui? Não estou entendendo. E quem afinal são estes policiais, senhor Deckland?

O detetive calmamente acendeu um cigarro e explicou:

— São investigadores, querem fazer-lhe algumas perguntas. Agora

acalme-se e sente-se.

As mãos do rapaz tremiam; ele sentou-se e olhou fixamente nos olhos de inspetor. Antes que este pudesse falar, o jovem perguntou, tirando um maço de cigarros da jaqueta e olhando para o detetive, que fumava:

— Importam-se?

— Fique à vontade! — Respondeu o inspetor.

Ele acendeu o cigarro e perguntou, soltando a fumaça:

— Do que se trata?

— O senhor reconhece isto? — Perguntou Latary, mostrando-lhe o recorte de jornal.

— Isto já está esclarecido! — falou irritado: — Não podem me acusar, não houve queixa. Minha noiva faleceu e vocês nem respeitam a minha dor, a culpa foi minha. Se não fosse por esse maldito papel ela ainda estaria aqui.

— Acalme-se! Em algum momento da festa o senhor se ausentou?

— Não, só quando fui ao escritório com Sarah.

— Compreendo.

Deckland interferiu:

— Quer dizer que durante todo o tempo não precisou sequer ir ao banheiro?

— Fui sim, umas duas vezes eu acho. Porque?

— Preste atenção, isto é uma investigação, Senhor Willtolk, portanto, deve responder exatamente o que o inspetor perguntar. Prossiga, inspetor.

— Obrigado, detetive. — agradeceu com um gesto e continuou: — O senhor então saiu do recinto.

— É, saí sim, mas o que isto interessa? Ela morreu porque algum desgraçado, e tenho certeza de que foi aquele imbecil do Eric, entregou esse bilhete para ela.

— Não tenha tanta certeza! O senhor sabia que Eric Hampton levaria uma caixa de bombons em formato de coração para a Srta. Dryhill?

— Sabia sim.

— E não se opôs a isso?

— Fiquei furioso, mas Sarah me convenceu a entender e ignorar.

— Bem. E o senhor sabe onde os chocolates foram comprados, certo?

— Sim.

— Esteve neste local depois que viu Eric Hampton comprar a caixa? Espero que esteja ciente de que tudo isso será confirmado.

— Não, não estive. E por que diabos estão me fazendo essas perguntas?

Tudo foi por causa da carta. O que os bombons têm a ver com isso?

— Gostaria que ficasse aqui para uma reunião no auditório, as pessoas estarão chegando em breve. Aí poderei esclarecer suas dúvidas.

O homem estava nervoso e irritado. Deckland o fitava atentamente. Parecia falar a verdade, mas poderia estar representando.

○ ○ ○ ○ ○

Às 15:30, a maioria das pessoas já estava no local. O legista chegou antes e ficou conversando com Deckland. Mayers direcionava o pessoal ao auditório, ouvindo muitos “o que é isto?”, “o que está acontecendo aqui?”.

Deckland olhou para a porta e viu Edgard Vernon entrando. O jogador o encarou e cumprimentou com um meneio de cabeça. Seu olhar era surpreendentemente calmo.

— Inspetor, estão todos aqui, com exceção de Thomas Gardner, que não consegui encontrar, e a governanta da vítima, que está internada.

— Ligue para Revelstoke e mande procurar o tal Gardner.

Todos sentados, conversavam entre si, sem entender o motivo daquela reunião. Muitos ainda bastante abatidos, mas em uma situação destas, não se sabe o que realmente estão sentindo; eram todos suspeitos, para Reynold Deckland. Ele acendeu um cigarro e foi ao palco, acompanhado pelos olhares curiosos de todos. Em seguida, subiram Latary, Mayers e Michael, o médico legista de Revelstoke.

— Boa tarde. Este é o doutor Michel Levine; ele tem algumas coisas para explicar aos senhores. — disse, apontando o médico: — E estes são o inspetor Randall Latary e o policial John Mayers, encarregados de investigar um caso em FeetMountain.

— Um caso? O que é? Não tem o direito de nos chamar aqui à toa. Quero saber o que aconteceu. — Gritou Clara Hampton, levantando-se.

Burburinhos eram ouvidos por todos os lados.

— Não é obrigada a ficar aqui; se sair será intimada oficialmente, o que não é muito bom. Vocês ficarão a par de tudo, não se exaltem.

Peter Willtolk olhava agressivamente para Eric Hampton, que por sua vez parecia calmo e controlado, não devolvendo o olhar.

O inspetor pediu silêncio e o médico começou a explicar:

— Estou aqui para lhes falar sobre arsênio. O composto mais importante deste veneno é o anidrido arsenioso ou arsênio branco e é sobre ele que falarei. É um veneno bastante conhecido e de aquisição relativamente fácil. Pode ser encontrado nas munições de caça, herbicidas ou mesmo nos

raticidas usuais, ou seja, qualquer pessoa que diga que vai caçar, por exemplo, pode conseguir o veneno sob este pretexto. Uma pessoa envenenada com arsênio tem uma morte bastante sofrida; alguns sintomas do arsenismo são: vômitos, cólicas abdominais, sede ardente, câimbras, dentre outros. O sistema nervoso também é afetado, causando cefaleia, vertigem, convulsões e mais. A morte geralmente se dá por polineurite muito dolorosa, acompanhada de paralisia. Ou seja, uma maneira terrível de morrer.

Todos falavam ao mesmo tempo. Alguns gritavam para o médico, perguntando o que queria dizer com tudo isso. O clima era de dúvida e agitação. Deckland tentava analisar cada um, mas era quase impossível; o tumulto estava formado.

O detetive pediu silêncio e explicou:

— Compreendo que muitos, aqui presentes, não sabem o motivo desta explicação. Entretanto, tenho motivos para acreditar que uma pessoa saiba.

— E quem seria? — Questionou o padre.

— Seria a pessoa que envenenou covardemente Sarah Dryhill.

Todos se levantaram.

— Está louco? Do que está falando, homem de Deus? — Indagou Peter Willtolk.

Em meio a dezenas de perguntas, gritos e sussurros o detetive esperou os ânimos se acalmarem, enquanto girava seu anel.

— Fiquem quietos, por favor. — berrou Jéssica Lewis: — Deixem ele falar.

— Obrigado, Senhorita. Lewis. — Deckland falou sobre o veneno, a carta e outras pequenas coisas que não julgava vitais à investigação.

— Desgraçado, eu mato você. — Willtolk saltou furioso em direção a Eric Hampton ao ouvir sobre os bombons. Mayers, que já estava avisado deste risco, o segurou.

— Vamos manter a calma. — pediu o padre— Depois de alguns minutos as pessoas voltaram aos seus lugares.

Edgard Vernon levantou o braço, como um estudante pedindo a palavra.

— O senhor tem alguma dúvida?

— Sim, posso fazer uma pergunta ao doutor?

— Vá em frente!

— Doutor, como o senhor descobriu arsênio no corpo da vítima, já que existem traços deste elemento em todas as células humanas. O senhor já estava predisposto a encontrá-lo?

O médico olhou espantado para o homem.

— Tem razão! Vejo que entende bastante disso. Examinei o corpo em busca de algum veneno, por isso detectei a presença da substância.

— Foi ele, foi ele. — Acusou Jéssica Lewis, aos prantos.

Vernon sorriu para ela e dirigiu a palavra novamente ao médico:

— E imagino que esta autópsia tenha sido determinada pelo nosso grande detetive. — Supôs sorrindo para Deckland, que nem o olhou.

— Eu e os policiais aqui presentes faremos perguntas a todos vocês e espero que cooperem. Hoje em dia, praticamente tudo o que se diz pode ser comprovado, portanto não escondam nada.

Antes que alguém pudesse falar, ele continuou:

— Ninguém está sendo acusado de homicídio, portanto não há motivo para pânico. Se a pessoa que assassinou Sarah Dryhill estiver aqui, nós a encontraremos, ajudem vocês ou não e, se preciso, usaremos a lei para fazê-los cooperar.

Phillip Mooley levantou-se, revoltado:

— Isso é ridículo, não podem fazer nada. Que eu saiba, “todos são inocentes até que se prove o contrário”. Não é o que falam? — Questionou o homem, irônico.

— Pode ser o que dizem, mas não o que eu digo. Portanto, comece a mudar sua maneira de me avaliar, rapaz. Eu penso bem diferente.

— E me diga sua triunfante maneira de pensar.

— Para mim, “Todos são suspeitos até que se prove um culpado”. E é melhor começar a pensar assim, pois você é um suspeito, e como tal, será investigado.

O homem engoliu em seco.

— E quero dizer, também, que chamarei de assassino no masculino, só para facilitar as coisas, mas não contem que a pessoa que matou Sarah Dryhill seja um homem. Pode ser qualquer um.

O silêncio tomou conta do lugar. As pessoas se entreolhavam, parecendo suspeitar até da própria sombra e era isso que o detetive queria. Tentariam se livrar das suspeitas e, assim, contariam as entrelinhas da sociedade.

Capítulo 10

Revelações

Após a reunião, todos foram dispensados. A pedido do detetive, prevendo uma possível reunião pessoal entre os suspeitos, Mayers fora encarregado de acompanhar alguns deles.

A tarde estava nublada e muito fria. Deckland vestiu seu sobretudo e esfregando as mãos cobertas por uma luva de couro preto, convidou:

— O que acha de tomar um café?

— Vamos! Mas onde há um por aqui?

— Há uma cafeteria na outra esquina. FeetMountain não é tão atrasada assim. — Brincou o homem.

O lugar era bem simples. Uma daquelas lanchonetes que têm de tudo. Na verdade, fora aquela, só existia mais uma em FeetMountain. Os dois sentaram-se a uma pequena mesa, pediram o café e ficaram conversando.

— O que acha até agora, detetive?

— As coisas estão meio confusas ainda. Não sabemos nada sobre os suspeitos e nem temos as versões deles. Mas se não foi o advogado ou a governanta, tenho quase certeza de que o assassino nos assistia no auditório.

As palavras arrepiaram o inspetor.

— Acha que ele cometerá outro crime?

— Se foi crime passional, acho improvável, mas se foi por outros motivos e alguém for uma ameaça, acredito que sim. E não colocaria no masculino, se fosse o senhor; muitas mulheres poderiam tê-la matado.

— Acha mesmo?

— Sem dúvida, mulheres são, muitas vezes, mais frias e espertas do que os homens. A própria Clara Hampton ameaçou a moça quatro dias antes do crime. E digo porque estava lá.

— Mas seria muito burra se a matasse, sabia que as suspeitas cairiam sobre ela.

— Como eu disse, são muito espertas. Neste caso, outras pessoas têm motivos mais fortes, e ela tem o “álibi” de tê-la ameaçado. Isto é muito usado por assassinos amadores.

Neste momento o telefone celular do inspetor tocou. Ele atendeu e pouco depois levantou-se.

— Vamos lá, Senhor Deckland, o advogado está na cidade e já temos as fichas das pessoas. Mandeí Mayers levá-lo ao auditório, já estão a caminho.

— Excelente. Agora sim, vamos começar a trabalhar.

O detetive levantou-se e foi ao caixa, pediu outro café para viagem e pagou à simpática jovem que o atendeu.

Eles caminharam de volta ao auditório e, ao chegarem, Mayers já estava estacionando; ao seu lado, Thomas Gardner, com um ar controlado. O inspetor tirou do bolso a chave do auditório e esperou o policial e o advogado chegarem ao seu lado, para destrancá-la.

— Boa tarde, Senhor Gardner. — Disse o detetive.

— Boa tarde.

— Procuramos pelo senhor esta manhã, mas não o encontramos.

Antes que ele respondesse o inspetor Latary falou, abrindo a porta:

— Vamos entrar, senhores.

Os quatro homens entraram e a porta foi trancada. Enquanto sentavam-se ao redor da mesa, Deckland pegou o maço de cigarros no bolso interno do sobretudo e ligou o minigravador que estava ali de propósito. Acendeu o cigarro e comentou:

— Como eu ia lhe dizendo, procuramos pelo senhor esta manhã e não conseguimos contato, inclusive no celular.

— Eu estava acertando os últimos detalhes do testamento da senhorita Dryhill. Foi algo realmente horrível o que aconteceu a ela, não posso imaginar porque alguém poderia querer matá-la.

— É realmente terrível. — falou o inspetor: — Talvez o testamento nos ajude a esclarecer alguns “porquês” destes.

— Espero que sim, mas podem ter certeza de que o testamento é bastante estranho e quem tem mais motivo, jamais poderia assassinar a moça.

— Pediria licença ao senhor antes de começarmos.

Reynold Deckland foi a outra sala e pediu a Mayers que o acompanhasse. Ao entrarem, tomou um gole de seu café e pediu ao policial:

— Me dê a ficha do senhor Gardner.

O policial a selecionou na pasta de papel pardo e entregou-lhe:

— Thomas Corerly Gardner. Quarenta e dois anos, nascido em Massachusetts, Estados Unidos. Formou-se na universidade da Califórnia há dezoito anos. Dois anos depois de formado, veio trabalhar no Canadá. Casou-se aos vinte e sete, vindo a divorciar-se aos trinta. É advogado da Senhorita Dryhill há dez anos. Pelo que dizem, um homem íntegro e profissional.

O detetive devolveu o papel ao policial e perguntou:

— Foi só o que puderam levantar?

— Sim. Tiveram pouco tempo, mas continuam checando todos os suspeitos.

— Conversou sobre algum assunto com ele no carro?

— Nada. O homem me cumprimentou e não deu nem mais uma palavra.

— Compreendo. Vamos conversar com o senhor íntegro e profissional.

O inspetor não entendia o motivo pelo qual Deckland saiu. Entretanto, ao ver Mayers recolocando o papel na pasta, percebeu.

O detetive sentou-se e perguntou ao advogado:

— Qual a sua nacionalidade?

— Americano. Nasci em Massachusetts.

— E por que veio trabalhar aqui?

— O senhor sabe que está falando com um advogado. Não criminal, mas conheço bem a lei e posso me negar a responder suas perguntas. — Falou com firmeza, porém sem arrogância.

— Tem todo o direito de fazer isso, senhor Gardner. Mas como advogado, sabe também que é bem melhor cooperar.

— É claro. O mercado nos Estados Unidos já está saturado e, aqui, além de pessoas de grandes posses, posso ser um dos melhores no que faço.

— Entendo. O senhor foi casado. Onde morava nessa época?

— Em Quebec. Conheci minha esposa logo que cheguei e nos casamos. Infelizmente não deu certo. Não vejo no que isso possa ajudar.

— Entenda, senhor Gardner. O senhor, como muitos outros, é suspeito de homicídio. Portanto é meu dever perguntar.

— O que? Eu suspeito? Porque a mataria? Me dê um motivo. Eu só perderia uma cliente rica. Acha que sou burro, detetive?

— Não, não acho. Mas não sabemos se existe um motivo. — Tomou um gole de seu café e concluiu:

— Ainda.

— Pode investigar o que quiser, não tenho nada a esconder.

— Isso é ótimo.

— O senhor saiu da sala na noite da festa? Mesmo que só para ir ao banheiro?

— Não, nem por um minuto.

— Falou com alguém após o enterro?

— Também não. Depois da morte, só conversei com o senhor Willtolk. E

isso foi no enterro.

— Tem alguma coisa que ache interessante nos contar? Algo que possa nos ajudar nas investigações?

O homem falou sobre o vulto, a caixa de bombons e disse que Sarah e Meleine pareciam brigadas nos últimos dias.

— Ok! O senhor está de posse do testamento?

— Sim, está aqui. — O homem tirou um envelope grande de dentro da pasta.

— Vamos ver. — Disse Deckland.

Ele leu os papéis com o olhar espantado.

— O que diz aí, detetive? — Perguntou o inspetor, curioso.

— É realmente interessante. Ela tem muito dinheiro.

— A mãe dela era filha de um milionário do petróleo americano. Quando ele morreu, ela herdou tudo. — Comentou o advogado.

Deckland sorriu e disse ao inspetor.

— Veja só. Ela deixou 100 mil dólares para a governanta. 50 mil para Jéssica Lewis e a mesma quantia para a igreja.

— Cem mil dólares. — Exclamou Mayers espantado.

O advogado riu e pediu:

— Continue detetive.

— E o mais incrível, tudo o que sobrava na conta, para a cadela Laika. E sobraram nada mais nada menos que 300 mil dólares.

— Meu Deus! — disse o inspetor: — Uma rica excêntrica. Achei que isso só acontecia na Inglaterra.

— Senhor Gardner, ela disse por que deixou o dinheiro para a cadela? — Perguntou Deckland.

— Vai ler depois, que este dinheiro ficará para o animal enquanto este estiver vivo. Quando morrer, a quantia será revertida para instituições de caridade.

— Interessante. — o detetive continuou: — A mansão em FeetMountain ficará para a governanta também. Todas as roupas para a amiga Jéssica Lewis o carro para e o senhor Edgard Vernon. Suponho que ela vivia de juro, senhor Gardner.

— Isso mesmo.

— Não acha que esta governanta está ganhando muito?

— Pelo que sei, detetive, a mãe de Sarah sempre a teve como uma irmã e fez com que a filha a tivesse como uma segunda mãe.

— Interessante.

— É, creio que alguns suspeitos já têm bons motivos. — Comentou o detetive.

— E que motivos! — Reforçou Mayers.

— O senhor tem mais alguma coisa a acrescentar, Senhor Gardner?

— Creio que não, mas se lembrar de alguma, entro em contato.

— Obrigado pela cooperação. Pediríamos ao senhor que não deixasse a cidade. Inclusive o dono do hotel Green Garden disponibilizou alguns quartos para nós, por preços irrisórios. Peter Willtolk e os policiais já estão hospedados lá. Entretanto, o senhor sabe que não temos nada legal para mantê-lo aqui.

— Sim, mas ajudarei no que for possível. Vou a Revelstoke pegar os papéis de outros clientes e ficarei no Green Garden, por uns dias, para facilitar o trabalho de vocês. Entretanto, será necessário que eu viaje esporadicamente. Os senhores entendem, preciso ganhar a vida.

— Claro. Mais uma vez, obrigado pela cooperação.

— Disponha.

O policial Mayers acompanhou o advogado até a saída e voltou.

— Mayers, seguiu os suspeitos? — Perguntou o inspetor.

— Sim, senhor. Não houve nenhum tipo de reunião. Todos foram para suas casas. A única coisa diferente que vi foi o gordo falando no celular antes de entrar em casa.

— Ótimo. O que achou do advogado, detetive? Acho que ele não tem nada a ver com o crime, inclusive está ajudando bastante.

— Muitos dos piores assassinos são os que mais ajudam a polícia. Como eu disse: “todos são suspeitos até que se prove um culpado”. E este homem é um dos meus principais suspeitos, inspetor Latary.

— O que faremos agora?

— Vamos conhecer um pouco melhor o pessoal local. Nos dê as fichas, por favor, policial.

— Fiz um resumo de cada suspeito, posso ler para os senhores. — Falou Mayers.

— Tudo bem. — concordou Deckland: — Mas deixe-nos com as fichas originais, para acompanharmos.

O detetive colocou a ficha pessoal de Sarah Dryhill ao seu lado, arrumou-se na cadeira e ouviu.

O policial Mayers havia feito um resumo com os dados técnicos e

comentários sobre cada suspeito. Deckland achou interessante o empenho do jovem, mas não o elogiou.

Dryhill

— Sarah Dryhill, 23 anos, filha de Ralph e Susan Dryhill.

— Susan, com apenas 19 anos, herdou dois milhões e duzentos mil dólares do pai, um texano ligado ao petróleo. Casou-se em Chicago, com o médico Ralph Dryhill dois anos depois, vindo morar em FeetMontain com 23 anos. Perdeu o marido apenas dois meses após sua chegada ao vilarejo e permaneceu sozinha durante treze anos, quando aos 35, morreu de câncer. Ou seja, está morta há nove anos.

— Ralph, o pai, formado em medicina, clínica geral, em Ohio, trabalhou pouco e logo em seguida casou-se com Susan. Homem polêmico, envolveu-se com a polícia como falsificador de laudos médicos, mas nunca foi condenado. Tinha 27 anos quando se casou. Faleceu enquanto caçava na floresta. Consta que fora atacado por lobos. Só estava na cidade há dois meses. A mãe de Sarah contratou a governanta e os criados após um mês e criou sozinha a filha de apenas quatro meses.

— Ninguém conheceu o doutor Ralph direito, mas dizem que o casal era muito apaixonado. Os que tiveram contato com Susan Dryhill em FeetMontain afirmam que ela era uma mulher muito simples e boa, porém extremamente desconfiada além de superprotetora em relação à filha.

— Por enquanto é só o que temos, inspetor. — Finalizou Mayers.

Latary coçou o bigode e olhou para o detetive.

— O que acha?

Deckland girava seu anel, concentrado em suas ideias:

— Vamos saber um pouco mais sobre a governanta.

Governanta

— Meleine Dubart, 52 anos, nascida em Florença, Itália. Mudou-se para os Estados Unidos aos 15 anos junto com a irmã, Laura. Diabética desde a infância, nunca se casou e sempre morou com esta irmã, que a cuidava, apesar dos problemas financeiros. Laura Dubart desapareceu há 24 anos, deixando Meleine em Ohio. Cerca de um ano após o desaparecimento da irmã, mudou-se para FeetMontain a fim de trabalhar para Susan Dryhill. A única ligação que sabemos até então é que Laura Dubart era secretária do pai

da vítima. Fora considera morta, três anos depois de desaparecer.

— Meleine é considerada uma mulher calada e, por vezes, superprotetora. É extremamente apegada à patroa e está com ela desde que esta ainda era um bebê.

Deckland ainda girava o anel quando o inspetor comentou;

— Talvez a mãe da vítima fosse amiga da tal Laura ou mesmo da governanta e como soube do sumiço da irmã e sabia que eram pobres, trouxe-a para morar aqui.

— Pode ser, respondeu Deckland.

— Acho muita coincidência a mulher ter sumido logo que a mãe da moça se mudou pra cá. — Comentou Mayers.

— É estranho — concordou o detetive: — Mas coincidências fazem parte do trabalho.

— Do que está suspeitando, Senhor Deckland? — Questionou o inspetor.

— Pouco ainda, existem pessoas de bom coração. A governanta poderia, inclusive, ser paciente do doutor Dryhill e Susan pode ter-se afeiçoado a ela. Sabendo que estava sozinha no mundo, com o desaparecimento da irmã, convidou-a pra trabalhar em sua casa. Compaixão é algo mais comum do que parece. — acendeu um cigarro e falou: — Prossiga, Mayers.

— Por quem?

— Edgar Vernon! — Exclamou com o olhar curioso.

Vernon

— Edgard Vernon, 67 anos, nascido em Munique, Alemanha. Formou-se em psicologia aos 22 anos. Era considerado intelectualmente fantástico pela universidade. Nunca mais se ouviu falar nele. Sabemos apenas que está em FeetMountain há 6 anos. As pessoas não gostam dele, acham-no misterioso e assustador. Alguns dizem que come carne humana.

O policial deu uma gargalhada e comentou:

— Cidade pequena é tudo igual. — Ao parar de rir, continuou.

— O mais incrível é que ninguém nunca ouviu falar de nenhum Edgard Vernon no mundo do xadrez profissional.

— Nada mais? — Perguntou o detetive.

— Tem mais uma coisa sim. Não sabemos de onde o dinheiro dele vem, mas sabemos onde ele investe. — Mayers fez uma pausa com ar triunfante.

— Desembucha, homem. — Exclamou o inspetor.

— Edgard Vernon é o dono da farmácia local. Comprou há 4 anos, mas

ninguém na cidade parece saber disso.

O inspetor bateu na mesa e exclamou:

— Acho que chegamos ao assassino.

O detetive falou enquanto apagava o cigarro:

— Mesmo que tenhamos chegado, não será fácil pegá-lo, ele é muito esperto e sabe disso. Mais alguma coisa, policial?

— Nada, o homem é um fantasma mesmo.

— Talvez realmente coma carne humana. — comentou Latary sorrindo:

— E agora?

— Os Hampton.

Hampton

— Eric Hampton, 28 anos, nascido em Chicago, Estados Unidos. Formou-se em medicina com 25 anos pela Universidade de Harvard. Filho de George e Clara Hampton.

— A senhora Hampton também nasceu em Chicago. De origem humilde, conheceu o renomado cirurgião plástico, George Hampton. Casou-se aos 25 anos e um ano e meio depois teve o filho Eric. Tem hoje 54 anos.

— George Hampton era um cirurgião plástico muito bem sucedido desde a época em que casara, quando tinha 30 anos. Morreu afogado quando pescava com a mulher e o filho na sua casa de campo próxima a Chicago, aos 48 anos. A mulher e filho herdaram o dinheiro equivalente a 350 mil dólares americanos, além de cinco propriedades. Clara Hampton escolheu FeetMontain para morar três anos depois deste fato. Já o filho, nunca morou aqui, mas sempre que tinha férias na faculdade vinha ficar com a mãe. Ao concluir o curso de medicina, mudou-se para Quebec, onde atua até hoje como cirurgião plástico. Sempre que pode, vem visitar a mãe.

— Eric Hampton teve um relacionamento de dois anos e meio com Sarah Dryhill. Ela terminou o namoro há dois anos, mas dizem que ele sempre continuou apaixonado pela moça. Já sobre ela, dizem que nada sentia pelo jovem e considerava o caso como um namorico adolescente.

— O médico e a mãe receberam muito mal a notícia do noivado. Ela, inclusive, ameaçou a vítima. As pessoas da cidade consideram Clara Hampton uma megera e dizem que faria tudo pelo filho.

— Outro detalhe que já sabemos é que os bombons entregues à vítima foram comprados pelo médico.

Ele encerrou olhando para os dois homens à sua frente.

— Pensou no mesmo que eu, detetive?
— Sobre o que, inspetor?
— A morte do pai.
— De não ter sido uma simples fatalidade? — Latary fez sinal afirmativo com a cabeça: — É uma teoria possível. Vamos ver se conseguimos mais detalhes sobre isso.

Richard Mayers esperava o nome dos próximos suspeitos. Deckland percebeu e falou:

— Vamos aos Lewis.

Lewis

— Alfred Lewis, 46 anos, nascido em uma colônia de agricultores próxima daqui. Conheceu a esposa quando tinha 21 anos, casou-se aos 23 e teve a filha aos 25 anos. Trabalha como representante de uma imobiliária, vende casas aqui e nos arredores. Com o pouco dinheiro que juntou, abriu a Boutique Slimm, também aqui em FeetMountain. Lá, trabalham a esposa e filha. Vieram para o vilarejo há 5 anos, quando ele conseguiu o dinheiro para a loja, até então, moravam em Revelstoke.

Elizabeth Lewis tinha 20 anos quando se casou, hoje está com 41 anos. Filha de viajantes de circo, conheceu o marido quando passavam por Revelstoke e, e ao que tudo indica, não se sabe do paradeiro da família.

Jéssica Lewis, 21 anos. Nasceu na mesma colônia do pai. Era a melhor amiga da vítima. Desde que veio para cá, Jéssica e Sarah eram como unha e carne. Dizem que a vítima dava roupas, entre outras coisas, para a moça. A mãe também ganhava algumas coisas e mesmo com a boutique sendo bem simples, a vítima era a melhor cliente do estabelecimento.

— Sem contar o testamento. — Acrescentou Latary, ao ver que o jovem terminara.

— Acho que preciso de outro café. Pelo menos encontramos alguém do Canadá. — ressaltou Deckland, sorrindo: — Vamos em frente, os Mooley.

— Ok.

Mooley

— Roy Mooley, 45 anos, nascido em Nova York. Aos 18 anos engravidou a atual esposa, Emma Mooley, também nova iorquina, que na época tinha apenas 16 anos. Casaram-se no mesmo ano.

— O homem é um gênio da informática, ganhou muito dinheiro com softwares empresariais e assim que conseguiu juntar o suficiente, fundou uma empresa que trabalha na criação de jogos de computador e alguns softwares. Hoje ele tem 4 filiais espalhadas pelo mundo e é um dos maiores vendedores de games do mercado. Ainda trabalha, mas por diversão, cria os jogos e os envia pela internet.

— Phillip Mooley, 27 anos, acaba de se formar em economia. Conseguimos informações da universidade de que ele era um aluno brilhante e dedicado, entretanto, no segundo ano de curso, atingiu um colega na cabeça com um taco de baseball; dizem que fez isso porque o outro aluno roubou um trabalho dele. Para a faculdade, tudo não passou de um infeliz acidente. Por outro lado, ele teve que fazer tratamento psicológico dentro da própria universidade. A avaliação da médica foi que era um jovem muito inteligente, porém de temperamento instável.

— O que aconteceu com o rapaz agredido? — Perguntou o detetive.

— Foi internado, mas sobreviveu sem sequelas.

— Surpreendi-me com muita coisa hoje, mas os Mooley foram os principais. — Disse o inspetor.

— Isso não é nada; se eu estiver certo, vai se surpreender muito mais, meu caro. — comentou Deckland: — Agora vamos a quem melhor conhece este vilarejo, Padre Loui.

Padre

— Loui Write, 54 anos. Nasceu em um vilarejo próximo a Edmonton. Os pais faleceram quando ainda era um bebê e ele foi adotado por freiras. Tornou-se um padre muito querido por todos; aos 20 anos deixou a cidade para trabalhar em aldeias indígenas. Fez isso até 12 anos atrás, quando sofreu um derrame, em uma aldeia próxima daqui. Perdeu os movimentos do lado esquerdo do corpo e não pode mais ir para as aldeias, pois precisa estar mais próximo dos hospitais para controlar a hipertensão. Veio para FeetMountain há 8 anos e era um grande amigo da vítima. Um homem bastante querido na sociedade.

— Tudo bem, quem mais? — Perguntou Latary.

— Temos mais um pouco sobre outros suspeitos.

○ ○ ○ ○ ○

— Joseph Honey, 48 anos, é italiano de nascimento, veio para o Canadá há 25 anos e desde então trabalhou como mordomo. Fez vários cursos do

gênero e começou a servir famílias da alta sociedade. As referências são muito boas. Trabalhou para um grande empresário de Revelstoke e logo que o antigo patrão mudou de estado, Sarah Dryhill o contratou. Está na casa há 6 anos. Não há evidências de que ele e a governanta, por serem italianos, tenham qualquer ligação.

Pegou outro pedaço de papel e leu:

— Louise Francis, 31 anos, francesa. Contratada há 3 anos e meio. Uma boa cozinheira, trabalhava em um restaurante pobre de Revelstoke e a vítima a contratou em uma de suas passagens por lá. Sem ficha criminal, como todos os outros suspeitos.

O policial viu sua pequena observação no papel e comentou:

— Quanto ao noivo, é o que todos já sabemos. Além daquilo, só que sempre foi um rapaz pouco dedicado aos estudos e sempre metido em confusões. O típico filhinho de papai rico.

— Minha nossa, quanta gente — Exclamou o inspetor.

— Sem contar os outros convidados, que mesmo sendo improvável, é possível que tenham assassinado a senhorita Dryhill. Vamos pedir à governanta a lista da festa e ver se temos algum suspeito em potencial. — Comentou o detetive: — Mais algum, policial Mayers?

— Reynold Deckland e o sobrinho.

Deckland apenas riu.

— Ficou louco, Mayers? — Irritou-se o inspetor.

— Ele está certo. — falou o detetive, ironicamente: — Estes dois, cabe a você investigar, Mayers. Pegue a ficha completa de cada um deles, quem sabe você aprende alguma coisa.

O jovem ficou furioso, respirou fundo e falou:

— Acho que, por terem estado lá, também são suspeitos.

— Tem razão, mas é antiético eu me investigar, então faça-o você mesmo. Mas tenha certeza, se eu a tiver matado, você jamais vai chegar nem mesmo perto de descobrir.

Richard Mayers esboçou uma resposta, mas foi advertido pelo inspetor:

— Chega, garoto. É hora de trabalhar como um homem e não como um moleque. Se está aqui para causar aborrecimentos aos outros, vou mandá-lo de volta para Revelstoke.

— Eu só acho que todos devem ser investigados e ...

— Não me importa o que você acha, Mayers. Eu sou o chefe aqui, portanto faça seu trabalho. Se quiser sua opinião, peço.

O detetive encarou o rapaz, com um sorriso debochado.

Latary bateu na mesa e concluiu:

— E agora vá avisar Peter Willtolk que ele tem que estar aqui, amanhã, às nove horas da manhã.

— Sim, senhor! Com licença. — Disse o policial saindo revoltado.

— Que petulância. Desculpe, Senhor Deckland.

— Não perca a cabeça, não se pode deixar influenciar por uma tolice dessas. Ignore-o.

— Ele tem que saber o seu lugar.

— Neste ponto estou de acordo. Ele deve estar com ciúme porque o senhor não tem lhe dado muita atenção.

Capítulo 11

Depoimentos

Reynold Deckland resolveu dormir cedo naquela noite. Jantou e conversou um pouco com Dona Maria e o sobrinho. Deu uma olhada nos seus animais, dentre eles cavalos, cachorros, tartarugas, iguanas, salamandras, ferrets e muitos outros. Dona Maria sabia bem como era ruim quando o patrão estava trabalhando. Levava horas só para alimentar todos os bichos, sem contar, ligar aquecedores, lâmpadas de raios ultravioletas e outros apetrechos que o detetive sempre usava para dar maior conforto aos seus amigos do reino animal. A mulher até que gostava deles, sabendo inclusive o nome de cada um, mas tinha receio de ter menos tempo para cozinhar e a comida não sair tão saborosa.

Latary jantou na mesma lanchonete em que tomou café com o detetive e aproveitou para criticar a atuação do policial Mayers. Este, por sua vez, tentou discutir, mas desistiu, pedindo desculpas. Em seguida, foram para o hotel; o inspetor leu algumas anotações enquanto assistia televisão debaixo de três cobertores.

No dia seguinte, o detetive levantou bem cedo, sentou-se no estábulo e anotou algumas informações no pequeno bloco que sempre carregava no bolso. Às oito e cinquenta da manhã pegou o carro e foi para o auditório, que, como tudo em FeetMountain, era perto.

Chegando lá, o inspetor o esperava com um grande copo de café quente.

— Bom dia, inspetor.

— Bom dia. Trouxe um café para o senhor. A vantagem de estar aqui é que ganho dinheiro para estada e refeição e, particularmente, adoro comer fora.

O detetive sorriu e sentou-se.

— Onde está Mayers?

— Eu sempre uso o banheiro primeiro, vantagens da hierarquia. — disse sorrindo: — Como demorei e saí bem antes, deixei que ficasse tomando o café da manhã na lanchonete. Deve chegar logo.

Os dois homens conversaram sobre o caso. Depois, Deckland quis saber um pouco mais sobre a família e o trabalho do inspetor em Revelstoke. Latary lhe falou da mulher e dos dois filhos pequenos, e que ligava umas três

vezes por dia para eles. O inspetor disse que pretendia viajar naquela noite, depois dos depoimentos, para dormir em casa.

Entretiveram-se na conversa e quando Peter Willtolk chegou, Deckland falou olhando para o relógio.

— Nove e vinte, senhor Willtolk. Vejo que dispensa a pontualidade britânica.

— Peço desculpas, meu omelete com bacon demorou para ficar pronto. Além do mais, aquele outro policial estava na fila.

— E ele ainda estava lá quando o senhor saiu? — Perguntou o inspetor.

— Estava falando no celular já fazia alguns minutos. Mas já tinha terminado o café.

— Certo, vamos ao que interessa. Sente-se, Senhor Willtolk. — Falou Deckland.

O rapaz sentou e acendeu um cigarro. O detetive fez o mesmo e, pegando a ficha do jovem, comentou:

— Temos aqui algumas informações suas: agressões, bebedeiras, compras extravagantes, prostitutas etc... Confirma isso senhor, Willtolk?

— Sim, qual o problema? Também fui um adolescente.

— Compreendo. Vou ser direto, rapaz. Matou Sarah Dryhill?

Willtolk corou e hesitou por alguns segundos:

— Claro que não.

— Certo, vamos à segunda pergunta: empurrou sua irmã pela janela?

Ele respondeu irritado:

— Também não!

— É ou era usuário de drogas?

— Não!

— Muito bem, senhor Willtolk. — Deckland fez uma breve pausa e indagou: — Na sua opinião, quem assassinou sua noiva?

— Eric Hampton. Não sei por que ainda não o prenderam, está tudo tão claro.

— Prenderemos quando for a hora.

Neste momento, o policial Mayers entrou no auditório e parou ao lado da mesa.

Reynold Deckland pediu licença ao suspeito e chamou Latary para o lado. Falou algo em seu ouvido e voltou à mesa. O inspetor, por sua vez, pediu a Mayers que o acompanhasse e foi à outra sala.

— Acha que mais alguém poderia tê-la matado? — Prosseguiu o detetive.

— Não. Tenho certeza de que foi ele. Como vocês podem deixá-lo livre? Está tudo aí: o ciúme, os bombons, o jeito dele.

— O que tem o jeito dele?

— Estava agindo friamente, não aparentava aquela raiva de antes e estava com um olhar sádico. Já tinha tudo planejado.

— Ok! Tem alguma coisa que saiba e não me contou ainda? Isso é de fundamental importância.

O rapaz ficou imóvel por alguns instantes e respondeu cauteloso:

— Nada!

Neste momento, o inspetor e o policial entraram novamente.

— O que me diz, inspetor?

— Positivo.

Deckland olhou o suspeito com ar decepcionado e disse:

— Sabe aquela ligação que viu o policial receber? Pois é, estávamos esperando o fim das informações que pedimos ontem. Não sei se o senhor está ciente do fato, mas seu pai, certa vez, fez um exame na sua urina. E sabe o que foi constatado?

— Como? Tá, tá, e daí? Usei heroína sim, mas estou fora.

— Quer dizer que podemos fazer um novo exame no senhor.

— Não, não podem! Já disse que estou limpo, droga.

— Senhor Willtolk. Mentiu para mim e sendo assim, talvez o tenha feito quando disse que não matou sua noiva ou que não empurrou sua irmã. Portanto, saiba que está se enforcando sozinho.

Deckland tomou um gole de seu café e concluiu:

— Por enquanto é só. O senhor não é confiável e talvez tenha o hábito de tentar matar quem descobre algo ruim a seu respeito. Entretanto, se não matou Sarah Dryhill, é melhor ter cuidado, não se esqueça que temos um assassino à solta.

Peter estava branco, levantou-se com as pernas trêmulas e saiu.

— Que história é essa de exame? — Perguntou Mayers.

— Só uma maneira fácil de testar a veracidade das afirmações do suspeito.

— Não pode fazer isso.

— Posso sim. Não sou da polícia, sou um detetive.

— E sobre aqueles delitos? — Indagou Latary.

— Vi nos olhos dele que mentia e estava com medo. Disse que sabia daquilo, na verdade não podia provar, mas é muito provável que um viciado

rico se envolva em tais delitos.

O inspetor sorriu, admirado:

— É, o senhor o pegou.

— Ainda não. É bom ficarmos de olho nele. Acho que sabe mais do que diz e isso pode ser perigoso.

○ ○ ○ ○ ○

— Suponho que seja hora de irmos mais a fundo nas coisas. — Falou Deckland, discando no celular.

Ele falava com Joseph, perguntou se Meleine estava em casa e em condições de falar.

— Então diga a ela que estamos indo fazer algumas perguntas. Obrigado.

— O que foi? A mulher está melhor?

— Sim, inspetor. Já está em casa e aparentemente controlada. Acho que devemos uma visita a ela.

Eles chegaram à mansão de Sarah Dryhill. Continuava com o mesmo belo jardim, as mesmas telhas azuis que davam um requinte especial à propriedade, o mesmo corredor entre arbustos que levavam à porta da frente, tudo igual; entretanto, sem vida, mórbido.

Tocaram a campainha e Joseph atendeu à porta, rapidamente:

— Bom dia, senhores.

— Bom dia, Joseph. Podemos falar com a senhora Meleine? — Perguntou Deckland.

— Sim, disse a ela que viriam. Ela ainda está muito nervosa, portanto peço aos senhores que tenham calma.

— Não se preocupe, faremos o possível.

Entraram na sala de estar e lá estava Meleine Dubart, sentada na mesma poltrona onde Sarah Dryhill estava quando lhe contou sobre o noivado. O rosto estava inchado, os traços fortes encontravam-se ainda mais delineados no rosto da mulher. Ela olhou séria para os homens e exclamou:

— Sentem-se. No que posso ser útil? A propósito, já sei que Sarah foi assassinada. Portanto, pulem esta parte.

— Como quiser. — respondeu o detetive: — Gostaria que soubesse que entendemos sua dor, mas é extremamente importante esclarecermos alguns fatos.

— Eu sou só uma empregada, não vejo como possa ajudar.

— Pode começar me dizendo quem lhe contou sobre o crime.

— Louise, a cozinheira. Escutou Jéssica Lewis falando sobre isso no

mercado e perguntou se era verdade. Jéssica, é claro, contou todos os detalhes.

— A senhora disse “é claro” com um ar um tanto agressivo. Estou certo?

— Jéssica sempre foi meio fuxiqueira. Não tenho nada contra ela, mas juntando com a mãe, são as duas mulheres mais “puxa-saco” que conheci em toda a vida.

— Quer dizer que ambas, como a senhora disse, “puxavam o saco” da sua patroa?

— Claro! Acho que Jéssica até gostava dela, mas a mãe era puro interesse.

— E o que elas ganhavam em troca?

— Roupas, joias, status, sei lá. Sarah era muito boa, sempre dava coisas para elas.

— Existe algo que me intriga, senhora Dubart. Pelo que soubemos, Susan Dryhill era muito desconfiada e protetora. Não tinha o perfil de uma mulher gastadeira. Tem poucos bens em nome da sua ex-patroa e poucos objetos demasiadamente caros. Na minha opinião, nem ela, nem Sarah Dryhill gastariam o resto dos dois milhões e duzentos mil dólares que a mãe herdou, em tão pouco tempo. Como a senhora a conheceu bem, pensei que poderia me ajudar.

— Mas não posso. Não me envolvo com dinheiro e nem sabia dessa herança.

— Compreendo. A senhora é italiana, certo?

— Sou sim, por quê?

— Nós recebemos informações de todas as pessoas ligadas ao caso e precisamos esclarecer ou confirmar algumas delas.

— Então diga. — Falou rispidamente.

— Soubemos que a senhora tinha uma irmã. Ela era secretária de Ralph Dryhill. Gostaria de saber exatamente o que aconteceu com ela.

— Não sei! Laura, minha irmã, sumiu enquanto ainda trabalhava para ele. Como o Senhor Dryhill sabia da minha doença, pagou todo meu tratamento enquanto ela estava desaparecida. Uns seis meses depois, ele e a senhora Dryhill mudaram-se para cá. O doutor Ralph faleceu e Susan me convidou para morar com ela e cuidar da filhinha. Eu gostava dela, sempre foi atenciosa e simpática, apesar de rica. Como estava sozinha, resolvi vir.

— E era o próprio doutor Ralph que a tratava?

— Não, ele indicou um outro médico, mas pagou todo o tratamento

enquanto morava lá.

— Mas a senhora deveria conhecer bem o senhor Dryhill.

— Não, na verdade só o conhecia pelo que Laura falava. Dizia que era um bom homem e que a ajudava como podia. Era um médico ocupado, só nos falávamos por telefone. Susan sim, foi me visitar algumas vezes.

— Quer dizer que não conhecia Ralph Dryhill pessoalmente?

— Isso mesmo.

— Pelas duas vezes que estive nesta casa, reparei que não existiam fotografias dele. Sabe o porquê disso?

— Susan dizia que as fotos lhe trariam lembranças.

— E sabe se ela as guardava em algum lugar?

— Não. Acho que ela não tinha fotos do marido, deve ter se livrado delas como fez com as roupas e tudo mais, essas coisas traziam as lembranças dele na mente dela.

— Entendo. A senhora era muito apegada à senhorita Dryhill, certo?

— Sim, muito. Prometi à mãe dela que cuidaria de Sarah como de uma filha.

— Qual foi sua reação em relação à notícia do casamento com Peter Willtolk?

— Não gostei! Se ela não tivesse essa ideia absurda, ainda estaria aqui. Aquele rapaz só queria o dinheiro dela.

— Pelo que diz, acredita que o assassino seja Eric Hampton.

— Claro, ele trouxe aqueles malditos bombons.

— E a senhora os recebeu. Correto?

— Sim.

— Percebeu aquele envelope colorido quando pegou a caixa?

— Não, não vi. Ele deve ter deixado no bolso e soltado no meio da festa.

— É possível.

— Senhora Dubart, sabe que tem direito a uma parte da herança?

— Sarah me disse que deixaria algum dinheiro para mim. Mas nunca me importei, já que sempre imaginei que morreria muito antes dela.

— E é só isso o que sabia? Sabe que tem direito a cem mil dólares e a esta propriedade?

A mulher arregalou os olhos:

— Não, não pode ser.

— Então afirma que não estava ciente deste fato, certo?

— Sim, é claro!

— Este testamento foi feito há seis meses. Sabe o motivo pelo qual ela o fez? Uma mulher tão jovem não teria motivos para pensar em morte.

— Ela retirou um tumor da pele e detectaram que era maligno. Sarah não se apavorou, era muito forte, mas preferiu fazer o testamento.

— Quem sabia sobre esse tumor?

— Acho que todo o mundo, ela nunca escondeu isso.

— Compreendo. Pode parecer estranho, mas pode me dizer a idade de Laika, a cadela.

— Não entendi.

Nem ela nem os dois homens que assistiam ao depoimento. O detetive refez a pergunta.

— Exatamente isso. Há quantos anos a senhorita Dryhill tem este animal?

— Três anos, mais ou menos.

— E pode me dizer onde ela o comprou?

— Foi um presente da Jéssica Lewis. O pai dela ganhou de um cliente, mas não tinha condição de arcar com as despesas, então deu a Sarah.

— É uma cadela não muito comum. E provavelmente tem registro. Estou certo?

— Não sei lhe dizer...

Deckland fez sinal afirmativo com a cabeça e perguntou a Latary:

— Quer fazer alguma pergunta, inspetor?

— Não, obrigado, detetive.

— Então, antes de finalizarmos, senhora Dubart, tem alguma coisa a mais que gostaria de dizer? Algo que possa ajudar nas investigações.

— Não, é só isso. Fale com o padre, ela contava tudo a ele.

— E a senhora gosta dele?

— Não o conheço direito, sou protestante. Mas sempre me tratou bem.

Uma protestante devota, pensou Deckland, olhando o grande crucifixo de prata que carregava no peito.

— Certo, senhora Dubart, peço desculpas pelo incômodo e agradeço a cooperação. Se precisarmos, entraremos em contato.

Reynold Deckland levantou-se. O inspetor ainda rabiscava alguma coisa em seu bloco e Mayers já ia-se retirando. Ao chegar à porta, o detetive virou-se e perguntou, com a voz tranquila:

— Ah, só mais uma coisa. Como a senhora conhecia muito bem a vítima, pode me dizer se ela tinha o hábito de comer quando estava nervosa?

— Como assim?

— Algumas pessoas comem mais quando estão nervosas. Gostaria de saber se era este o caso da sua patroa.

— Que eu saiba não.

— Mais uma vez, obrigado.

Deckland saiu. Na porta de entrada recomendou ao mordomo:

— Fique atento, não se esqueça de que ela é quem mais conhece a vítima e temos um assassino por aí.

— Sim, senhor.

— Então, boa tarde e obrigado. Se souber de alguma coisa, me ligue. — Disse Deckland, entregando-lhe seu cartão.

Enquanto se dirigiam ao automóvel, o inspetor perguntou:

— Não entendi o negócio do cachorro.

— Sim, meu amigo. Se aquele cachorro estivesse no nome de outra pessoa, acredito que esta teria direito a todo o dinheiro destinado ao animal.

— Claro. Um golpe interessante.

— É o que vamos descobrir.

Entrando no carro o inspetor comentou:

— Bem, já são onze horas. Será que dá tempo de continuarmos antes do almoço?

— Acho que devemos deixar os depoimentos no auditório para a parte da tarde. Pretendo concluí-los ainda hoje. Mas seria interessante fazermos uma visita informal à igreja. O que acha?

— Por mim, tudo bem. Mas não vamos demorar muito, meu estômago não vai suportar. — Explicou Latary, sorrindo.

○ ○ ○ ○ ○

Deckland estacionou o carro em frente à igreja. Os homens entraram e ficaram encantados com a beleza dos adornos e pinturas bíblicas nas paredes. O lugar era simples, mas bastante arrumado e limpo.

Frederick, o coroinha, estava no altar, limpando as imagens de santos com uma flanela. Ao ver os três homens estranhos entrando, foi ao encontro deles:

— Bom dia, senhores, sejam bem-vindos à Casa do Senhor.

— Bom dia, meu rapaz. Eu sou o detetive Reynold Deckland e estes são o inspetor Latary e o policial Mayers. Estamos aqui para falar com o padre Loui. Ele está ocupado?

— Aguardem um momento, vou ver.

O rapazote sorriu encabulado e saiu por uma porta no fundo da igreja.

— Este lugar traz uma paz interior, não acha, senhor Deckland? — Perguntou Latary.

Deckland apenas sorriu para o homem. Mayers comentou:

— As pinturas são muito bonitas. Quem será que pintou? Parecem recentes.

Antes que o inspetor começasse a divagar sobre arte, o rapaz voltou:

— Ele está na biblioteca, eu os acompanho até lá.

A porta dava para um pequeno jardim e, no fundo, havia uma pequena casa, que lembrava um chalé. Por dentro, era tudo muito simples, algumas imagens de santos, móveis de madeira e uma boa quantidade de belos tapetes. O jovem os encaminhou à primeira porta à direita. Lá dentro, o padre estava sentado atrás de uma grande mesa de mogno. Sobre ela alguns livros empilhados e uma luminária antiga. Por todos os lados, altas prateleiras comportavam uma grande quantidade de livros. O padre Loui sorriu para os visitantes e convidou-os a se sentar.

— Tem uma bela biblioteca aqui. — Observou o detetive, sentando-se.

— Ah, sim. Adoro livros, de todos os tipos. Acho que é a melhor maneira de aprender usando a imaginação. Por exemplo, eu nunca imaginaria um personagem como o senhor; cada um tem uma maneira peculiar de imaginar cada personagem.

— Concorde. Gosta de romances, então?

— Sim, claro. Gosto de todo tipo de literatura.

Deckland ia analisando as prateleiras e falando:

— Alguns livros de latim, histórias de santos, contos bíblicos e aí estão alguns romances interessantes, de amor e até romances policiais. Não sabia que lia tanto.

— Desde o acidente, não pude mais fazer muitos exercícios físicos; então, nada como a leitura para passar o tempo.

— Fico feliz pelo senhor. Bem, mas vamos ao que interessa.

Quando o detetive falou aquilo, o inspetor Latary não conteve o sorriso de alegria. Seu estômago já começava a roncar.

— Diga, Senhor Deckland, em que posso ser-lhe útil?

— Espero que em muita coisa. Como sabe, estamos investigando o caso Dryhill e muitos fatos ainda estão obscuros.

— Ajudarei no que puder.

— Pelo que soubemos, o senhor teve uma infância difícil, perdeu os pais muito cedo e...

— Não, não acho que tenha sido difícil. — interrompeu o padre, calmamente: — Claro que não gostaria de ter perdido meus pais, mas acho que foi só o meio que Deus encontrou de me unir a ele.

— Certo. O que eu quero dizer é que o senhor se tornou um homem muito querido por todos. E isso inclui Sarah Dryhill.

— Ah, sim, éramos muito amigos.

— Então, acredito que pode nos ajudar muito — Interveio Latary.

— Os senhores sabem que, como padre, não posso contar algumas coisas. Deckland sorriu e disse:

— Acho que Deus gostaria que a lei prevalecesse. Seria o justo, afinal o assassino cometeu um pecado capital.

— Na minha opinião, quando é hora de irmos ao encontro do senhor, nada pode mudar isso. Não concorda detetive?

— Para ser sincero, não, padre. Acredito que não se pode adiar a hora da morte, mas pode-se adiantá-la: livre arbítrio. Se eu der um tiro na minha cabeça agora, estaria fazendo uso deste dom divino e assim adiantando a minha hora. É só a minha opinião.

— E eu a respeito. Me diga o que quer saber.

— Em primeiro lugar, quero deixar claro que o senhor, por estar ligado à vítima e ao caso como um todo, também é suspeito.

— Entendo. É seu trabalho não diferenciar os suspeitos.

— Exatamente. O senhor sabia que Sarah Dryhill deixou em seu testamento um valor equivalente a cinquenta mil dólares para a igreja?

— Sim, sabia. Ela inclusive queria deixar no meu nome, mas não me sentiria bem e pedi que o fizesse em nome da igreja.

— E quem o senhor acha que poderia tê-la matado?

— Prefiro não pensar nisso. Acho que quem cometeu este ato terrível estava influenciado por forças do mal.

— Ela lhe contou sobre alguma ameaça ou algo que possa nos ajudar.

— Nada especial. Como sabem, muitas pessoas não gostaram da notícia do casamento. A única coisa que sei é que o nosso bom Phillip conversou com ela antes da festa e pediu para que não se casasse com Peter, e sim com ele. Mas acho isso irrelevante.

— Interessante. — Comentou Deckland.

— Vou ser sincero com o senhor. Não sei se ouviu a história do vulto, mas foi algo totalmente assustador. Além de mim, do noivo e de Sarah, só aquela pessoa sabia da caixa de bombons. Acho que foi quem a matou. Ouviu tudo e

tentou incriminar o doutor.

— Então acredita na inocência dele?

— Sim, é um homem bom, apenas teve um sonho frustrado.

— Tem um palpite de quem era o vulto?

— Não. Não pude ver o rosto e nem definir se era homem ou mulher.

— Sarah alguma vez contou-lhe algum fato que possa ser um motivo ou levar a um suspeito?

O homem pensou por alguns instantes e falou:

— Nada que eu me lembre agora. Sabe como é, minha memória já não é a mesma. Mas acredito que não.

— Tudo bem, padre. Voltaremos a conversar em breve. Espero não tê-lo incomodado. Nós vamos indo, antes que o inspetor Latary aqui tenha um piripaque de fome. A não ser que ele queira perguntar alguma coisa.

— Não, não. Tudo ótimo, vamos indo.

— Foi um prazer. — Disse o padre, sorrindo.

Entrando novamente no carro, o detetive bateu no ombro do inspetor e brincou:

— Acho que esqueci o motor ligado. Ah, desculpe, é o seu estômago roncando?

— Pimenta nos olhos dos outros é refresco. — Falou, alisando a saliente barriga.

— Então vamos interrogar o doutor Hampton e depois prometo que almoçaremos.

Latary arregalou os olhos de tal maneira que o detetive não prosseguiu com a brincadeira:

— Calma, calma. Foi só uma piada. — arrancou com o carro, rindo: — Vamos comer.

○ ○ ○ ○ ○

Durante o almoço, os homens nem mesmo conversaram. Deckland apenas sorria enquanto olhava o inspetor saciar tamanha fome.

Logo em seguida tomaram um café e foram direto ao auditório. Mayers ficou encarregado de buscar Eric Hampton.

Como sempre fazia antes de uma conversa, o detetive ligou o gravador.

O médico parecia tranquilo. Sentou-se e falou em tom indiferente:

— Podem perguntar.

O homem esquivava-se das perguntas. Disse não lembrar onde estava na noite do vulto e que não teria porque matar Sarah Dryhill. Deckland

começava a se irritar:

— Sabe que é o principal suspeito. Tudo leva ao senhor. Tem conhecimento de medicina, comprou os bombons e estava irado com o fato do casamento. Portanto, é melhor não ser irônico ou será preso e acusado de homicídio.

Eric Hampton apenas o olhava. Deckland controlou-se e continuou:

— Soubemos que seu pai faleceu na sua presença e da sua mãe. Pode nos contar como aconteceu?

— Ele estava tomando cervejas e foi pescar, quando o encontramos já estava morto. Se afogou!

— E onde o senhor e sua mãe estavam neste momento?

— Jogando cartas na casa de campo. Por quê? Está suspeitando de alguma coisa?

O inspetor respondeu pelo detetive:

— Quem faz as perguntas aqui somos nós.

O resto do depoimento resumia-se a respostas superficiais do suspeito.

— Pode se retirar. — Encerrou Deckland.

A mãe do doutor já estava esperando. Como sempre, foi arrogante e não disse nada que pudesse ajudar.

○ ○ ○ ○ ○

Em seguida, foi a vez de Edgard Vernon.

— Onde estava na noite em que o vulto apareceu?

— Não posso precisar. Talvez tenha dado uma saída. — Comentou sorrindo.

— Sabe que tem parte na herança da Senhorita Dryhill?

— Não, o que ela deixou para mim?

— Um Austin Martin.

— Ah, aquele belo carro. Que bom! Muita gente mataria por um automóvel daqueles. — Mais uma vez o homem ria.

Deckland fez as perguntas tradicionais mas, como sempre, o jogador respondia sem se abster da culpa, porém, não dando pistas confiáveis.

— Checamos sua ficha e nunca se ouviu falar de nenhum Edgard Vernon no xadrez profissional.

— Pseudônimos, meu caro, pseudônimos.

— E qual era o seu, senhor Vernon?

— Isso é seu trabalho descobrir.

○ ○ ○ ○ ○

Na sequência, os Mooley. Emma afirmou estar em casa na noite da aparição e disse que realmente gostaria que o filho se casasse com a Srta. Dryhill, mas que isso era só um desejo de mãe. Contou sobre a briga de Roy e do filho, e parecia nervosa. Logo que saiu, Phillip foi interrogado. “Não sei”, foi a expressão mais usada em seu depoimento. O jovem estava com o rosto pálido e bastante tenso.

— Falou com Sarah Dryhill antes da festa?

— Sim.

— E sobre o que conversaram?

— Nada importante.

— Pelo que sabemos, pediu a ela que não se casasse com o noivo e sim com o senhor.

— Eu só estava querendo provar ao meu pai que sou competente.

— Em algum momento ameaçou a vítima?

— Não.

— Tem certeza disso?

— Claro. O que pensa que eu sou? Um assassino?

— Dar uma tacada de baseball na cabeça de um colega não é um ato amigável e inclusive pode ser entendido como tentativa de homicídio.

O rapaz parou por um instante; seu rosto era agora ainda mais branco do que o natural:

— Foi uma estupidez. Me arrependi! Sempre fui calmo e controlado.

— Não é o que diz a psicóloga da universidade.

Phillip Mooley levantou furioso:

— Está achando que eu a matei? Quem pensa que é?

O detetive levantou-se e encarando o homem com olhar irritado, ordenou:

— Não se exalte. Sei muito bem quem eu sou, então sente-se e controle-se, rapaz.

Era realmente uma mostra da instabilidade emocional do homem. Ele mudou a expressão para a de um menino que toma uma bronca, e obedeceu.

Deckland fez mais algumas perguntas e o dispensou. Logo em seguida, o pai, que estava esperando em outra sala para não poder ouvir, sentou-se com a mesma cara feliz que lhe era peculiar.

— Boa tarde, senhor Mooley.

— Roy, detetive, me chame de Roy. Senhor está no céu.

— Claro, Roy.

— Soube que o senhor é um gênio da informática.

— Gênio é o Bill Gates. Sou razoável.

— Batalhou sozinho para chegar aonde está, certo?

— É, as pessoas não acreditavam em mim. — falou, tomando um ar de seriedade, raramente visto nele: — Minha família achava que essa coisa de computador não levava ninguém a nada. Queriam que eu fosse office boy em alguma empresa e quando tivesse sessenta anos, conseguisse um cargo decente. Mas eu, ao contrário dos outros, apostei na minha inteligência e tive sorte.

— Meus parabéns. Alguma vez o senhor ou alguém da sua família teve algum tipo de problema psicológico?

Retomando o humor, o homem falou:

— Claro, são todos loucos.

— Falo sério, Roy. — Disse Deckland, com um discreto sorriso.

— Não, pelo menos que eu saiba. Sabe como são as mulheres, seus passados são incógnitas. Emma é muito prestativa, sempre foi. Vive reclamando de mim, mas gosto muito dela. Sempre se faz de esperta mas, no fundo, nem pode usar um fone de ouvido, sabe por quê?

— Não, por quê?

— O som não se propaga no vácuo.

Os quatro começaram a rir. A grande quantidade de comida chegou a dar dor no estômago do inspetor.

O resto do depoimento de Roy Mooley foi divertido, porém pouco importante. Ao ver o mordomo e cozinheira entrando, comentou:

— O nariz dela parece a frente de um carro de fórmula 1.

○ ○ ○ ○ ○

Deckland conversou com Joseph Honey, mas este não disse nada que já não tivesse dito antes. Depois, com a cozinheira, Ginna. Uma mulher francesa, mas sem o glamour delas. Tinha um inglês péssimo e um rosto realmente feio.

Ao ser interrogada, não ajudou muito. Repetia várias vezes que o vulto era obra do demônio e que estava com muito medo. Era uma mulher católica, mas fanática demais na opinião de Deckland.

○ ○ ○ ○ ○

— Os Lewis estão aí. — Avisou Mayers.

— Leve o senhor e senhora Lewis para a outra sala e peça à moça para vir aqui.

— Senhorita Lewis. Sabe que Sarah Dryhill deixou uma quantia razoável

de dinheiro em seu nome no testamento?

— Ela disse que ia deixar umas coisas, mas não imaginava que era dinheiro. Na verdade, nunca me passou pela cabeça que ela poderia morrer!

— A jovem estava bastante assustada.

— Eram muito amigas, certo?

— Sim, como irmãs. — Explicou a moça, com os olhos cheios d'água.

— Imagina quem poderia tê-la assassinado.

— Não! Ninguém poderia fazer isso. Eric nunca mataria ela, nunca!

— Vejo que tem um grande carinho por ele.

— Tenho sim.

— Senhorita Lewis, soubemos que Laika foi um presente seu para Sarah.

Confirma isso?

— Foi. O que isso tem a ver?

— Nada importante, mas tenho que perguntar. A cadela tem registro ou pedigree?

— Acho que tem. Deve estar com o meu pai, ele ganhou a cadela de um cliente que comprou uma casa.

O detetive girou seu anel, fez mais algumas perguntas e foi direto ao ponto:

— Meleine, a governanta, nos disse que a senhora estava ciente do testamento e sabia que tinha uma grande parte nele.

Neste momento, a jovem mulher entrou em desespero. Colocou as mãos no rosto e soluçava de tanto chorar:

— Eu não a matei, juro, não fiz nada, não sabia de nada!

— Não sabia do que? A senhora me parece saber de alguma coisa que não nos contou.

— Já disse, não sei de nada! Não entendem como estou me sentindo, era minha melhor amiga.

Estava realmente descontrolada. O detetive ainda tentou obter algumas respostas, mas ela se recusou a responder.

Deckland chamou o pai da moça:

— Boa tarde, senhor Lewis.

— Boa tarde, detetive.

Ele fez algumas perguntas e Alfred Lewis, sempre controlado, as respondeu claramente. Falou que gostava da moça, mas não do interesse da esposa no dinheiro, salientou que sempre fora muito trabalhador e sentia orgulho disto. Comentou que Elizabeth era uma boa mulher, mas um pouco

gananciosa e mesmo contra a sua vontade aceitava todos os tipos de presente da jovem. Quando o detetive perguntou se suspeitava de alguém, ele disse que não queria acusar ninguém injustamente, que isso era trabalho da polícia.

— Senhor Lewis, a cadela da vítima foi um presente de um cliente para o senhor, certo?

— Foi sim. O problema é que não poderia dar a ela um tratamento bom, esses cachorros precisam de remédios, rações caras e tudo mais. Por isso, preferi dar para alguém que realmente pudesse tratar bem dela.

— Eu faria o mesmo, no seu lugar. E quando a ganhou, recebeu algum documento de registro ou coisa assim?

— Recebi sim, a cadelinha tinha um nome horrível. Mas por que essas perguntas? Ela tem alguma coisa a ver com a morte?

— Nada especial. Pode me dizer se ainda está de posse deste documento?

— Na verdade, estava até alguns meses atrás. Minha esposa me pediu para eu passar para o nome da menina e passei. Ela é quem sabe bem dessas coisas.

— Compreendo. Obrigado senhor Lewis, se precisarmos entraremos em contato.

Logo depois, Elizabeth Lewis sentou-se com uma expressão que mesclava insegurança e raiva:

— Sejam breves, por favor.

— Matou Sarah Dryhill?

— O que? Ficou louco. Claro que não. Por que eu faria isso?

— Dinheiro!

— Que dinheiro?

— Sua filha receberá cinquenta mil dólares de herança.

A mulher não pareceu se surpreender:

— Mas é para minha filha e não para mim.

— Ok! Seu marido disse que a senhora passou o registro de Laika para a senhorita Dryhill. Confirma isso?

Agora sim Deckland via surpresa nos olhos da mulher, ela ficou pálida e falou gaguejando.

— É...foi.

— Sabe que vamos descobrir se isso é verdade, não sabe?

A mulher se levantou e saiu porta afora desesperada.

— Siga ela Mayers, mas não deixe que perceba.

Alfred Lewis e a filha, ao verem a mulher passar, perguntaram:

— O que aconteceu?

— Pergunte a sua esposa, senhor Lewis.

Ele e a filha foram ao encontro da mulher, mas esta já havia saído com o carro, seguida por Mayers.

— Não entendi a jogada, detetive. — Falou Latary.

— Vai entender. Se eu estiver correto, ela vai parar no primeiro telefone público que encontrar.

— Quer dizer que ela matou a moça e passou o cachorro pro seu nome?

— Talvez, meu caro, talvez. Mas para ser assim, existiriam outros pontos vitais no caso.

○ ○ ○ ○ ○

Vinte minutos depois, o policial retornou.

— O que aconteceu, Mayers? — Indagou Latary, curioso.

— Ela parou no telefone ao lado da farmácia, falou por uns cinco minutos e foi pra casa. O marido e a filha estavam chegando a pé e discutindo, mas não pude me aproximar para ouvir.

Latary olhava admirado para Deckland que, por sua vez, não escondia a satisfação no rosto.

— Conseguimos pouco hoje. A maioria disse não lembrar de onde estava no dia do vulto, tivemos poucas acusações, muitas instabilidades emocionais e uma pitada de mistério. O que acharam?

— Deve ser a senhora Lewis?

— Calma, inspetor, vamos devagar.

— Talvez Phillip Mooley, ele tem cara de assassino e é neurótico também.

— Pode ser.

O policial pensou um pouco:

— Na verdade, acho que pode ser qualquer um, parece que todo mundo tem motivo.

— E isso com o pouco que sabemos, rapaz. — Observou Deckland.

— Jéssica Lewis também estava muito nervosa, não acha, detetive? — Perguntou Latary.

— Sem dúvida, mas não posso afirmar que ela sabia de mais alguma coisa. É normal pessoas jovens e assustadas perderem o controle. Sendo assim, não podemos levar o que dizem ao pé da letra.

— E o que mais temos?

— Todos possuem computador, com exceção dos Lewis, que não têm um

em casa, mas sim na loja. Todos os homens têm armas, o que não é incomum por aqui, e assim aí vai... Como eu imaginava.

— É, realmente está complicado! Que lugar estranho esse tal de FeetMountain.

Ao terminar o comentário, Randall Latary olhou o relógio e arregalou os olhos:

— Nossa, seis e meia, prometi a Linda que iria para casa ainda hoje.

— Então vá, meu amigo... e aproveite bem com a família.

— Pode deixar, detetive. Mayers ficará à sua disposição e meu celular estará ligado também. — O policial não gostou muito da ideia, mas manteve a boca fechada.

— Obrigado inspetor. Boa viagem e vá devagar na estrada, muitos animais atravessam a pista neste horário.

— Certamente. Amanhã, se Deus quiser, estarei de volta.

Latary passou no hotel, pegou a mala já arrumada e seguiu para Revelstoke. Mayers foi lanchar e em seguida voltou ao Green Garden. Ao chegar encontrou Peter Willtolk no saguão e cumprimentou-o com um aceno de cabeça. Naquela noite o policial ia estar feliz, ficaria sozinho no quarto e teria o poder de decidir o programa de TV que bem entendesse, já que o chefe não estaria lá para escolher aqueles musicais antigos que tanto irritavam o jovem.

Reynold Deckland passou com o carro em frente de algumas casas e foi para sua propriedade, dar um pouco de atenção ao sobrinho e pensar nas revelações do dia.

O segundo crime

Odetetive degustou o excelente e bem temperado jantar feito pelas carinhosas mãos de Dona Maria. Depois sentou-se em frente à lareira e contou o andamento das investigações ao sobrinho. Este, por sua vez, deu motivos para todos os suspeitos, divertindo-se com aquilo. Algumas suspeitas realmente tinham fundamento, outras eram absurdas, mas o tio fingia estar extremamente interessado até às nove e quarenta e cinco da noite, quando seu telefone celular tocou. Ele estranhou o número do policial e atendeu apreensivo:

— *O que houve Mayers? Algum problema?*

— *Sim! Estou no quarto de Peter Willtolk, e adivinhe. Está morto.*

— *Estarei aí em cinco minutos, não deixe que mexam em nada.*

Desligou o telefone e saiu apressado.

Três minutos depois ele estacionava em frente do hotel Green Garden. Ao descer do carro viu uma ambulância estacionada um pouco à frente.

O hotel era simples, porém muito bem arrumado e decorado. O detetive ficou satisfeito ao ver que lá havia um elevador, tirou do bolso o papel onde anotara o número do quarto em que noivo estava hospedado e apertou o botão rumo ao quarto andar.

Ao chegar em frente ao apartamento quatrocentos e nove, o detetive deparou com um pequeno tumulto: curiosos, enfermeiros, camareiras. Ele vestiu as luvas e gritou irritado:

— *Que carnaval é esse aqui? Vamos, abram espaço.*

Ele entrou e ao ver um enfermeiro mexendo no corpo, perdeu a paciência:

— *Mayers, o que eu lhe disse? Você deveria ser guarda de trânsito.*

John Mayers estava em pé ao lado do sofá e tomou um susto ao ver o detetive:

— *Chamaram a ambulância, o que eu podia fazer?*

— *Você é policial ou não? Vamos, tire essa gente daqui.*

O policial assustou-se com a expressão de raiva do detetive e preferiu acatar. Retirou todos do quarto e voltou.

Lá estava o corpo sem vida de Peter Willtolk. Estirado no sofá com os olhos ainda abertos. Uma expressão de pânico no rosto pálido e de lábios

roxos, mostrava que morrera com dor e medo. No seu braço esquerdo, uma sonda estava enrolada e uma gota de sangue formada sobre a veia. Ao lado do corpo, uma seringa de vidro usada. Em frente do sofá havia uma mesa de vidro, sobre ela uma caixa de filme fotográfico que continha um pó amarelado, o prato, colher e um isqueiro, deixavam claro que ele havia diluído droga e injetado em seu corpo. Ainda na mesma mesa, um cinzeiro com um cigarro apagado, uma garrafa de whisky pela metade e um copo que ainda continha um pouco da bebida.

O detetive olhou o pó por instantes, em seguida percorreu o olhar por cada centímetro do lugar e perguntou:

— Mexeram em alguma coisa, Mayers?

— Não, está tudo como antes.

— Como descobriu o corpo?

— O “presunto” pediu uma pizza e quando o entregador chegou ele não abriu a porta. O rapaz falou com o atendente lá embaixo e o cara veio me chamar, porque disse que o tal Peter não tinha saído. Eu tentei chamá-lo, mas como não abriu, arrombei a porta.

— Ele já estava assim, suponho.

— Isso mesmo.

Deckland deu uma olhada pelo apartamento. Checou o quarto e o banheiro, passou a vista pelo chão e analisou as três lixeiras do lugar.

— Chame o atendente.

Mayers assim fez. Um homem de quase quarenta anos entrou, com o rosto pálido.

— Disse que a vítima não saiu do hotel depois de pedir a pizza. Sabe a que horas ele subiu pela última vez?

— Não, ele ficou um tempo no saguão, lá embaixo e depois saiu, eram umas seis e meia. Não vi a hora em que chegou. Talvez eu estivesse ao telefone ou no banheiro. Sabe como é, poucas pessoas se hospedam aqui. Inclusive, ligaram para a lavanderia, que fica numa sala lá de baixo, como não tinha ninguém, fui atender e uma mulher falou “um momento por favor”, e fiquei um tempão esperando.

— Compreendo. E a que horas foi isso?

— Umas oito e meia, eu acho.

— Conseguiria ver se o rapaz entrasse no hotel quando estava na lavanderia?

— Não, senhor.

— E essa voz de mulher, como era?

— Sei lá, parecia de secretária.

— Imaginei! — comentou Deckland: — E quanto ao entregador, o que ele lhe disse?

— Que o cara do 409 tinha pedido uma pizza há pouco, mas não abria a porta. Como eu sabia do crime da outra moça e que tinha polícia aqui, achei que devia chamá-los.

— Fez o certo. Mais alguém entrou no Green Garden que não estivesse hospedado? Ou sabe se alguém veio visitá-lo?

— Não sei bem. Quando chegou ele me perguntou se alguém tinha ido procurá-lo.

— As chaves ficavam com ele?

— Sim, não temos acesso aos quartos a não ser que o hóspede os abra para nós.

— A que horas arrumaram o aposento pela última vez?

— Depois do almoço. O rapaz passou o dia fora, chegou lá pelas seis e não ficou nem cinco minutos no quarto.

— Então como sabe que ele entrou, se não o viu pessoalmente?

— Ele ligou para a recepção pedindo o número de uma pizzaria, pouco antes das nove.

— Obrigado, deixe seu endereço com o policial Mayers. Se precisarmos entraremos em contato.

O homem se retirou olhando rapidamente para o corpo e fazendo cara de enjoo. A pedido do detetive, o rapaz da pizzaria, por volta dos dezessete anos e o rosto tomado por espinhas, entrou:

— Poderíamos falar em outro lugar? Não quero ver isso.

— Vamos ao quarto.

Ao entrarem, viram um aposento simples: duas mesas de cabeceira, um telefone e uma cama de casal cheia de roupas por cima.

— A que horas ele ligou?

— Umas quinze para as nove. Cheguei aqui meia hora depois. Achei que o cara não poderia ter saído.

— Foi você que recebeu a ligação?

— Foi sim, eu recebo, ajudo a preparar a pizza e a entrego. Aqui é pequeno, não tem muita saída.

— E como estava a voz dele quando ligou?

— Parecia normal. Pediu uma pizza calabresa e foi só.

— Não parecia bêbado ou drogado?

— Acho que não. Ele falou rápido, não deu bem para perceber.

— Certo.

Deckland também pediu os dados do rapaz e da pizzeria que, por acaso, era a mesma lanchonete onde comiam.

O enfermeiro, aparentando uns cinquenta anos, entrou e, olhando para o detetive, perguntou:

— Já podemos levar o corpo? É uma coisa terrível o que esses jovens fazem com a própria vida.

— Quero que mantenha o corpo separado, ele irá para Revelstoke para ser autopsiado.

— Autópsia? Para quê? — indagou o enfermeiro: — Ele morreu de overdose!

— Eu não teria tanta certeza.

— Claro que foi, homem. — interveio Mayers: — Vai me dizer que acha que foi outro crime.

— Isso mostra como você é amador, rapaz. Olhe em volta, não percebe nada estranho?

— Não, tudo normal. Ele tomou um monte de whisky, ficou bêbado, pediu uma pizza e errou na dose.

— Vê isso, policial? — Disse Deckland, mostrando-lhe o lacre da garrafa. — Estava em cima da pia.

— Vejo, mais uma prova de que ele estava bêbado. Tomou mais de meio litro de whisky.

— Errado, rapaz! Vi Peter Willtolk poucas vezes, mas foram suficientes para saber que, se checarem o corpo, não encontrarão tanto álcool e sim veneno, provavelmente arsênio, misturado na droga.

— Lá vem você com sua mania de crime. Ele não pode apenas ter morrido? — Perguntou Mayers, exaltado.

— As chances são de uma em mil.

— Então, brilhante detetive, me diga o porquê.

— Qualquer pessoa perceberia. Todas as vezes em que encontramos com o jovem, ele fumou, algumas vezes dois cigarros em intervalos de poucos minutos. Acha mesmo que ele estava aqui, bebeu meio litro de whisky e fumou só um cigarro? Não há cinzas ou restos no lixo. Então, creio que ele chegou, fumou um cigarro e se drogou. Após a morte, o assassino abriu uma garrafa de Whisky, despejou metade do líquido na pia e a colocou aqui, para

fingir que ele estava bêbado. Mas cometeu este erro. — apontou o lacre: — Ou seja, o assassino estava aqui quando ele morreu. O problema é que não sabemos a que horas exatamente isso aconteceu, mas acredito que foi há pouco tempo.

John Mayers ficou calado. Não tinha o que dizer. Abaixou o olhar e escutou o detetive continuar:

— Provavelmente, ele se drogou com uma arma apontada para a cabeça ou coisa assim.

— Tá, tá. Pode ser. Admito que pode.

— Então tome as providências necessárias. Cuide para que o corpo seja enviado para Revelstoke e o whisky, cigarro e principalmente a droga, examinados.

— Certo. O que o senhor vai fazer?

— Falar com a arrumadeira e outros que possam ajudar. Já avisou o inspetor?

— Sim, ele está a caminho.

— Coitado! — falou Deckland: — Antes de tudo, retire esse pó daí e coloque-o em um local seguro, onde nenhum desavisado metido a investigador de filme passe-o na língua, se realmente contiver arsênio amortecerá muito mais que ela.

John Mayers o fitou com olhos esbugalhados.

— Sim, senhor.

— Depois disso, o mais rápido possível, dê uma passada na casa das pessoas e pergunte por onde elas andaram hoje. Provavelmente não vão ajudar, mas temos que tentar. Comece pelos Lewis e me ligue para contar.

— Tudo bem, estou indo.

Reynold Deckland conversou com a camareira, que confirmou que a vítima fumava muito e havia limpado o cinzeiro em sua última arrumação. Falou com mais algumas pessoas, mas não conseguiu nada substancial.

Ele foi ao quarto quinhentos e um, mas o hóspede, Thomas Gardner, não estava. O atendente disse que ele havia saído há mais ou menos duas horas e ainda não havia voltado.

O detetive saiu do hotel e parou em um telefone público em frente ao lugar. Após uma olhada em volta, telefonou para Mayers.

— *Não vá me dizer que a senhora Lewis não está em casa.*

— *Como sabe? O marido diz que ela foi até a loja arrumar umas coisas.*

— *Certo, continue. Vou ligar para lá.*

Deckland assim fez. Mantinha consigo uma lista de telefones e endereços de todos os suspeitos e locais onde encontrá-los; mas como imaginou, ninguém atendeu ao telefone da loja e então resolveu ir até lá.

Era um lugar bem simples por fora. Estava todo fechado e não havia sinal de luz no interior. Ele bateu na porta de ferro e gritou pelo nome de senhora Lewis, mas não obteve resposta.

Voltou ao hotel e, ao chegar, pediu ao atendente:

— Vou voltar ao quarto. Quero que me avise assim que o senhor Gardner, do quinhentos e um, aparecer. Provavelmente deve estar por chegar.

Deckland continuou investigando o lugar e alguns minutos depois, Randall Latary entrou no quarto como um furacão.

— Meu Deus, senhor Deckland. O que aconteceu?

O detetive explicou tudo, inclusive sobre o cigarro e sua suspeita. O homem ouvia atentamente quando foram interrompidos pelo atendente:

— Ele acaba de chegar.

— Ele quem? — Perguntou Latary.

— O advogado. Vamos esclarecer alguns fatos.

Os dois homens foram ao quarto de Thomas Gardner, que abriu a porta com cara feia.

— O que querem?

— Onde estava? — Indagou Deckland.

— Dando um passeio, por quê? Tenho que avisar até sobre isso agora?

— E com quem estava?

— Sozinho, ora bolas.

— Acho que é melhor o senhor abrir o jogo, ou terá muitos problemas.

— Ei, meu caro. Sou um advogado e não vou falar absolutamente nada que não queira. Então parem de me importunar e vão dormir.

Deckland o pegou pelo pescoço e o empurrou contra a parede:

— Muito bem, seu advogadozinho metido a besta. Não quer falar? Então vamos dar um passeio.

O detetive rangia os dentes. Thomas Gardner nem mesmo esboçou uma reação. Estava imóvel.

— Algeme-o, inspetor.

Latary atendeu prontamente. Devidamente algemado e revistado, o advogado foi levado ao carro do inspetor.

— Para onde, detetive?

— O auditório.

Ao chegarem, Deckland o colocou sentado na cadeira e dirigiu-se ao inspetor:

— Convoque todos. Vamos fazer uma reunião noturna.

— Mas a essa hora?

— Isso mesmo. Traga-os algemados se for preciso. Minta, diga que tem um mandado. Mas me faça este favor.

O inspetor não estava entendendo nada.

— Tudo bem. E Mayers, onde está?

— Investigando as pessoas. Já deve ter acordado um bocado delas. Ligue e peça apoio a ele. — Pediu Deckland, educadamente.

— Certo. Estou indo.

O detetive sentou na frente do advogado e o encarou mordaz. O homem estava trêmulo, não era mais a pessoa agressiva de minutos atrás. Evitou os olhos do detetive e falou titubeando:

— Tudo bem, tudo bem. Vamos conversar!

— Não, não vamos.

— Pelo amor de Deus homem, eu falo o que você quiser saber.

— É difícil alguém me tirar do sério, mas você conseguiu. Então, fim de papo.

— Mas...

— Cale a boca! — Falou Deckland em tom baixo, como quem estava prestes a socar a cara do sujeito. Ele compreendeu e levou as mãos algemadas ao rosto.

Capítulo 13

Hora de falar

Em quarenta minutos, todos estavam no local. Olhavam para o detetive com as mais variadas expressões. Clara Hampton não perdeu a chance de incomodar:

— Vou processá-lo por isto, detetive.

Deckland a encarou e falou para todos ouvirem:

— Nem mais uma palavra, senhora Hampton. Nem mais uma, entendeu?

A mulher calou-se e entrou na sala interna do auditório, junto aos outros.

Edgard Vernon passou ao lado do detetive e falou:

— Não se exalte, amigo. É preciso estar sempre no controle.

— E sempre estarei, senhor Vernon.

Quando Eric Hampton atravessou rapidamente a frente do inspetor, este perguntou, olhando o curativo na testa do médico:

— O que aconteceu com seu rosto?

— Nada demais. Não sofri nenhum atentado.

O doutor riu e seguiu em frente.

Após todos tomarem seus lugares, Deckland levou o advogado e o sentou em uma das cadeiras. Subiu ao palco e explicou:

— Muito bem, sei que estão cansados e confusos. Mas realmente era preciso nos reunirmos esta noite. Há algumas horas, Peter Willtolk morreu e tenho motivos para acreditar que, como sua noiva, foi vítima de um crime bem elaborado.

A confusão era geral; o padre falou:

— Mas como? Não posso acreditar que perdemos outra pessoa. Como deixaram isso acontecer?

— Calma, padre. Fizemos a nossa parte. Mas acredito que ele sabia mais do que contou e o assassino, seja mulher ou homem, fez o que conhecemos por queima de arquivo. Então, se alguém tem algo a nos dizer, deve fazê-lo imediatamente, pois só assim poderemos dar-lhes proteção. Se preferirem o silêncio, não teremos como ajudar e, talvez, isso custe a vida de mais alguma pessoa.

Agora era o silêncio que pairava no ar. Edgar Vernon perguntou, olhando Gardner:

— E por que este homem está algemado?

— É! — falou Jéssica Lewis: — Se ele está algemado, deve ser o assassino e sendo assim não temos com o que nos preocupar.

— Não temos a certeza de que ele realmente assassinou Sarah Dryhill. Mas temos a de que ele gostaria de vê-la morta.

Novamente os tumultos começaram. O inspetor pediu silêncio e Deckland Prosseguiu:

— Policial Mayers, conseguiu alguma coisa importante?

— Nada demais.

— Eu previa isso. Muito bem, farei perguntas para duas pessoas agora e peço silêncio a todos.

O medo estava estampado em cada rosto. Para quem ele perguntaria? E o que seria?

Deckland acendeu um cigarro:

— Senhora Lewis, onde estava esta noite?

Ela olhou para o marido ao seu lado e falou gaguejando:

— Na minha loja, arrumando algumas coisas.

— Não, eu fui até a loja, liguei para lá e não havia ninguém.

O marido franziu a testa e perguntou:

— Mas que história é essa, Elizabeth?

— Eu...eu...

— Por favor, senhor Lewis. — Interveio, Deckland.

O homem meneou a cabeça e calou-se. O detetive olhou para Gardner.

— E o senhor, onde estava?

O homem se negou a responder, recomeçavam os murmúrios.

— Silêncio, por favor! — pediu o detetive e continuou: — Me corrijam se eu estiver equivocado. A jovem pretendia deixar uma grande quantia para instituições de caridade, mas seu advogado, Thomas Gardner, a convenceu a deixar para a cadela, Laika. Uma conspiração! Elizabeth Lewis havia dito a ele que o animal estava no nome do marido, mas seria fácil passá-la para o próprio nome e foi exatamente isso o que fez. Com a morte da jovem, o dinheiro iria, na verdade, para as mãos da proprietária de Laika, ou seja, a senhora Lewis. — Alfred Lewis virou-se para a esposa com olhar de fúria, mas não tomara nenhuma atitude, até então. Deckland prosseguiu: — Percebi que o testamento foi feito há seis meses, pouco depois que a senhorita Dryhill retirou um tumor maligno da pele. Por precaução, ela deixou tudo pronto, para o caso de sofrer da mesma doença que matou a mãe. Este fato mostra

que ainda não posso acusar estes dois de terem conspirado para matá-la, já que poderiam estar contando com uma morte natural. Por outro lado, o fato de ela se casar, tiraria o direito à fortuna, já que tudo seria dividido com o falecido Peter Willtolk. Resumindo: Elizabeth Lewis é, na verdade, amante do senhor Gardner. Encontravam-se em alguma casa alugada por ele ou alguém a ele ligado e conspiraram contra Sarah Dryhill.

— Assassina! — Gritou Meleine.

Antes que os tumultos recomeçassem, todos calaram-se e ficaram imóveis. Alfred Lewis sacara um revólver calibre trinta e oito e o encostara na testa da mulher.

— Isto é verdade, Elizabeth?

— Pare, papai! — Exclamou Jéssica, sendo afastada pelo padre, que falou:

— Pela graça do senhor, não faça isso.

— É minha mulher, faço o que quiser.

A mulher nem precisou responder. Seus olhos a entregaram. Ele girou um pouco a arma, como quem toma coragem para atirar.

— Largue! — Gritou Mayers, sacando sua pistola quase ao mesmo tempo que o inspetor.

A tensão era enorme. Alfred Lewis olhou sério para os homens que lhe apontavam as armas.

— Isto é problema meu. Sou um homem e tenho minha honra para defender.

Elizabeth chorava muito. Se estivesse em pé, certamente já teria desabado. Ninguém falava uma palavra ou fazia um movimento, à exceção de Thomas Gardner que foi agarrado por Roy Mooley quando tentou fugir.

— Abaixem as armas. — Pediu Deckland aos policiais.

— Está louco! — Retrucou Mayers.

O detetive olhou para Latary, que abaixou seu revólver e mandou que o policial fizesse o mesmo. Aproximou-se cautelosamente do Senhor Lewis, esticou a mão, como quem pede a arma, e falou:

— Muito bem. Sejam sensatos. O senhor é uma boa pessoa. Posso entender sua fúria, mas não estrague sua vida por uma mulher dessas, olhe nos olhos da sua filha, ela precisa do senhor...

— Essa vadia fútil sempre...

— Alfred, se acha que deve atirar, vá em frente. Mas estará se mostrando fraco e não forte. Porque não me entrega arma? — encarou a mulher e

finalizou: — Ela não vale a pena.

O homem gritou evitando a vontade de chorar. Olhou bem nos olhos da mulher e falou:

— Eu desprezo você.

Ele entregou o revólver ao detetive e saiu chutando as cadeiras. Ao passar pelo advogado, parou, voltou e levantou lentamente os olhos em direção aos do rival, dando-lhe um soco no meio da cara, cujo estralo chegou a ecoar pelo lugar. Thomas Gardner não resistiu ao potente golpe desferido por um homem que trabalhou durante anos com a enxada e desmaiou na hora com o nariz jorrando sangue.

Deckland suspirou aliviado ao ver Alfred Lewis deixar o local.

— Acaba de salvar uma vida. — Disse o padre.

— Eu não, padre. Como eu lhe disse: livre arbítrio.

Elizabeth Lewis estava descontrolada. Empurrou Deckland como uma gata furiosa e esbravejou:

— Como ousa falar assim de mim. Eu exijo respeito, ainda mais na frente da minha filha.

Deckland deu um sorriso irônico e falou balançado a cabeça com desprezo:

— Quer respeito? Dê-se ao respeito.

As pessoas tiveram que responder algumas perguntas antes de serem liberadas.

Edgard Vernon, ao sair, comentou:

— Bom controle, meu caro. Eu a deixaria morrer, odeio mulheres desprezíveis.

O detetive chamou Meleine Dubart à outra sala. Ela ajeitou o xale preto e o seguiu.

— O que quer?

— Acho que a senhora corre perigo. Tem alguma coisa para me contar?

— Já disse, sou apenas uma empregada.

— Mesmo assim acho que deveríamos dar-lhe proteção policial; provavelmente não poderemos deter ninguém por enquanto e o assassino estará solto.

— Agradeço, mas não preciso.

— De qualquer forma, peço que tome muito cuidado. Amanhã vou lhe fazer uma visita para conversarmos melhor. Importa-se?

— Não, mas não vou mudar de ideia.

— Como queira. Boa noite, senhora.

Ficaram no local apenas Deckland, o inspetor, Gardner e Elizabeth. O homem havia recobrado a consciência, mas ainda estava meio abalado. Mayers fora levar Jéssica Lewis para casa.

— O que vamos fazer com eles, detetive? Para prendermos eles teriam que ser levados a Revelstoke.

— É, eu sei, meu amigo. Vamos ver.

Deckland encheu-os de perguntas. Confirmaram o caso amoroso e disseram que não a mataram. Confirmaram, também, realmente terem feito o testamento, mas só pela doença. Deckland não acreditava em nada e fazia mais perguntas. O advogado, que pressionava o nariz com um lenço já ensanguentado, usava as leis para convencê-los de que não tinham o direito de detê-los. O detetive o mandou calar-se.

Pouco tempo depois, Mayers voltou:

— O que vão fazer com eles?

— Acho que teremos que liberá-los. — Respondeu Latary.

— Onde pretende ficar, senhora Lewis? — indagou Deckland: — Não acho adequado voltar para casa.

— Fico no hotel.

Eles acabaram sendo liberados e Mayers os levou ao hotel. Elizabeth ficou em um quarto no primeiro andar, bem longe do amante.

O detetive comentou alguns fatos e depois de um pequeno silêncio mútuo, Latary perguntou:

— Como pode uma mulher, com um marido fiel e decente, fazer isso?

— É, algumas mulheres são assim mesmo, você pensa que são loucas por você e na verdade estão com outro. Ainda bem que isso não se estende a todas elas. — Comentou Mayers.

— É, ainda bem! — Concordou o inspetor.

— Acho que as mulheres têm direito e competência para fazer qualquer serviço, de presidente a motorista. — opinou Deckland: — Mas algumas acham que têm o dever de se embriagar, trair os maridos e tudo o mais. Dizem que são modernas e que isso é normal. Perderam o respeito próprio e é uma pena. Mas elas se gabam dizendo que podem ter qualquer homem. Realmente podem, mas só por uma noite; todo homem procura uma mulher decente para se casar. — levantou as sobrancelhas e concluiu: — Não acha possível uma mulher ser decente, delicada e dedicada, sem ter que ser submissa ou fraca? Bom, pelo menos é a minha maneira de ver as coisas.

— É, mas sem o outro tipo, como ficariam os meus fins de noite? —
Falou Mayers rindo.

— Eu concordo com os dois. — Disse Latary com um largo sorriso: — Já foi casado, detetive?

— Sabe como é, este trabalho traz muitos inimigos e alguns deles podem pôr em risco a vida da mulher que está comigo. Eu jamais me perdoaria se algo acontecesse com alguém que nada ter a ver com o problema.

— Isso é verdade. — coçou o bigode e perguntou: — Mas me diga, detetive, como imaginou que eles estavam juntos?

— Lembra-se da primeira vez que o interrogamos? Ele disse que sentia muito pelo que tinha acontecido a senhorita Dryhill, e que não imaginava porque alguém poderia querer matá-la. O detalhe é que ele não sabia que ela havia sido assassinada, não foi encontrado pra primeira reunião, onde dissemos sobre o crime, então deveria achar que era um simples suicídio. Ou seja, ou o senhor íntegro e profissional a havia matado, ou havia falado com alguém após a reunião ou... as duas coisas. Depois disso foi só juntar as coisas e analisar os fatos.

— Como não percebi isso quando o interrogamos? — Culpou-se Latary.

— Isso faz parte, inspetor. Tínhamos muitas coisas em mente e muitos suspeitos naquele auditório.

Latary concordou com um gesto mas, por dentro, ainda não se perdoava:

— Bem, está tarde, preciso dormir. Amanhã teremos muito trabalho.

Os três se despediram e foram para suas casas.

Capítulo 14

Proteção

Mais um dia se iniciava em FeetMountain. Este, porém, estava demasiadamente frio. Reynold Deckland optou por ficar sob as três cobertas, que iam até o chão, por mais tempo. Levantou-se às nove e meia da manhã, tomou o café rapidamente e foi ao estábulo, como sempre. Ele tirou Lecabel, o seu xodó. Um belo cavalo, forte e de temperamento nervoso. Mas não com o dono, já que adorava o detetive, principalmente, é claro, quando este lhe levava açúcar e cenoura. Sentou-se na cerca de madeira e escovou o animal sob o sol. Pensava constantemente nos suspeitos e no caso e, esporadicamente, perguntava a opinião do cavalo...

Ligou para o inspetor para saber qual seria a linha de ação do dia. Latary queria saber o mesmo e então Deckland sugeriu que ele lhe fizesse uma visita. Meia hora depois, Randall Latary chagava à propriedade.

— Bom dia, Senhor Deckland. Muito simpática aquela senhora que atendeu à campanha.

— Ah, sim, uma mulher formidável. Como passou a noite?

— Pra dizer a verdade, estava meio chateado com o último crime. Para me distrair fiquei assistindo um musical de 1964, uma pérola do cinema. Quando estava realmente cansado, fui me deitar, mas mesmo assim acabei sonhando com o noivo; ele estava do mesmo jeito de quando o vi morto, mas acordava, olhava para mim e dizia que a culpa era minha. Me levantei umas três vezes e era terrível para dormir de novo, ainda mais sabendo que ele tinha morrido a poucos metros de onde eu estava.

— A culpa não foi de ninguém, além dele mesmo. — fez uma pausa, sorriu e comentou: — Que sonho! E olha que você estava assistindo a um musical.

Latary riu e elogiou o imponente Lecabel.

— Belo cavalo.

— O meu preferido, admito. Estes dias, ele andou meio mal do intestino. Fiquei apavorado. Cavalos têm esse defeito; se nós humanos temos uma cólica, tomamos uma pílula e pronto, está tudo certo. Eles, infelizmente, não.

— Não entendo nada disso, só sei que é um animal muito bonito mesmo.

— Toquei no assunto por um motivo especial. Onde guarda as provas?

— Estão em um cofre, que trouxe de Revelstoke. No quarto.

— Só o senhor tem a combinação?

— Sim.

— Gostaria de um favor. Ia pedir antes, mas devido às circunstâncias, não tive tempo. Quero que envie o frasco de calmantes para exame. Peça que analisem os restos e verifiquem se há presença do veneno.

— Mas já sabemos onde o veneno estava.

— Eu sei, entretanto, é só para limpar a consciência.

— Como quiser! E o que faremos daqui em diante?

— Acho que o mais importante, agora, é tentar tirar alguma coisa da governanta. Os olhos dela não mentem, sabe de alguma coisa. Acho que se não foi ela quem matou Sarah Dryhill, pode ser o próximo corpo a encontrarmos.

— Mas o senhor não disse que ela recusou a proteção?

— Sim, mas temos que insistir. Gostaria de visitá-la esta tarde, não quero perder mais ninguém.

— Por mim tudo bem, mas aquela mulher me dá arrepios.

— Teria problemas em deixar Mayers de vigia?

— De maneira nenhuma. Eu é que não vou ficar naquela casa. Imagine se eu vejo a moça vestida de noiva do lado do noivo. Deus me livre!

— Você está ficando louco, Latary. Quer dar um passeio a cavalo?

— Eu não conheço bem estes animais.

— Então vou rodá-lo na guia enquanto conversamos.

Deckland exercitava o cavalo; Latary falava das suas suspeitas.

Passaram horas ali. O detetive trabalhou quase todos os animais, até que o estômago do inspetor começou a roncar e ele, sem demora, despediu-se:

— Bom, me deixe ir, meu estômago está me ordenando que coma.

— Faço questão de que almoce comigo hoje. Além de simpática, Dona Maria é uma excelente cozinheira.

— Sendo assim, eu aceito.

Deckland já tinha terminado de almoçar há algum tempo e conversava com Christopher, já que Latary ainda estava compenetrado na comida. De tempos em tempos, comentava que estava deliciosa, perguntava o que era isso e aquilo, apontando com a faca e voltava a comer. Dona Maria tinha feito diversos pratos, como de hábito, mas o principal era, sem dúvida, uma grande travessa de vatapá, comida típica brasileira, muito saborosa, porém temperada demais para alguém desacostumado.

Quando o inspetor terminou, estava com o rosto vermelho e suava um bocado, parecia estar em pleno verão brasileiro e não no intenso frio canadense.

— Nossa, que comida! — Elogiou Latary, limpando a boca.

— Que bom que gostou. — falou Deckland, rindo: — Agora vamos descansar um pouco e visitar a governanta.

Maria escutou da cozinha e veio fazendo perguntas desde lá, com seu inglês enrolado:

— Quem? O que? Governanta, mas Reynold, eu sempre dei conta de tudo sozinha. Não vai me trocar, vai?

— Claro que não, Dona Maria. Na verdade, depende: só não a troco se a senhora fizer aquele doce de morango que eu adoro.

— Morango? Onde vou comprar morangos? Ah, será que tem algum feito em estufa em Revelstoke? Vou ver... Não se preocupe, Reynold, nem que eu importe, terá o seu doce.

— Estou brincando, nunca trocarei a senhora.

Ao dizer que brincava, Deckland causou uma expressão de tristeza cômica, na cara do inspetor, que já imaginava o doce.

○ ○ ○ ○ ○

Duas e quinze da tarde. Deckland, o inspetor e Mayers, que agora se juntara a eles, foram à Mansão Dryhill. Lá chegando, Meleine os recebeu na cozinha, com a mesma indiferença de sempre:

— Se quiserem se sentar, puxem uma cadeira. Tenho muito o que fazer aqui, não tenho tempo para atender vocês na sala.

— Não importa, com licença. — Falou Deckland ao se sentar.

— Querem um café?

— Aceito. — Disse Latary.

Mayers também aceitou. A mulher serviu as xícaras aos dois, uma para si mesma e sentou:

— Açúcar ou adoçante?

Os dois optaram pela primeira opção e Meleine, devido ao diabetes, pegou seu adoçante em pó. O detetive a encarou com um olhar sinistro e provocou:

— Um pó interessante este.

Mayers, que acabara de tomar um gole do café, o cuspiu involuntariamente. A mulher, que por sua vez levava a xícara à boca, recolocou-a na mesa, engoliu em seco e perguntou:

— O que quer dizer com isso?

— Só que admiro a evolução. O que imaginou? Desculpe se a incomodei, pode tomar seu café.

Deckland estava ironizando, o que não era do seu feitio, mas sabia fazer muito bem quando necessário. A mulher hesitou por um segundo e perguntou, sem tocar na xícara.

— Vamos, diga o que quer de mim agora.

— O mesmo de ontem. Dar-lhe proteção policial.

— Já disse que não quero.

— E não quer me dizer nada também?

— Não.

— Senhora Meleine, aplica insulina em si mesma?

— Sim, o que importa?

— A insulina vem lacrada, espero.

Ela esperou um momento e respondeu:

— Vem sim.

— Não está com medo. Está?

— Claro que não.

— Existem dois motivos para não temer. Um é não ver mais motivos para viver e o outro, é ser a própria assassina.

— Como ousa...?

— Não estou lhe acusando, só tentando entender.

— Não lhe devo explicações.

— Mas eu lhe devo segurança. Não pela senhora, mas sim pela senhorita Dryhill, ela me pediu pessoalmente e não pretendo falhar.

A mulher assumiu um ar triste e perguntou:

— Ela pediu pro senhor cuidar de mim?

— Sim, e é o que eu pretendo fazer.

— Desculpe minha grosseria, senhor Deckland. Ando muito nervosa.

— É compreensível. Peço que reconsidere e aceite a proteção. Se preferir, o policial pode ficar na frente da casa.

John Mayers parecia não acreditar naquilo.

— Está certo. — disse a governanta: — Está muito frio, o rapaz pode ficar aqui dentro.

Pela primeira vez, viram a mulher sorrir. Ela olhou para Mayer e perguntou:

— Joga canastra?

Canastra? Musicais? Meu Deus, estou perdido. — Pensou Mayers.
— Posso aprender, senhora.

○ ○ ○ ○ ○

Reynold Deckland fez várias recomendações ao policial: não permitir que a mulher saísse sozinha, checar comida e bebida, verificar portas e janelas, confirmar a insulina lacrada, entre outras. Para Mayers, aquilo tudo era neurose do detetive, mas, diante do chefe, que certamente concordaria com Deckland, meneou a cabeça em sinal afirmativo.

— E o mais importante, — finalizou o detetive: — se ela passar mal, seja pelo que for, leve-a imediatamente ao hospital e diga que há fortes suspeita de envenenamento por ingestão de arsênico.

Latary o olhou sério e perguntou:

— Entendeu tudo, Mayers?

— Sim, senhor.

— Então, boa sorte. Qualquer alteração, nos ligue.

Disse até logo e saiu com o detetive.

Os dois estavam indo ao hotel Green Garden. No meio do caminho, em frente da pequena praça do vilarejo, o inspetor deu um pulo e estacionou:

— Porcaria eletrônica. — gritou ele, tirando o celular do bolso da calça:
— Que susto, este negócio tremendo no meu colo.

Enquanto isso, Deckland sentiu alguém tocar seu ombro, pela janela. Roy Mooley, o gordo, estava lá, sorridente como sempre:

— Como vai, detetive?

— Bem, obrigado. E você?

— Como sempre, também.

— Acho que o inspetor vai demorar um pouco no telefone, vou descer e fumar um cigarro. — Deckland, na verdade, queria conversar um pouco com o irreverente suspeito:

— O que achou do crime contra Peter Willtolk?

— Um absurdo, como aconteceu?

— Não temos os detalhes ainda.

O inspetor desceu do carro e foi em direção aos dois:

— Como vai, senhor Mooley?

— Roy, inspetor.

— Ah, claro, Roy.

— Vou bem, obrigado.

Ao terminar de falar, o estômago de Latary fez um barulho realmente

alto, ele levou a mão à boca evitando uma possível fuga de gases. Roy não perdoou:

— Sua acompanhada está irritada!

— Acompanhada? O que é isso?

— Algumas pessoas têm solitária; no seu caso, acho que é uma acompanhada. — Ele soltou uma gargalhada e Deckland não se conteve, rindo junto. Latary também começou a rir, mas levou a mão ao estômago e exclamou:

— Antes de visitar o Brasil, acho que tenho que visitar outro lugar: o banheiro.

Correu para o carro e falou se retorcendo:

— Vamos indo, detetive, por favor. Até logo, senhor Mooley.

Entraram no carro e quando iam saindo, o gordo gritou:

— Inspetor!

Ele parou o carro e olhou pela janela.

— Roy, inspetor, me chame de Roy.

Deckland riu e o homem arrancou. Deckland comentou:

— Como o senhor mesmo diz: “pimenta nos olhos, ou melhor, no estômago dos outros é refresco”.

Ele voou até o hotel. Subiu direto para o quarto e só voltou meia hora depois, suando como no almoço:

— Oh, comidinha ardente aquela. Em todos os sentidos!

O detetive estava à sua espera no saguão e já ria antes do homem fazer tal comentário.

— O senhor se acostuma. Alguma novidade?

— Sim, foi o pessoal de Revelstoke que ligou. Realmente, ele não estava bêbado e tinha arsênio na heroína. Desculpe não ter falado antes, estava apertado.

— Compreendo. Então foi assassinado mesmo. O assassino está brincando conosco. Podia ter matado o rapaz por overdose, mas sabia que, de qualquer forma, iríamos suspeitar que o envenenou para garantir a morte.

— Tem razão, ele não está mais tentando se esconder.

— Esse é o problema. Se caíssemos na história do suicídio, ótimo, se não, sem problemas para ele. É bom tomarmos cuidado, meu caro. As coisas estão esquentando por aqui.

— E o que faremos agora?

— Vá descansar um pouco. Tenho que pedir alguns conselhos.

- Conselhos?
- Depois explico.

○ ○ ○ ○ ○

Reynold Deckland foi para casa. Usou o telefone por alguns minutos e em seguida entrou no grande e bem organizado escritório. Muitas prateleiras de livros, espadas, facas, quadros e adornos fantásticos, davam um tom medieval ao lugar. Bem ao centro, um imenso leão empalhado; aquele era o animal que mais admirava, não apenas o leão macho, mas ambos. Também não mataria um; tal peça fora presente de um zoológico para o qual fizera uma investigação no passado.

A aparência medieval fazia contraste com o moderno computador sobre a mesa. Ele conectou-se à internet e uma mensagem já o aguardava.

- *Como vai, Reynold?*
- *Acredito que não tão bem como você, McLeon.*
- *Realmente o Taiti não é nada mal! Por que a urgência em conversar?*

Algum problema?

- *Muitos!*

Jonas McLeon, grande amigo do detetive. Estava em um luxuoso hotel no Taiti, usando seu laptop, do qual não se separava. Tinha Deckland como um filho e sabia que ele não pediria para ter uma conversa urgente a não ser que realmente fosse necessário.

- *E então, Reynold?*

O detetive contou todo o caso, falou dos suspeitos, dos crimes e os outros detalhes relevantes.

- *Qual é a sua opinião, McLeon?*

— *Acho que você tem um grande problema nas mãos. É hora de agir cautelosamente. Se chegar muito perto, será perigoso. Quanto à mulher para a qual estão dando proteção, se ela realmente sabe de alguma coisa vital, ele vai tentar matá-la.*

- *Suspeita de alguém?*
- *O caso é seu, só peço que tenha cuidado.*
- *Não se preocupe.*

McLeon não gostava de dar palpites nos casos do detetive, mas não custava tentar. Uma única palavra do homem já havia solucionado muitos mistérios no passado.

Conversaram durante horas e quando Deckland percebeu, já estava noite, despediu-se e programou um novo bate-papo virtual.

Ele conversou um pouco com Dona Maria, enquanto ela lhe preparava o jantar. Cristopher já havia assumido a internet, logo que o tio deu-lhe a oportunidade.

A visão do medo

Exatamente às oito e quarenta e cinco da noite, o policial John Mayers, que ainda jogava canastra com a governanta, falou:

— Senhora Meleine, se importa se eu sair por alguns minutos? Estou com vontade de comer um sanduíche.

— Não tem problema nenhum. Mas se quiser, Ginna pode fazer um para você.

— Não se preocupe, aproveito para tomar um café e volto em seguida.

— Por mim, tudo bem.

Ela o acompanhou até a porta.

○ ○ ○ ○ ○

Em casa, Reynold Deckland lembrava-se da conversa com Sarah Dryhill na noite da festa. Os belos olhos e a voz doce lhe falando sobre o maior suspeito de sua própria morte: o vulto.

— *Na verdade sim, senhor Deckland. Há dois dias estávamos conversando no jardim. A minha cadelinha farejou alguma coisa na floresta e, quando vimos, alguém saiu de trás de uma árvore e fugiu. Acho que estava ali desde que chegamos.*

— *E quem estava com a senhorita? Se me permite perguntar.*

— *Claro! Eu estava conversando com Peter e o Padre Loui e, Meleine tinha ido me levar um agasalho e recolher as plantas dela, como faz todas as noites.*

— *E a que horas foi isso, mais ou menos?*

— *Umas nove horas.*

Reynold Deckland olhou para o relógio: cinco para as nove. Pegou o sobretudo e a pistola e correu em direção ao carro. Entrou no Mustang preto e arrancou cantando pneu para o desespero de Dona Maria.

○ ○ ○ ○ ○

Meleine Dubart saiu pela porta dos fundos, enquanto vestia um grosso casaco para proteger-se do frio. A noite estava escura, a luz do jardim formava uma penumbra assustadora. Ela esfregou as mãos e por um segundo sentiu um arrepio na espinha. Hesitou por um instante, respirou fundo e foi ao encontro das plantas. O último vaso estava a uns cinco metros da floresta. Ela

parou, olhou para a porta da casa, já um pouco distante e se penitenciou mentalmente por não ter iluminado melhor aquele jardim.

Naquele momento ela sentia medo, dava passos lentos e pausados em direção ao local. Sua respiração, agora, era ofegante e podia sentir o coração disparado. Fechou os olhos, tomou coragem e deu os dois últimos passos. Abaixou-se, para pegar o vaso e ouviu um som no pinheiro a sua direita; subitamente, uma imensa coruja voou. A mulher deu um salto, o coração quase pulou pela boca, colocou a mão sobre o peito e sorriu, considerando-se uma tola medrosa. Abaixou-se novamente, segurou o pequeno vaso nas mãos e, ao levantar o olhar, teve a visão mais apavorante de sua vida: lá estava ele, o vulto. Tinha a visão do horror entre as árvores e não podia ver seu rosto. Pensou em correr, mas seu corpo ficou paralisado. Sob o capuz, a respiração daquela visão terrível formou uma nuvem de fumaça assustadora. De dentro do manto ergueu-se um braço coberto pelo negro da roupa; nas mãos, luvas também negras e uma arma. Os olhos daquela mulher mostravam a agonia e desespero reais, em estar diante da morte. Ela olhou para o cano da arma e viu fogo. O disparo a atingiu bem no coração, o corpo desabou no chão e mais cinco disparos foram efetuados contra ele.

Reynold Deckland acabara de chegar. Ao ouvir os tiros, sacou sua pistola e correu na direção do jardim. Quando chegou ao local, ainda pôde ver aquela mancha negra correndo ao longe. Atirou três vezes, mas estava escuro demais, havia árvores demais. Ele falhara na missão de proteger Meleine Dubart.

O detetive abaixou-se ao lado do corpo e percebeu que ela ainda tinha vida, agonizava em seus últimos instantes. A governanta murmurou baixo, no ouvido do detetive:

— Ela...ela era minha sobrinha...eu a amava...o dinheiro, o dinheiro que falou...as pedras...acho que estão na lareira...

— Calma Senhora Dubart...calma...

— É uma maldição...estamos todos morrendo...Laura...Sarah e eu. Me ajude...não me deixe morrer...pelo amor de Deus...eu só quero viver...

Deckland olhou os ferimentos, era impossível salvá-la. A mulher estaria morta em instantes:

— A senhora vai ficar boa...

— Não...não vou... — Sangue escorria pelas narinas e boca — Precisa saber a verdade...Fale com o guar...

Naquele momento Meleine Dubart era apenas um corpo sem vida. O

detetive abaixou o olhar, estava realmente triste com aquilo. Um tiro bem em cima do coração, ela deveria ter morrido na hora, pensou Deckland. Puxou o casaco e viu uma grande cruz de prata, na qual o tiro fatal parou. Todos os outros disparos também atingiram o tronco da mulher, o que não deixava dúvidas de que quem puxou o gatilho sabia usar a arma.

Joseph saiu porta afora, correndo na direção deles.

— Deus do céu! O que aconteceu, detetive?

— Chame uma ambulância e o inspetor Latary, por favor.

Reynold Deckland o olhou, apanhou a planta que estava no chão, recolocou um pouco da areia no vaso e foi em direção ao banco de madeira. Lá ele se sentou e esperou.

Minutos depois o inspetor chegou. Estava nervoso e caminhava apressadamente.

— Não acredito. Como aconteceu?

Deckland levantou o olhar e perguntou:

— Onde está o seu homem?

— Quem, Mayers? Não está aqui?

O inspetor viu fúria nos olhos do detetive e foi em direção ao corpo, telefonando.

Latary grita ao celular e Deckland fazia sinal de negativo com a cabeça.

Pouco depois a ambulância chegou, os médicos olhavam o corpo quando John Mayers entrou correndo pela lateral da mansão. Foi ao encontro do inspetor. Este estava quieto, sentado ao lado do detetive:

— Que diabos é isso? O que aconteceu aqui? — Perguntou Mayers ofegante.

— Onde você estava? — Indagou o chefe.

— Fui tomar um café e comer alguma coisa. Não imaginava q...

Deckland o interrompeu, levantando-se:

— Diga isso a ela.

— Mas ela sabia, disse que não tinha problema.

— Eu não quero mais ouvir a sua voz, rapaz. Você é um irresponsável, é uma vergonha para a polícia.

— Olha aqui seu, detetivezinho idiota. — gritou Mayers irado. — Quem pensa que é para falar assim comigo?!

— Tire esse moleque da minha frente, Latary. — Falou Deckland em voz baixa e dando as costas.

— Ninguém vai me tirar daqui. — retrucou o jovem: — Você não é nada,

e não vai ficar falando de mim!

Deckland cerrou os punhos, virou lentamente para o policial, fez um movimento manual para que Latary não interferisse.

Ele não falou, fez! O soco, que pareceu uma marretada, acertou o maxilar do rapaz, que desmoronou no chão. O detetive o pegou pela camisa e falou:

— Preste atenção, seu moleque. Estou cansado de você! Não sei porque saiu daqui, mas sei que esta mulher está morta por negligência sua e eu não vou mais aturar você.

Mayers não conseguia nem olhar, estava atordoado. O detetive concluiu:

— E se falar comigo mais uma única vez, eu arrebento você de verdade.

Ele largou o homem no chão. Ao virar-se de costas, ouviu o engatilhar da pistola. Olhando para trás, viu o policial de arma em punho e o inspetor sacando a sua.

— Abaixе a arma, Latary. — Pediu Deckland furioso.

— E agora, quem é o moleque aqui? — Perguntou Mayers irado.

— Se atirar em mim, será um moleque corajoso. Se não atirar, será apenas um moleque covarde, o que acredito ser.

Naquela hora, os enfermeiros já estavam escondidos atrás de outro banco e Latary caminhava para trás.

Mayers o encarava.

— Atire, vamos, faça alguma coisa.

O policial hesitou por um segundo, e foi o tempo necessário para Deckland desarmá-lo e desferir outro golpe conta o seu rosto. Mas, desta vez, ele não parou por aí, espancou o homem com socos e joelhadas de tamanha força que logo John Mayers despencou completamente inconsciente.

Deckland olhou para o banco onde se escondiam os enfermeiros e falou:

— Levem este estrume ao hospital. Está com fratura no maxilar e no nariz.

Todos o fitavam com os olhos arregalados. Após alguns segundos de paralisia, os enfermeiros foram socorrer o rapaz.

— E outra coisa. Quero a balística, portanto tomem cuidado. Quero saber de que arma saíram estes tiros.

— Sim senhor. — Respondeu um dos homens de branco.

Deckland falou com Latary:

— Sinto muito inspetor, mas paciência tem limites.

— Ele vai ficar bem, não vai?

— Sim, ele vai. Foi só uma pequena surra, para colocá-lo no seu lugar.

— Mas ele é um policial. Isso pode prejudicar o senhor.

— Ele sabe que se fizer isso, vai ter que responder muitas perguntas, como o por que deixou o lugar, contrariando uma ordem sua, entre outras coisas. Acho que não vai fazer nada.

— Espero que não. Vou mandá-lo embora, logo que sair do hospital.

— Não faria isso no seu lugar.

— E por quê?

— Digamos...que ele ainda pode ser útil.

— Veremos isso depois. Vamos conversar sobre o que aconteceu aqui?

Sentaram-se novamente no banco e o detetive explicou:

— Lembrei que a mulher saía toda noite para recolher as plantas e vim para cá. Quando cheguei ouvi os tiros e corri até aqui. Mas já era tarde demais, ela havia levado seis tiros. Ainda pude ver alguém, com o manto negro e o capuz, correndo ao longe, floresta adentro. Atirei três vezes, mas estava escuro e havia muitas árvores. Foi muito rápido, correu e sumiu na escuridão.

— Não o acertou?

— Acho que não, já estava longe quando o vi.

— Pobre mulher. No fundo era uma boa pessoa.

— É, era sim. Vamos fazer algumas perguntas.

○ ○ ○ ○ ○

Ao entrarem na mansão, Joseph estava na cozinha, abraçando Ginna, que chorava desesperadamente.

— Pare de chorar. Quero respostas!

— Mas detetive, a mulher está apavorada. — Falou o mordomo.

— Sinto muito, mas não estou com paciência. Eu falhei em proteger aquela mulher e vou pegar esse tal vulto, custe o que custar. Não tenho tempo para choro.

A mulher tentou engolir e parar.

— Quero que me digam o que sabem.

— Senhor Deckland, já disse tudo o que sabia.

— E você? — Perguntou para a cozinheira.

— Estou indo embora daqui. É o demônio, vai me matar também. Preciso ir embora, quero ir à igreja. Não quero morrer. O diabo vai pegar todos nós!

— Acalme-se! — gritou o detetive: — Se quiser, pode ir à igreja amanhã, mas hoje quero respostas. E a senhorita não vai embora.

Reynold Deckland sabia que algumas pessoas precisavam de uma atitude

mais rude para atenderem. E tinha razão, a mulher se conteve na medida do possível.

— Quem é o tal guarda?

— Que guarda?

— Meleine me falou de um guarda antes de morrer. Quero saber quem é.

— Não sabemos. — Falou Joseph.

— Não responda por ela. — Pediu o detetive, olhando-a.

— Só sei que Sarah pedia para eu fazer uns biscoitos, às vezes. Ela levava para um guarda da floresta. Uma coisa assim.

— De quanto em quanto tempo ela fazia isso?

— Uma vez por mês, às vezes mais, eu acho.

— Certo. Mais alguma coisa? — Indagou Deckland, olhando para os dois.

— Não deixe o diabo me matar, por favor. — Suplicou a cozinheira.

— Reze! — respondeu secamente o detetive: — Vamos embora, Latary.

Reynold Deckland falou antes de entrar em seu carro:

— Desculpe-me o temperamento dessa noite. Tente descobrir quem é e onde mora esse guarda, por favor.

— Eu entendo sua raiva. E pode deixar que vou fazer o possível.

— Obrigado!

○ ○ ○ ○ ○

Após todos deixarem a mansão, Deckland foi até a sala de estar. O lugar era magnífico. As pedras? O que seriam? Diamantes, provavelmente. Mas onde?

Ele foi até a lareira, olhou no fundo, bateu no concreto em busca de algo oco, mas não encontrou absolutamente nada.

Parou, sentou na poltrona de couro preto, na mesma em que Sarah estava cheia de vida, degustando o champanhe. Fechou os olhos e tentou imaginar onde uma mulher esconderia as pedras.

Olhou em cima da lareira, onde havia uma estante de mármore e alguns bibelôs. Um cachorrinho de porcelana; um porta-retratos com uma foto da jovem e de Jéssica; um globo terrestre; pequenos elefantes, provavelmente de ouro e uma coisa que lhe chamou a atenção: ao lado do globo, uma réplica da nave espacial Apolo 11. Perfeitamente detalhada. Certamente algo muito valioso.

Ele ajeitou-se na poltrona e pensou: “ Laika! O nome do primeiro ser vivo a ir ao espaço. É claro, ela deveria gostar disso; ou não haveria motivo para

aquela peça estar ali”.

Reynold Deckland levantou-se e foi até lá. Quanto tentou mover o objeto, ele estava fixado no mármore; forçou, mas não obteve êxito.

A cabine! Ele girou a cabine e a soltou. Nela não havia nada, mas do interior da nave, retirou um cilindro metálico. Devia medir uns vinte centímetros e era preciso uma combinação para abri-lo, mas não naquele momento, pois já estava aberto, e como Deckland imaginou, vazio. A combinação seria, provavelmente, a data da viagem, mas isso era irrelevante, havia algo mais importante a ser feito agora: o guarda.

Deckland e o guarda

Odetetive voltou para sua casa. Dona Maria e Christopher perceberam logo que ele não estava disposto a conversar e respeitaram isso. Deckland leu algumas anotações e ouviu parte das fitas que gravara durante o caso. Estava inconformado com a morte de Meleine Dubart. Ele falhara, deveria ter previsto a irresponsabilidade do policial. Pensou, também, na briga; em alguns momentos achava que havia exagerado; em outros, que havia sido pouco.

Detestava ficar nervoso. Seu corpo parecia tremer internamente e as mandíbulas mantinham-se cerradas. Mas sabia que tudo agora era inútil: acontecera. A mulher que se comprometera a proteger estava morta e ele precisava trabalhar para que outra pessoa não tivesse o mesmo destino.

O detetive degustou uma dose de whisky, sentado na grande e confortável poltrona do escritório. Fez o possível para relaxar, não pôs em prática nem a mania de girar o anel. Tentava manter a mente vazia.

Ele sempre teve dificuldade para dormir. Mas quando se encontrava como naquela noite, precisava fazer algo ou a passaria em claro. O whisky ajudou, e ele foi-se deitar. Mas, mesmo assim, ainda leu boa parte de um livro antes de pegar no sono.

Às oito e meia da manhã seguinte, ainda sério e antissocial, Deckland cumprimentou o sobrinho e a empregada e, sem tomar o café, foi ao estábulo. A neblina estava muito forte, era difícil enxergar à distância.

Não conseguiu esperar e telefonou para Latary:

— *Bom dia, inspetor. O que conseguiu?*

— *Bom dia, senhor Deckland. Existe um guarda florestal sim, estamos tentando conseguir a localização exata da casa. Dizem que mora no meio da floresta. Foi ele quem descobriu a morte do pai de Sarah Dryhill.*

— *E quanto tempo vai levar para achar o lugar?*

— *Mais uns quinze minutos, eu acho.*

— *E sobre o exame no frasco de calmantes?*

— *Ficaram de ligar ainda antes do almoço.*

— *Ótimo. Já viu Mayers hoje?*

— *Ah, sim. — um leve sorriso pôde ser ouvido pelo detetive: — Está*

igual a uma múmia. O senhor quebrou o nariz dele e fissurou o maxilar. O médico já lhe deu alta e agora está dormindo.

— Ele consegue falar?

— Sim, mas vai ter que tomar sopa por uns tempos.

Agora era Deckland quem ria:

— Melhoras para ele.

— Por incrível que pareça, ele me disse que realmente estava errado.

Acho que a surra arrumou os miolos dele.

— Espero que sim.

— Aceitou permanecer no caso, mas disse que quer evitar ao máximo o contato com o senhor.

— Bom para ele. Bem, espero o retorno da ligação.

— Não se preocupe.

○ ○ ○ ○ ○

Era Lecabel, o cavalo preferido de Deckland e no qual depositava a maior confiança, que estava sendo encilhado por ele. Uma sela de couro negro cobria o pelo castanho do cavalo. Carregou sua espingarda Winchester calibre 44 e a colocou no envoltório de couro, do lado direito da sela. Quase na anca do animal, pousavam uma sacola dupla e um cantil, ambos também de couro.

O telefone tocou:

— Já temos a localização. É um pouco embrenhado na mata, o cara deve ser louco. Não poderemos chegar lá de carro.

— Já contava com isso. Prefiro ir sozinho, se não se importar.

— De jeito nenhum. — Respondeu o inspetor, em tom de alívio.

Ele deu o nome do homem e sua posição ao detetive, que a anotava tudo em um papel, desenhando um pequeno mapa.

— Obrigado, amigo. E tome cuidado.

— Digo o mesmo, meu caro. Boa sorte.

○ ○ ○ ○ ○

— Vamos lá, garoto. — Falou o detetive, dando dois tapinhas no pescoço do cavalo.

Montou e saiu rumo à floresta. No caminho, checkou a pistola com cabo de osso que carregava na cintura e foi ao passo, conversando com o animal.

Como ele imaginava, havia uma trilha na floresta, pela qual, certamente, o guarda e Sarah Dryhill transitavam quando necessário. Ele hesitou em segui-la; preferia um caminho novo, mas os pinheiros não eram muitos

distantes entre si e a neblina atrapalhava. Decidiu percorrer a trilha.

Vinte minutos em ritmo lento e o detetive já visualizava o pequeno casebre em uma clareira.

A habitação era simples, de alvenaria e sem nenhum tipo de pintura. Na frente, lenha e um machado. O detetive percebeu que não havia geada sobre aquelas peças e olhou em volta, sabendo que o homem cortara a lenha havia pouco.

Diminuiu ainda mais o passo do cavalo e manteve o olhar atento a tudo. Aquele certamente era um homem pouco acostumado a visitas e ele poderia ser considerado uma ameaça.

Apeou do cavalo e foi em direção à porta. Antes de bater, um grito veio da floresta:

— Parado aí!

Deckland virou-se para o lugar de onde viera o som e, com os apurados olhos, percebeu o homem entre os arbustos.

— Acalme-se, senhor Ritler. Sou o detetive Reynold Deckland e estou aqui para conversar com o senhor. Abaixei a arma, por favor.

Frank Ritler não atendeu ao pedido do detetive; saiu da mata em sua direção, mas com a espingarda em punho. Um homem de sessenta e sete anos, de pele negra e cabelos um pouco grisalhos, parecia mais jovem do que realmente era. Tinha um rosto marcado por linhas fundas e o corpo não tão jovem, porém bastante forte.

— Sobre o que quer conversar?

— Sarah Dryhill.

— Não tenho nada a dizer. Tem uma ordem legal?

— Não, não tenho. Mas isso só vai adiar nossa conversa.

— Que seja! Pegue seu cavalo e vá embora.

Ele falava sério e Deckland tinha uma grande sensibilidade para perceber quando e como agir. Montou em Lecabel e partiu em direção à floresta, sem dizer nada.

Cinco minutos de maratona. O detetive estava irritado; não entendia o motivo de tanta hostilidade. Lecabel parou abruptamente. Não era comum ele fazer isso e o dono o conhecia bem. Os olhos e ouvidos de Deckland estavam atentos e ele sabia que precisava sair dali, pois, parado, seria um alvo fácil. Quando ia tentar fazer o cavalo partir, um singelo som de um galho quebrando entrou em seus ouvidos como um grito. Ele voltou o olhar para o local e ao mesmo tempo o cavalo empinou. Um disparo! Deckland e sua

montaria caíram ao chão. Lecabel estava ferido! O tiro havia atingido a espádua dianteira do animal. O detetive sacou a pistola e atirou em direção à floresta.

— Estou aqui! — gritou ele, correndo para longe do cavalo ferido: — Vamos, me pegue!

Após alguns segundos, ouviu o som da arma sendo engatilhada lentamente e um novo disparo. Passou perto; atingiu a árvore ao lado do detetive que, por sua vez, atirou duas vezes. Outros três tiros foram ouvidos e Reynold Deckland viu o vulto correr em meio à neblina. Usava o mesmo manto negro com capuz. Deckland atirou naquela direção mas, em segundos, nada mais podia ser visto: o vulto desaparecera na névoa. Vislumbrou o guarda com a espingarda na mão, ainda disparando rumo à floresta. Correu em direção ao cavalo e ajoelhou-se ao seu lado. Tirou o casaco de couro e fez pressão sobre o ferimento. Seus olhos, pela primeira vez, demonstravam o medo de perder algo.

— Calma, rapaz, você vai ficar bem...eu prometo. Você salvou minha vida.

Lecabel bufava pausadamente, os olhos mostravam seu desespero. Deckland estava, talvez, mais desesperado do que o animal.

— Me ajude, pelo amor de Deus. — Gritou em direção ao local onde o guarda estava. Mas não o via mais.

Reynold Deckland deu um grito de raiva. Fora tão alto que até os animais da floresta pareceram parar seus sons em respeito ao homem.

Ele pegou, dentro da sacola, o material de primeiros socorros que sempre carregava quando ia montar e tentou limpar o ferimento.

Um som de cavalos vinha pela trilha. O detetive puxou a espingarda, engatilhou-a e esperou.

O guarda chegava com dois grandes cavalos que arrastavam um couro comprido e forte cercado por tábuas de madeira. Parou os animais pouco à frente do detetive e falou:

— Vamos rolá-lo para cima do couro e levá-lo até a cabana. Posso cuidar dele lá.

O detetive agradeceu com um aceno e os dois homens rolaram Lecabel para cima do couro.

○ ○ ○ ○ ○

Ele soltou os cachorros e sabia que, se alguém se aproximasse, os cães o avisariam.

A casa era ainda mais simples por dentro. Tudo de madeira! Frank Ritler colocou o animal em uma peça, na qual só existiam prateleiras de madeira e material veterinário.

— Pode cuidar dele, senhor Ritler?

— Farei o possível. O tiro não pegou em áreas fatais, mas não posso garantir nada.

— Faça o melhor que puder, por favor.

— Quem atirou em você?

— É o que estou tentando descobrir.

— Gosta muito deste animal, não é?

— Sim, muito mesmo. Por que está fazendo isso por mim?

— Não é por você, é por ele. — apontou para Lecabel: — Pode me fazer um favor?

— Claro!

— Vá até a cozinha, tem lenha no fogão e o café está na prateleira.

Deckland sorriu e foi fazer o café.

Algum tempo depois, o homem fez um curativo e falou:

— Ele tem que descansar um pouco. Vou fazer mais café.

Eles se sentaram ao lado do animal e o detetive perguntou:

— Por que faz isso? Quero dizer, morar isolado, cuidando da floresta.

— Pelo mesmo motivo que você mora na cidade, opção.

— E o que o levou a optar por isso?

— Eu era um caçador. Um dia estava com alguns amigos caçando lobos, uma fêmea estava na nossa mira e disparamos contra ela. Não acertamos os primeiros tiros e, logo em seguida, de trás de uma pedra, o macho saiu, correndo em outra direção e uivando. Estava chamando a nossa atenção para ele e salvando a vida da fêmea. Como você fez com o cavalo, na mata.

— E salvou?

— Sim, ela conseguiu chegar à mata em segurança.

— E o macho?

O homem abaixou a cabeça e falou com um tom extremamente triste:

— Eu o matei! Estava acostumado com aquilo, foi quase instintivamente. Quando cheguei perto e vi o corpo do animal, o mesmo animal que dera a sua vida para salvar a fêmea, foi como se fosse eu que estivesse morto. Olhei para a mata e lá estava a fêmea; ela não fugiu floresta adentro, estava lá. Olhava nos meus olhos; abaixou a cabeça e entrou na floresta caminhando lentamente. Aquilo foi a pior coisa que vi na minha vida. — os olhos do

homem estavam cheios d'água, ele abriu um sorriso e continuou: — Daí em diante, resolvi que viveria para salvar a vida deles. Fiz medicina veterinária e vim para cá, há trinta anos.

— Faz um belo trabalho aqui.

— Faço o que posso.

— Como o senhor conheceu Sarah Dryhill?

— Não faça perguntas, já disse que não direi nada.

— E se eu lhe disser que ela está morta?

— Como morta?

— Foi envenenada.

— Deus do céu. Quem fez isso?

— A mesma pessoa que atirou em mim, na mata. E acho que o senhor pode me ajudar.

— Jurei que não diria nada, até morrer, mas me sinto na obrigação de lhe contar.

— Talvez esteja salvando muitas vidas.

— Aconteceu há vinte e dois anos. Ouvi um tiro na floresta e fui ver o que era. Pensei serem caçadores. Quando cheguei, uma mulher chorava segurando um bebê no colo, ao lado dela, uma espingarda e sangue. Esta mulher era, na verdade, Susan Dryhill e, o bebê, era Sarah. Eu a trouxe para cá, estava muito nervosa; quando se acalmou me contou toda a história.

— Vá em frente, me conte.

— Ela disse que moravam nos Estados Unidos e o marido era médico. Ela não sabia de nada até aquele dia. O doutor tinha engravidado a secretária que se chamava Laura alguma coisa.

— Dubart!

— Isso mesmo. O marido tinha mandado a tal Laura para outra cidade, ter o filho. Ela teve, era uma linda menina. O médico veio para FeetMountain e não avisou nada à secretária. Quando ela percebeu que tinha sido abandonada, tentou achá-lo. Tinha uma filha para criar e uma irmã doente, precisava do dinheiro que ele depositava todo mês. Então ela conseguiu encontrá-lo, estavam há pouco tempo na cidade. Foi à casa dele e a mulher o ouviu combinar um encontro na floresta. Ela não sabia do que se tratava, mas como o marido disse que ia caçar, decidiu segui-lo. Ele a levou até um penhasco, não muito longe daqui e a empurrou lá de cima. Susan ficou apavorada, ele pegou a criança e foi até o rio, ela foi atrás. O marido largou a espingarda no chão e foi até a beira da água. Quando Susan percebeu que ele

ia matar a criança, pegou a espingarda e o ameaçou. Ele largou o bebê no chão e tentou sacar um revólver. Foi aí que Susan atirou; usava uma espingarda quase igual à sua. Acertou o marido no peito e ele caiu morto no rio.

— E o senhor a ajudou, dizendo que ele fora morto por lobos. Estou correto?

— Exatamente. O desgraçado merecia morrer mesmo e a mulher não podia ser julgada por isso. Susan disse que ficaria com a criança e que se isso se tornasse público Sarah saberia da história.

— E ela nunca soube?

— Nunca! Susan vinha sempre me ver. Ficamos muito amigos e ela trazia Sarah junto. A pequena se afeioou a mim e mesmo depois da morte da mãe continuou me visitando. — O homem deixou rolar uma lágrima naquele momento, mas se conteve e continuou: — Susan trouxe a irmã doente da secretária para morar com ela e cuidou da mulher enquanto estava viva.

— Meleine Dubart. — comentou o detetive abaixando a cabeça: — Foi assassinada na noite passada.

— O que? Quem diabos está fazendo isso? E por quê?

— É o que estou tentando descobrir. Tem certeza de que o homem morreu?

— Sim. Susan disse que o acertou bem no peito e, com uma arma dessas, é impossível resistir. Ainda mais no rio gelado.

— Disso não tenho dúvidas. Se nem os búfalos resistem! Sabe se ele carregava alguma mochila ou coisa assim?

— Ela disse que sim, mas estava no corpo dele. No local, só ficou o chapéu, eu o molhei no sangue e disse que vi lobos carregando um corpo para dentro da mata.

— Sabe que lobos não atacam assim, senhor Ritler.

— Claro. Mas contei com a ignorância dos outros. Nunca fez isso em seu trabalho?

— Ah sim, sem dúvida.

— O resto foi com a polícia. Depois que eu disse isso, Susan os chamou e falou que o marido havia saído para caçar e não havia voltado. Eles nem investigaram direito, acharam o chapéu e deduziram que o corpo que eu vi era dele.

— E quanto à mãe verdadeira dela?

— Nunca encontraram o corpo, o lugar é muito alto e tem pinheiros lá

embaixo. É pouco acessível. Os animais devem tê-la comido, como devem ter feito com o médico também.

— Compreendo! Então não podemos afirmar que ela esteja realmente morta.

— Só se acontecesse um milagre.

— Com certeza. E ninguém mais soube do que aconteceu?

— Não, ela ainda não tinha criados em casa. Eram só os dois. Não sei como ela fez, mas Sarah ficou mesmo como uma Dryhill. Talvez a tia tenha passado a criança para ela. Não sei, mas só as duas e eu sabíamos.

— Sabe que corre sério perigo de vida.

— Não se preocupe, ninguém chega perto daqui sem tomar uma bala.

— Fico feliz.

Deckland almoçou com o homem. A comida era simples, mas surpreendentemente muito saborosa. Conversaram durante boa parte da tarde e quando Lecabel começou a despertar do sedativo, Deckland perguntou:

— Em seguida tenho que ir. O que acha que devemos fazer com ele?

— Tem muito sangue e isso pode atrair predadores à noite. Seria melhor levá-lo para sua casa. Com certeza deve ser melhor do que este galpão.

— Sei muito pouco de veterinária.

— Agora não há muito o que fazer. Ele não quebrou nenhum osso e não teve órgãos atingidos. É só fazer algumas coisas que vou lhe dizer e ele vai ficar bom.

— E como vou levá-lo?

— Tenho uma carroça grande, lá nos fundos. Não é muito confortável, mas ele nem vai sentir.

— Devo-lhe muito.

— É um prazer ajudar.

Eles tiveram dificuldades para erguer o grande animal até a carroça, mas os engenhos que inventaram resolveram o problema. No caminho, o guarda florestal guiava a carroça enquanto Deckland apontava sua espingarda para a floresta.

O trajeto foi tranquilo. Alguns pássaros e animais correndo no mato assustavam o detetive, mas tudo correu bem.

Eles chegaram e Christopher logo se aprontou para ajudar. Frank Ritler havia levado alguns medicamentos e explicou ao detetive como e quando usá-los. Arrumaram a espaçosa baia do animal e o colocaram lá.

— O que houve com o Leca, tio?

— Foi ferido, Christopher, mas se Deus quiser ficará bem.

— O que aconteceu?

— Ele salvou minha vida. Foi isso!

Deckland pediu ao guarda que ficasse, mas tinha de voltar à cabana.

— Preciso ir. Espero que tenha sorte neste caso.

— Muito obrigado por tudo. Quando resolver o caso, vou lhe fazer uma visita.

— Será muito bem-vindo.

— O senhor também é muito bem-vindo nesta propriedade. Venha quando quiser.

Ritler subiu na carroça e comentou, antes de o detetive falar.

— Não se preocupe, se alguém chegou perto da cabana, eu saberei.

Deckland apenas sorriu.

Ao se afastar alguns metros, o homem parou a carroça e voltou-se para o detetive:

— Pode me fazer um favor, amigo?

— Claro, o que quiser.

— Não tenha o mesmo fim daquele lobo do qual lhe falei.

Abriu um largo sorriso e foi em direção à floresta.

○ ○ ○ ○ ○

Reynold Deckland dedicou as duas horas seguintes ao cavalo. Christopher ajudava como podia.

Às oito da noite, o detetive tomou um banho, jantou e telefonou para Latary.

— *Como vai, inspetor?*

— *Tudo bem e o senhor?*

— *Não tão bem. Acabo de sofrer um atentado.*

— *Como é?*

— *Isso mesmo. Poderia conversar com os suspeitos e perguntar onde eles estavam no horário do atentado?*

— *Claro!*

O detetive explicou como e quando aconteceu.

— *Não se preocupe, irei agora mesmo.*

— *E quanto ao frasco?*

— *Ah, sim. Havia traços do veneno no fundo. Não estou entendendo mais nada.*

— *Entenderá! Visite todos, com exceção de Edgard Vernon. Este, eu*

visitarei pessoalmente.

O detetive telefonou para o misterioso jogador e com seu consentimento foi até sua mansão.

Deckland visita Vernon

Deckland chegou em frente à mansão do jogador. Parecia um castelo antigo, toda de pedras e poucas janelas. Era como estar na Idade Média. Um lindo gramado e um caminho de pedras redondas levavam à grande porta de madeira.

Uma cabeça de dragão, em bronze, estava no meio da imponente porta. O detetive a analisou curioso e bateu três vezes.

Edgard Vernon abriu a porta, sorriu e convidou:

— Entre, Senhor Deckland. É um prazer recebê-lo.

Ele acompanhou o jogador até o salão de jogos. Visualizava tudo: os móveis, quadros, tudo muito antigo. Ao ver o grande salão com o piso xadrez, não se conteve:

— Realmente, o senhor é um aficionado por xadrez.

— Este lugar é o que eu chamo de me sentir em casa. — declarou o homem, sorrindo: — O senhor quer jogar uma partida, enquanto conversamos?

— Claro, por que não?

Edgard Vernon trocou o tabuleiro eletrônico por um imenso, todo em mármore. As peças eram de pedra e perfeitamente desenhadas, um trabalho delicadíssimo.

— Vejo que é um homem eclético, Senhor Vernon. Aprecia coisas antigas, porém usufrui da modernidade. Usa a internet também? — Perguntou Deckland, olhando para o tabuleiro eletrônico.

— Sei que sua pergunta tem um toque investigativo, mas uso sim e muito bem.

Deckland sorriu e arrumou-se na cadeira:

— Vamos ao jogo.

Começaram a jogar. O detetive iniciou com uma jogada ensaiada, o que fez Vernon dar uma risada contida.

— Onde esteve esta manhã?

— Fui comprar comida e dar uma volta. Por quê? Tem algum assunto em especial que gostaria de falar comigo, detetive?

— Quero saber sua opinião sobre o caso.

— Estou lisonjeado. O que exatamente quer saber?
— Suspeita de alguém?
— Como o senhor diz, “todos são suspeitos até que se prove um culpado”. Neste caso, com exceção de Peter Willtolk, é claro.
— O senhor se inclui no que diz?
— Com certeza. Percebo sua maneira de pensar e sei que sou um suspeito em potencial. No seu lugar, acharia o mesmo.
— E não faz questão de parecer inocente. Por quê?
— Porque posso não ser. E se este for o caso, tentar escapar seria inútil diante de um detetive como o senhor.

Aquele olhar era sinistro, Deckland sabia que estava frente a um homem de inteligência privilegiada e, no fundo, ele gostava disso: teria que ser melhor do que ele. Agradeceu o elogio e comentou:

— Na minha opinião, o senhor está jogando comigo.
— A vida é como um grande jogo de xadrez, meu caro. Temos que ter experiência, perseverança, inteligência, estratégia, sorte e, principalmente, vontade de vencer. Precisamos saber inverter uma situação ruim e manter uma boa; isto é complicado para a maioria das pessoas.

— O problema é que na vida, cada indivíduo joga com um determinado número de peças, e algumas já começam em xeque. — Observou o detetive, enquanto tirava, triunfante, um peão do jogador do tabuleiro.

— Concordo plenamente. As condições variam para cada um e é isso que faz o jogo interessante. É aí que entram todas as virtudes que citei. Por isso, nem sempre os bons vencem, mas os excepcionais, normalmente, saíram vitoriosos, a não ser que seu oponente também o seja. E acredito que quem matou Sarah Dryhill seja um destes jogadores excepcionais. Matou-a fazendo parecer um suicídio e, suspeitando de que poderiam descobrir o crime, fez as suspeitas caírem sobre várias pessoas. Talvez eu seja uma delas, talvez não.

Vernon ganhou um cavalo do detetive e perguntou, com ar sério:

— Considera-se excepcional, senhor Deckland?

O detetive respondeu, encarando Vernon com ar confiante:

— O suficiente! E o senhor?

— Acho que tenho uma grande vantagem sobre os outros, quando começo a jogar. Normalmente, estou em situação assim. — ele moveu seu bispo e exclamou: — Xeque-mate em quatro lances!

O detetive analisou o jogo e viu que realmente perderia em, no máximo, quatro lances. Edgar Vernon sugeriu:

— Pode tombar o seu rei; seria uma desistência, mas na sua atual situação, é uma saída a ser considerada.

— Vai ter que usar seus quatro lances, senhor Vernon. Terá que liquidar o rei para vencer, nunca vou desistir.

— Perseverança, uma boa virtude.

Quatro lances adiante, Vernon fez deitar o rei do seu oponente. Olhando fixamente nos olhos do detetive, esboçou um pequeno sorriso e disse:

— Espero que não tenha ficado chateado com o jogo.

— De maneira nenhuma. xadrez é a sua especialidade; investigação, a minha.

Conversaram por mais alguns minutos. O detetive fez perguntas sobre o passado do homem, que usava respostas subjetivas, como sempre. Antes de Reynold Deckland ir-se embora, o jogador fez questão de mostrar alguns aposentos da casa e adornos antigos.

○ ○ ○ ○ ○

Ao voltar à sua propriedade, o detetive foi direto ao estábulo. Lá chegando, entrou na baia de Lecabel. O animal parecia um pouco melhor. Ele abriu o cadeado do caixote de madeira, que levava para lá com a intenção de guardar os remédios, e tirou a medicação que o guarda mandou aplicar. Após terminar o serviço, fumou um cigarro, enquanto conversava com o animal e foi para a casa.

McLeon em cena

Às onze horas da noite, o detetive conectou-se à internet, como combinado. Logo em seguida, foi a vez de Jonas McLeon.

— *Aqui estamos. Como foi seu dia, Reynold?*

— *Péssimo! Acabo de voltar da casa de Edgard Vernon, o jogador. Lembra?*

— *Como poderia esquecer. Por falar nisso, que tal uma partida de xadrez virtual, enquanto conversamos?*

— *Duas derrotas na mesma noite é demais. Mas tudo bem, vamos lá!*

Era geralmente um jogo equilibrado. Mas naquela ocasião, Reynold Deckland estava mais preocupado em contar os acontecimentos do dia do que em jogar. McLeon prestava bastante atenção ao que o detetive dizia, mas tinha a fantástica capacidade de dividi-la.

— *E acha que está chegando ao criminoso?*

— *Sim! As coisas estão começando a se esclarecer na minha mente.*

— *Formidável! E o cavalo, está bem?*

— *Se Deus quiser, ficará!*

— *E quanto a você? Machucou-se na queda?*

— *Só um pouco dolorido, nada que uma boa noite de sono não cure.*

— *Fico satisfeito. É uma história fantástica, essa da família da moça. Quem poderia imaginar que um lugar tão pequeno esconderia tantos mistérios. Todos são fortes suspeitos, uns mais, outros menos, mas não podem ser descartados.— opinou, movendo o bispo— Conte-me sobre o jogador, esse homem me parece interessante.*

O detetive narrou a conversa. Após finalizar, perguntou:

— *Já lhe contei tudo sobre o caso. O que acha?*

— *Que você está diante de alguém muito inteligente.*

— *Eu sei. Mesmo que eu prove quem é, vai ser difícil pegá-lo.*

— *Exato, vai ter que fingir que ele está seguro. Só assim ele ficará vulnerável. Faça-o pensar que não é suspeito. É a única maneira de chegar perto. Se o assassino se sentir ameaçado, agirá.*

— *Ah! Como falhou assim! Olhe sua rainha, você a deu de graça ao meu peão. — o detetive estava tão displicente que, retirando a rainha de McLeon,*

comentou triunfalmente: — Não esperava uma falha dessa de você!

Ao mover o peão para comer a rainha do adversário, Deckland abriu um corredor, pelo qual McLeon avançou sua torre e comentou:

— Como eu disse. Deixe-o pensar que você cometeu um erro tolo e, quando ele menos esperar, diga-lhe o que lhe direi agora: xeque-mate!

É, mais uma vez o detetive perdeu. McLeon fizera com ele, exatamente o que lhe aconselhou fazer com o assassino. Deckland estava realmente furioso consigo mesmo. Riu e digitou:

— Você é fora de série. Hoje eu estou um pouco desconcentrado, mas em breve teremos a revanche.

— Quando quiser, Reynold. Mas agora você precisa dormir. Sabe que horas são?

— Minha nossa! Duas da matina! Como o tempo passou depressa. Realmente, tenho que acordar cedo amanhã e não tenho dormido muito bem ultimamente.

— Precisa cuidar da saúde. O cérebro só funciona bem se o corpo assim funcionar.

— Obrigado pelo papo. Nos falamos logo. Um abraço!

— Cuide-se, Reynold! A propósito, Ercília lhe mandou um beijo e disse que quando você pegar o assassino, deve jogá-lo aos leões. Essa minha mulher é uma fera, hein?

— Ela é formidável. Mande um beijão para ela.

O detetive ainda foi tomar um banho e comer alguma coisa. Ao se deitar, formulou as ideias em sua mente e percebeu que estava bem próximo da verdade; mas faltava ver alguns suspeitos e esclarecer mais algumas dúvidas.

Só conseguiu dormir às três e meia da manhã.

Capítulo 19

Deckland furioso

Deckland ficou no hospital com Christopher, enquanto Latary saía para almoçar. O rapaz já não estava mais sob o efeito dos sedativos.

— Como se sente, Chris?

— Meio baleado, admito. — Respondeu com um pequeno sorriso.

— Sinto muito.

— Não se preocupe, tio, eu vou melhorar.

— Eu sei. Isso vai acabar logo, você vai ver.

— O Zico me salvou. O Leca parecia que estava tentando me avisar. Quando eu ia entrar, o Zico pulou na porta e abriu antes.

— Ele gosta muito de você. Pode parecer besteira, mas os animais pressentem o perigo. Na verdade, nós dois devemos a vida a eles.

— É verdade. Acho que ele merece um osso.

O tio riu. Ficou lá cerca de quarenta minutos, até que o inspetor voltou do almoço. Deckland pediu que Latary o aguardasse fora do quarto. Tirou um revólver do sobretudo e o entregou ao jovem:

— Ainda lembra como de usar?

— Claro. Mas qual o motivo?

— Vou precisar do inspetor. Dona Maria virá lhe fazer companhia, mas é bom se prevenir. Tenho quase certeza de que nada vai acontecer, o assassino estará lá, bem na minha frente. Ele não queria você, aquele tiro estava destinado a mim, mas não quero arriscar.

— Como quiser. Se isto o deixa mais tranquilo, fico com o revólver.

— Não deixe que vejam.

O jovem pegou a arma e o celular do tio. A pedido dele, Christopher ligaria para o telefone de Latary, se algo acontecesse.

○ ○ ○ ○ ○

À uma e meia da tarde, Deckland, Mayers e Latary esperavam os suspeitos no auditório. Eles foram chegando aos poucos. O primeiro foi o padre:

— Boa tarde, senhores. Como estão?

— Seja bem-vindo, padre. Precisamos conversar em particular. Gostaria que me aguardasse aqui, após a reunião. — Pediu Deckland.

O homem pareceu curioso, mas consentiu com um gesto e perguntou:

— De que se trata?

— Sua segurança.

Neste momento era Phillip Mooley quem chegava. Veio sozinho, vestido como quem vai a uma festa. O jovem falou com arrogância.

— Essa história de reunião é ridícula.

Deckland estava nervoso demais para responder, ignorou-o. Latary o encarou, mas também não disse nada.

— Nem cumprimente, meu filho. Finja que não os viu.

Era a inconfundível voz de Clara Hampton. Ao seu lado, o filho sorria.

— Não seja boba, mamãe. — Olhou para os homens e apertou a mão de cada um deles. Deckland respondeu com demasiada força, o que fez o médico desmanchar o sorriso irônico.

— Olhem o nosso homem da acompanhada. E quem é esse ao seu lado?

— perguntou Roy Mooley, olhando Mayers: — Será a reencarnação do Tutankamon?

Emma, que estava junto, censurava o marido mesmo sem saber do que ele falava, mas imaginando tratar-se de besteira.

O inspetor corou e o cumprimentou, sorrindo. Já Deckland, apenas acenou com a cabeça, com a mesma frieza com a qual estava tratando todos.

As pessoas ficaram no salão. Achavam-se bem atrás do detetive e falavam muito, o que o estava irritando.

Jéssica Lewis chegou ao lado do pai que, com o semblante sério, perguntou ao detetive:

— Ela virá?

— Pode contar com isso, Senhor Lewis. Espero que não tenhamos problemas novamente.

— Se depender de mim, não teremos.

Jéssica estava de cabeça baixa e olhos tristes. Ao entrar, não cumprimentou nem mesmo Eric Hampton.

Thomas Gardner chegou sozinho; quando esboçou falar alguma coisa, Deckland o interrompeu.

— Entre e aguarde!

O homem assim o fez.

Os próximos cinco minutos foram irritantes para o detetive. Latary e Mayers não abriam a boca, atrás deles, as vozes se misturavam, não sendo possível ouvir direito.

Elizabeth Lewis desceu do táxi, fixou o olhar no detetive por um instante e virou bruscamente o rosto, entrando no auditório.

— Mayers, avisou Joseph Honey e a cozinheira? — Indagou Deckland.

— Não, não sabia que deveria.

A expressão de insatisfação no rosto do detetive fez o inspetor dar a ordem para o policial ir buscá-los.

Hampton, Mooley, Gardner, Lewis. Quem faltava? Ele mesmo, pensou Deckland; era o excêntrico Edgard Vernon quem entrava.

— Como vai, detetive?

— Não tão bem como o senhor.

Antes que o jogador sequer respirasse, Deckland continuou, com o tom de voz calmo, porém imponente:

— Vou lhe dizer uma coisa, Senhor Vernon. O senhor sempre se coloca como um possível assassino. Se realmente o for, acaba de perder uma grande peça do seu jogo, a confiança.

— E por que, Senhor Deckland?

— Disse que sempre começava um jogo com xeque-mate em quatro lances. Certo?

— Exato!

— Pois errou o último lance. E isso tira parte da sua confiança.

— Errei?

— Sim, se realmente fosse o assassino, teria perdido o último xeque. Sarah Dryhill, Peter Willtolk e a governanta teriam sido os três primeiros. O quarto e final, aconteceria esta manhã, entretanto, meu rei não tombou. Estou aqui!

— Não compreendo o que quer dizer.

— Se realmente não compreende, saberá na reunião.

Dez minutos depois, o mordomo e a cozinheira entravam ao lado do policial. Ginna fora direto pedir a bênção ao padre enquanto Joseph ficava parado, imóvel ao lado da porta, esperando ordens. Após a morte da governanta, os dois foram obrigados pelo inspetor a se hospedarem no Green Garden. Ginna odiou a ideia, mas teve de aceitá-la; já o mordomo não relutou em fazê-lo.

Todos foram levados às cadeiras. Alfred Lewis nem olhou a cara da esposa infiel. Um início de discussão entre Eric Hampton e Phillip Mooley foi apaziguado pelo padre.

O detetive subiu no palco e falou:

— Eu não vou lhes pedir atenção. Se quiserem ficar conversando, fiquem à vontade, tenho o dia todo para esperar. — Puxou uma cadeira que estava sobre o palco, sentou-se e acendeu um cigarro.

Em segundos, a atenção era toda dele:

— Muito bem, nas primeiras vezes em que nos reunimos, Peter Willtolk e Meleine Dubart estavam sentados aí, ao lado de vocês.

Emma Mooley lembrou-se de que a governanta estava sentada na cadeira dela e trocou de lugar na mesma hora. Deckland parou de falar, esperou e continuou:

— Eu vi aquelas pessoas morrendo e quero deixar claro que não protegerei mais ninguém aqui. Agora é por conta e risco de vocês. E se morrerem, não sentirei nem mesmo pena.

Todos estavam de olhos arregalados, com exceção de Edgard Vernon, Eric Hampton e Phillip Mooley, que pareciam tranquilos.

— Ontem à tarde sofri um atentado. Atiraram contra mim na floresta. Esta manhã, o ato se repetiu na minha propriedade. O assassino não se surpreendeu ao me ver vivo agora, e sabem por quê? Porque ele está aqui, está entre vocês e sabia que eu não havia morrido. — levantou-se e continuou: — E sabem por que tentou me assassinar? Porque sabe que vou pegá-lo e está com medo. Um covarde, é isso o que é.

Deckland fitou todos nos olhos, mas não pode notar nenhum olhar diferente.

— E digo mais, agora é pessoal. Seja quem for esse desgraçado ou esta desgraçada, eu vou pegá-lo. Estou um passo atrás do assassino e ele vai tropeçar.

Ginna levantou-se apavorada:

— E o que eu e o Joseph temos a ver com isso?

— Como eu já disse aos outros aqui presentes, para mim, “todos são suspeitos até que se prove um culpado”. Compreendeu?

A mulher calou-se e sentou.

— Você fala, fala e não resolve nada. — Disse Eric Hampton, agora irritado.

— Para começar, rapaz, me chame de senhor. Em segundo lugar, mantenha a boca fechada porque eu não estou disposto a ouvir insultos hoje.

Mayers, que sabia o resultado de Deckland nervoso, fez o médico voltar ao seu lugar.

— Agora vocês responderão algumas perguntas aos policiais e depois

serão liberados.

E assim foi feito. Todos tiveram que explicar onde estavam na tarde anterior, naquela madrugada e se alguém havia dado falta da uma espingarda de caça, calibre doze.

Durante os depoimentos, Clara Hampton, Phillip Mooley e Thomas Gardner deram considerável dor de cabeça aos policiais, até que Latary perdeu a educação e impôs sua autoridade.

Deckland esperou o padre responder as perguntas e o levou à outra sala:

— O que foi, meu filho? No que posso ajudar? — Perguntou o padre Loui.

— Sarah, Willtolk e Meleine. Isso lhe diz alguma coisa?

— Como assim?

— Nada lhe é familiar?

— Todos são, detetive Deckland. Eu os amava como a todas as pessoas. Porque?

— Os três estavam juntos quando o vulto apareceu pela primeira vez. Além deles, só havia mais uma pessoa lá e esta pessoa era o senhor.

— O que quer dizer?

— Que estão todos morrendo e acho que será o próximo.

— Por que alguém ia querer me matar?

— Por que alguém mataria Sarah Dryhill?

— Entendo. Mas não precisa se preocupar, eu estou protegido pelo Senhor. Nada de mal vai me acontecer.

— Espero que esteja certo. Disse que não protegeria mais ninguém, mas no seu caso, reconsidero.

— Eu agradeço muito sua preocupação, mas tenho fé em Deus de que nada vai me acontecer.

— Muito bem, padre. Eu fiz a minha parte, mas como já lhe disse: “Livre Arbítrio”.

Depois do padre, foi Alfred Lewis quem foi chamado à sala.

— O que deseja, detetive?

Deckland tirou do sobretudo o revólver calibre trinta e oito que pertencia ao homem.

— Ficou comigo na última reunião.

— E por que está me devolvendo?

— Sei que só o usará para se proteger. Mas não conte a ninguém.

— Não contarei. Obrigado!

O homem o olhou, surpreso; pegou a arma e deixou o lugar.

A reunião foi rápida. Não passava das três da tarde e quase todos já haviam deixado o local.

Deckland ficou na porta do auditório, olhando nos olhos cada um deles. Todos abaixaram o olhar e não fizeram comentários, com exceção de um: Edgar Vernon. Ele esperou até não haver mais ninguém no auditório e, ao sair, olhou para o detetive, sorriu e comentou:

— Diga-me uma coisa, detetive Deckland. Suponhamos que eu tivesse matado Sarah Dryhill, como o senhor sugeriu. — fez uma pequena pausa e concluiu: — O jogo começou antes ou depois da morte dela?

O jogador levantou as sobancelhas, bateu no ombro do detetive e deixou o local, sem dizer nem mais uma palavra.

○ ○ ○ ○ ○

Mayers e Latary faziam as últimas anotações quando o detetive sentou-se:

— O que temos?

— De madrugada, todos disseram estar em casa, até mesmo Vernon. — respondeu o inspetor: — Mayers já tinha falado com o recepcionista do hotel e ele disse que não viu ninguém sair à noite, mas existe a porta dos fundos.

— O de sempre! — exclamou Deckland impaciente: — E durante a tarde?

— A maioria saiu, com exceção de Jéssica Lewis, que estava na loja; do gordo, que diz ter assistido a um jogo de hockey na TV; e do doutor Hampton, que afirma não ter saído de casa. Por outro lado, Jéssica Lewis jura que o viu passar em frente à loja.

— Ok, onde estavam Ginna e Joseph?

— No hotel.

— Estão em quartos diferente, certo?

— Sim.

— Perguntou sobre a espingarda?

— Claro. Ninguém deu falta ainda. Alfred Lewis, Edgard Vernon e Roy Mooley têm espingardas do mesmo calibre e vão procurá-las quando chegarem em casa.

— Nada disso ajuda muito. Temos vários suspeitos e pode ter sido qualquer um. De quem o senhor desconfia, Latary?

— Sei lá! Se tivesse que dar um palpite, apostaria no próprio médico.

— E você, Mayers?

Sério, o policial respondeu:

— Não sei ao certo. Talvez a mulher do gordo, ela é muito discreta; ou o próprio noivo e depois alguém se vingou; deixe eu ver, ou...

Deckland interrompeu:

— Você está brincando. Suspeita dos mais improváveis, daqui a pouco vai me dizer que foi o padre.

— E por que não? Pode ser ele sim!

Deckland riu, zombando do policial. Latary comentou como quem fala com uma criança:

— Ele não pode correr, esqueceu?

— Vai saber, e se puder? Pode estar fingindo!

— Diga-me uma coisa, Mayers, você já fumou, não fumou? — Perguntou o detetive.

— Sim, como sabe?

— Sempre respira fundo quando acendo um cigarro.

— E o que tem isso?

— Sabe o que eu acho, acho não, tenho certeza: que o assassino é um suspeito em potencial e não um personagem mirabolante. Se quer agir como um policial, tire suas dúvidas, nos prove o que defende. Por exemplo, hoje terá missa e todos temos que ir. Acenda um cigarro e, “sem querer”, queime a mão do padre. Veremos se você tem razão.

— Ficou louco?

— A coragem é uma virtude presente em poucos homens da lei.

— Não tenho medo, só acho desnecessário.

— Diz isso porque, no fundo, não suspeita dele; só quer ser do contra. Por que está querendo confundir as coisas?

— Não estou. — Disse John Mayers irritado.

— Então aja como um policial e tente nos ajudar a descobrir o verdadeiro culpado em vez de inventar histórias fantásticas. Por que sempre pensam que os assassinos são as pessoas menos suspeitas, quando na realidade, geralmente, são as mais?

O policial levantou-se e saiu porta afora. Latary não entendeu:

— Por que fez isso? Ficou claro que queria irritá-lo.

— Exatamente! Ele não está ajudando assim. Ao contrário, fica confundindo as coisas.

— Mas não compreendo, mesmo assim.

— Se ele realmente pensar, será uma mente a mais e pode nos ajudar a descobrir o verdadeiro criminoso.

— Sabe como ele está nervoso, acho que só vai piorar as coisas.

— Espero que não! A missa começa às seis; acho que lá encontraremos as respostas.

Deckland voltou ao hospital e lá ficou até a hora da missa.

Capítulo 20

Tensão na igreja

Como sempre, o padre esperava os fiéis na frente da igreja. Para surpresa de Deckland, pessoas como Phillip Mooley e Eric Hampton compareceram. Estavam todos lá, com exceção de Edgard Vernon.

Mas tal ausência durou pouco. Quando todos estavam na porta, Vernon estacionou o carro. Vestia o mesmo terno vermelho sangue da festa de noivado. Desceu do automóvel e se encaminhou para o detetive, que apenas analisava as pessoas.

— Belo terno, Senhor Vernon. Parece-me familiar.

— Sei que o reconhece. A missa é sempre uma ocasião especial, não acha?

— Sem dúvida. — parou por um instante, girou seu anel e perguntou: — Não vai me dizer que sua espingarda calibre doze sumiu!

— Exatamente. E é claro que o senhor sabia disso.

Randall Latary e John Mayers desceram do carro e também fora em direção ao detetive. Após os cumprimentos, Deckland propôs juntarem-se aos outros.

Não era como a primeira missa. As pessoas mal conversavam e o único que parecia o mesmo era Roy Mooley. Todos agiam de maneira diferente e, daquela vez, a encantadora imagem de Sarah Dryhill chegando radiante era, somente, uma triste lembrança.

Estava frio. Os corpos eram cobertos por roupas pesadas. Nem mesmo Elizabeth Lewis estava produzida naquele dia.

Reynold Deckland tirou lentamente um cigarro do bolso e o acendeu encarando John Mayers, que suspirou com o cheiro, como o detetive havia dito. O policial o olhou fixamente nos olhos e pediu:

— Pode me dar um?

Deckland estendeu o maço em direção ao jovem e perguntou, em tom sério:

— Não vai fazer uma coisa ridícula dessas, vai?

Mayers acendeu o cigarro e, acompanhado pelo olhar do detetive, foi em direção à roda de pessoas.

Roy Mooley estava dizendo que gostaria de falar em particular com o

padre, após a missa; este por sua vez, concordava, com o mesmo ar pacífico de sempre.

Latary, ao ver que o policial não estava brincando, falou baixo:

— Mayers, não faça isso. Não seja infantil.

Não adiantou, ele parecia hipnotizado. Passou ao lado do Padre Loui e queimou-lhe a mão. A brasa chegou a cair e o padre sequer percebeu.

Deckland fez um sinal de negativo com a cabeça e Mayers, revoltado, entrou no carro e arrancou.

— O que ele queria com isso? — Questionou Vernon, que reparou no incidente.

— Mostrar como é instável emocionalmente.

— Não consegui compreender. Por que fazer isso com o pobre homem?

— Só para mostrar coragem, Senhor Vernon. O senhor certamente não o faria. É muito mais esperto.

— Agradeço o elogio.

O padre rezou a missa normalmente. Quando esta se encaminhava para o final, Jéssica Lewis desabou a chorar. Eric Hampton, que sentou-se no fundo da igreja, foi até a segunda fila, onde a jovem estava e a abraçou, tentando acalmá-la. No mesmo momento, Phillip Mooley deixou a igreja.

Ao ver o médico, Alfred Lewis falou baixo, mas bastante audível no silêncio do lugar:

— Saia já daqui. Tire essas mãos sujas da minha filha.

— Não me insulte, Senhor Lewis.

Clara Hampton levantou-se:

— Seu pobre coitado, quem pensa que é para falar assim com Eric?

— Não levante a voz comigo, sua velha fuxiqueira.

Estava aceso o pavio, mas queimou rápido demais, antes mesmo que o padre pudesse intervir. O médico agrediu Alfred com um soco que lhe raspou a orelha; o homem devolveu-o, mas não errou. Eric Hampton caiu para o banco de trás e Alfred não parou por aí: agarrou o homem pelo pescoço e nem as pancadas que Clara Hampton dava em sua cabeça com o guarda-chuva o fizeram largá-lo.

O padre pedia ajuda e Deckland e o inspetor agiram, segurando o forte homem:

— Tudo bem, mantenha a calma, Alfred. — Falou Deckland.

Quando soltou o pescoço do médico, este deu-lhe outro soco. Deckland largou a fera e falou:

— Defenda-se.

Ele não só se defendeu como também espancou o doutor até decidir parar por si só.

O inspetor segurava Clara Hampton e Deckland cuidava para que ninguém se intrometesse.

Após a briga parar, Emma gritou para Deckland:

— Você é o diabo, homem. Está destruindo todos nós.

A mulher estava alterada. O detetive olhou para o gordo, que apressou-se em levá-la embora.

O padre desceu com dificuldade do altar e perguntou:

— Por que o soltou, detetive? O que esse pobre homem lhe fez de mal?

— A mim, nada! Ao senhor Lewis, sim. Fiz a minha parte padre, mas lhe digo mais uma vez: livre arbítrio, ele optou por continuar.

— Meu Deus, temos que levá-lo ao hospital.

Realmente tiveram; não só ele, como a mãe, que estava descontrolada, tentando agredir até a própria sombra.

A missa terminou em um grande tumulto. Vernon, que na hora da briga apenas puxou Jéssica para longe, sumiu sem ser visto. A jovem abraçava o pai.

O padre Loui sentou-se no banco, inconformado:

— Não podia deixar isso acontecer, não na casa de Deus, Senhor Deckland.

— É muito bonito dizer para dar a outra face, mas na vida real é difícil conter-se, padre.

— Não diga isso aqui dentro! — Retrucou em tom sério.

— Sinto muito! Respeito a casa de Deus, mas respeito também a honra de um homem. Venho conversar com o senhor mais tarde.

Reynold Deckland saiu da igreja junto com o inspetor, para quem deu uma carona.

— Vamos buscar Christopher, inspetor.

— Você fala como se nada tivesse acontecido.

— E foi exatamente isso o que aconteceu: nada!

Deckland falava sério. O inspetor não entendia, estava tenso e já não confiava tanto no homem que estava ao seu lado. Resolveu manter o silêncio.

Deckland percebeu e comentou:

— Confie em mim. Nunca estive tão perto. Visitarei um suspeito esta noite e, se tudo correr como eu espero, pegarei o desgraçado.

Latary, mesmo confuso, sentiu um alívio ao ouvir aquilo.

A penúltima peça

Deckland levou o sobrinho para casa. Randall Latary preferiu ficar no hospital, para saber o estado de saúde do médico.

Ao chegar à sua propriedade, o detetive colocou Christopher na cama, pegou seu celular e novamente mandou Dona Maria trancar tudo. Medicou Lecabel, checkou sua pistola e foi até a mansão de Edgard Vernon.

O homem o recebeu como na primeira visita mas, desta vez, Deckland recusou o xadrez:

— Hoje estou aqui para falar do jogo da vida real, ou da morte, como preferir.

— Acha que está perto?

— Acha que não estou?

— Não duvido da sua capacidade, detetive.

— Quero ser franco com o senhor. Para começar, gostaria de deixar bem claro que apesar de tudo, não tenho a menor dúvida de que o senhor é inocente.

Conversaram por quarenta minutos. Deckland disse tudo o que achava que deveria ser dito; Vernon ouvia atentamente e respondia com aquela ironia que lhe era peculiar. Foi aí que o jogador finalizou:

— Não esqueça, um bom jogador tem sempre uma carta na manga, ou uma jogada em mente. — olhou para o tabuleiro eletrônico, que estava como em um fim de partida e concluiu: — E antes do xeque-mate, ainda há o último lance.

Deckland o encarou e pensou: “O último lance, a penúltima peça antes de mim. Claro, o padre Loui!”

Sem dizer nem uma palavra, correu para o seu Mustang preto e arrancou. A imagem do jogador, parado à porta da mansão com um sorriso maquiavélico nos lábios, era assustadora, mas o detetive nem mesmo a olhou. Pegou o celular e ligou para Latary :

— *Onde você está?*

— *Acabei de chegar ao hotel. Mayers sumiu, não chegou até agora, deve ter voltado para...*

— *Eric Hampton ainda está no hospital? — Perguntou Deckland.*

— *Já teve alta. E o senhor, onde está?*

— *Acho que teremos um novo atentado...*

Foi a última coisa que Latary ouviu, a bateria do celular do detetive acabou.

Acelerou o que podia em direção à igreja. Ao virar a esquina, já via uma grande quantidade de fumaça.

Reynold Deckland foi direto ao chalé, atrás da igreja. O lugar ardia em chamas! Arrombou a porta e, vendo que tinha condições, entrou.

— Padre?

— Roy?

A voz vinha dos fundos. Estava difícil de escutar, com o som da madeira estalando ao ser consumida pelas chamas, mas o detetive não tinha dúvidas de que era a voz do padre.

Foi até lá e viu o homem se arrastando, já do lado de fora da porta dos fundos, segurando na mão a bengala com cabo de cabeça de dragão.

Ele o pegou pelos braços e o carregou para longe do perigo.

— Deus te abençoe, meu filho. Senti tanto medo, achei que minha hora tinha chegado.

— Tudo bem, agora está tudo bem. Por que chamou pelo senhor Mooley?

— Ele ficou de vir conversar comigo e ainda não tinha aparecido.

— Entendo, vou levá-lo ao hospital.

O padre estava bem, mas o médico sugeriu que ele ficasse em observação. Entretanto, o próprio padre Loui não achou necessário e se negou. Agora, ele seria mais um no hotel Green Garden.

A casa foi consumida pelas chamas, já que os bombeiros não conseguiram chegar a tempo. Mas a penúltima peça ainda estava de pé.

Reynold Deckland foi até a casa dos Mooley. Lá conversou com Roy.

— Como vai, detetive?

— Por que não foi à igreja? — Indagou, com o semblante sério.

— Liguei para o padre, mas quando ia sair, meu carro estava sem combustível.

— Quando o abasteceu pela última vez?

— Há pouco tempo.

O detetive checkou o tanque e arriscou:

— Acredito que seu combustível tenha sido usado para incendiar a casa do padre.

— O que? Queimaram a casa dele? Ele está bem?

- Sim! Sobre o que falariam?
- Sobre meu filho; anda muito estranho desde que chegou.
- E onde ele está?
- Não sei, não está em casa. Emma foi procurá-lo.
- O senhor estava sozinho aqui?
- Estava!
- Obrigado.

O detetive retornou ao chalé, que ainda ardia, chegando pelos fundos. Do lado de fora, um toco de cigarro apagado estava encaixado em um pavio, que entrava pela janela, da cozinha. Lá deveria estar a gasolina que iniciaria o incêndio. Uma ideia bastante útil; enquanto o cigarro queimava lentamente até atingir o pavio, o assassino teria tempo para fugir.

Latary chegou de táxi e foi correndo ao local:

- Não acredito nisso!
- Acalme-se, esta foi a última jogada dele.
- Espero que sim. Ainda bem que o padre sobreviveu. Soube de tudo no hotel e vim imediatamente. — fez uma pequena pausa e concluiu em tom desanimado: — Não sei mais o que fazer.
- Mas eu sei, meu amigo.
- Como assim?
- Preciso ter uma conversa com a cozinheira, Edgard Vernon, o senhor, Mayers, o padre e Dona Maria. Uma mistura interessante, não acha?
- Acho que o senhor enlouqueceu. — Brincou o inspetor que não entendia mais nada.
- Certo. Hora de começar o contra-ataque.

○ ○ ○ ○ ○

Reynold Deckland formulou as ideias em sua mente. Fez uma breve e substancial visita a Ginna e depois telefonou para Edgard Vernon. Após alguns segundos voltou e entrou na sala do Green Garden, onde o esperavam Latary e o padre:

- Onde está Mayers? — Indagou o detetive.
- Ainda sumido. O celular está desligado, liguei pra Revelstoke, mas ele não foi para lá.
- Ele vai aparecer breve. — afirmou Deckland, com segurança: — Desculpe-me incomodá-lo a esta hora, padre, mas preciso da sua ajuda.
- Farei o que puder.
- Sei quem matou Sarah Dryhill, mas necessito do seu apoio para fazer

o grande final.

— Sabe? Quem? Explique!

— O senhor tem grande influência sobre as pessoas do lugar. Amanhã, pela manhã, farei uma breve viagem. Já está tudo acertado. Pegarei o criminoso, mas, para isso, tenho que buscar a prova final.

— E qual é?

— Nada de extraordinário. Mas é necessária.

— E o que eu posso fazer para cooperar?

— Farei uma reunião na casa de Sarah Dryhill, amanhã à tarde. Mas talvez o assassino sinta-se acuado e as coisas podem ficar perigosas. Para evitar incidentes como o do senhor Lewis, gostaria que convencesse todos para que se deixem revistar. Se o senhor não ajudar, teremos um tumulto enorme.

— Tem razão. — respondeu o padre, imaginando as reações das pessoas que conhecia tão bem: — Por mim, tudo certo. É só isso?

— Não, preciso, também, que faça os suspeitos acreditarem que esta viagem foi rotineira.

— Está certo. Mas gostaria de saber quem é o assassino.

— Isto só posso revelar amanhã. Mas já está tudo esclarecido.

— Para que horas marco a reunião? — Perguntou o inspetor.

— Acho que cinco da tarde está bom. Se for preciso, atrasaremos um pouco.

O padre Loui estava de acordo. Latary também, mas não conseguia entender o porquê. Deckland, realmente, manteve tudo em suspense; nada podia sair errado.

John Mayers voltou ao hotel quase à meia-noite, e estava bêbado. Após uma bronca do chefe, foi informado sobre o que aconteceria no dia seguinte. Ele não acreditava que o detetive realmente tivesse as respostas, mas estava recebendo ordem e as cumpriria.

Capítulo 22

A viagem

Às seis horas da manhã seguinte, o detetive despediu-se do sobrinho e de Dona Maria, com quem já havia conversado.

Antes de entrar no carro foi, com Zico, ver Lecabel, que já estava bem melhor, Deckland o medicou e pegou a estrada. O destino, só ele mesmo sabia.

○ ○ ○ ○ ○

Durante o dia o padre recebeu muitas visitas na igreja, todos queriam saber sobre o seu estado de saúde. Ela já contava com isso, mas uma visita o surpreendeu. O coroinha avisou que o homem misterioso queria vê-lo, e ele logo imaginou quem seria: Edgard Vernon.

— Vejo que está bem, meu bom padre.

— Estou sim, obrigado. E o senhor, como vai?

— Bem, estava passando e quis saber como o senhor estava. Ouvi falar sobre o incêndio.

— Foi terrível, quase morri.

— E o detetive Deckland o salvou?

— Isso mesmo.

— Por falar nisso, por onde ele anda?

— Foi fazer uma viagem de rotina.

— Rotina... Entendo. Ontem ele me visitou, mas não falou nada sobre viajar.

— Foi de última hora, disse que ia buscar um exame do corpo do pobre Peter.

— Ah...o pobre Peter. Muito estranho isso. Bom, preciso ir, fico feliz que esteja bem.

— Obrigado, Senhor Vernon. Tenha um bom dia.

— É, com tantas mortes, nunca se sabe quando será o último.

O padre sentiu um arrepio lhe percorrer a espinha. Vernon saiu em passos lentos.

○ ○ ○ ○ ○

Mayers e Latary avisaram todos, sem exceção, sobre a reunião na mansão Dryhill. As pessoas os encheram de perguntas, estavam intrigadas.

O inspetor, prevendo uma possível fuga, encarregou Mayers de fazer rondas pelas casas dos suspeitos.

Às três horas da tarde, o celular do inspetor tocou:

— *Boa tarde, inspetor, como estão as coisas?*

— *Que bom falar com o senhor, detetive. Como foi?*

— *Como imaginei!*

— *Aqui está tudo certo, a reunião está marcada para as cinco horas.*

Onde o senhor está?

— *Chegando. Vou para casa preparar as coisas, mas mantereí contato.*

— *Boa sorte, amigo.*

○ ○ ○ ○ ○

Quinze minutos depois, Deckland estacionava em sua propriedade. Dona Maria e Christopher, com uma muleta, ouviram o inconfundível latido alegre do cão e foram receber o detetive.

— Que bom que chegou tio. Como foi?

— Melhor do que eu esperava.

— Agora precisa descansar. — Pediu a senhora.

— Ainda não, Dona Maria. Mas, se tudo correr bem, terei muito tempo para isso amanhã.

— Nem vai acreditar.

— O que foi?

— Fiz um super, hiper, mega doce de morango para você.

— A senhora é fantástica. Obrigado, mas vou deixá-lo para a comemoração. Tenho muito o que fazer agora.

A velha senhora sentiu-se meio triste, mas tentou compreender. Christopher perguntou:

— Quem é o assassino?

— É hora de fazer sua aposta, Chris. — Respondeu Deckland sorrindo.

Na hora que se seguiu, o detetive ficou no escritório. Às quatro e vinte, foi para os fundos da propriedade, sozinho.

O sobrinho e a empregada, que conversavam sobre computador, deram um salto da cadeira ao ouvir os cinco tiros vindos lá de fora. Correram, mas quando abriram a porta, Deckland estava entrando.

— Acalmem-se, eu estou bem.

— O que foi isso?

— Preciso de um banho. — Esquivou-se Deckland.

Ele tomou um banho quente e se arrumou. Guardou algumas coisas nos

bolsos do sobretudo, checkou a pistola e foi até a cozinha.

— Chris, tranque as portas, só por precaução. Você vai ficar sozinho, vou precisar desta linda senhora aqui. — E apontou Dona Maria, que abriu um grande sorriso.

Entraram no carro, rumo à mansão Dryhill. O grande momento estava chegando, hora do último lance e... só existiria um vencedor.

Capítulo 23

A preparação

Deckland chegou à mansão. Fez um carinho em Laika, que estava deitada ao lado da porta e entrou.

Lá estavam John Mayers, Randall Latary e Loui Write.

Mayers, com cara de ressaca, vestia um casacão de couro; Latary, mais alinhado, um terno. O padre Loui estava com o mesmo sobretudo e a bengala com cabo de cabeça de dragão da noite passada, umas das poucas coisas que sobraram do incêndio.

— Como vão?

Todos o cumprimentaram com expressões de extrema curiosidade.

— Obrigado por ter vindo, padre.

— Descobriu?

— Sim, tudo certo.

— Tem realmente como provar algo, Senhor Deckland?

— Pode ter certeza, padre Loui.

Ele apresentou Dona Maria, que distribuiu sorrisos.

Reynold Deckland conversou um pouco com os homens e comentou:

— Tenho que ir à sala de visitas preparar tudo.

— Eu o acompanho. — Disse o religioso.

— Agradeço padre, mas preciso pensar no que dizer. Além do mais, alguém pode chegar e o senhor precisa estar disponível.

Deckland ficou cerca de dez minutos na sala e voltou.

— Vamos esperá-los na porta.

Desceram do carro: Roy Mooley, a esposa e o filho; junto chegavam os Hampton.

O gordo vestia uma blusa de lã verde, estava com o mesmo sorriso de sempre. A mulher entrou séria, mas cumprimentou educadamente os quatro homens; já o filho, nem os olhou.

Eric Hampton também estava de sobretudo, o rosto bastante machucado e um olhar colérico. A mãe era puro ódio, enrolada em um horroroso xale preto.

— Senhores. Por motivos de segurança, teremos que revistá-los. — Falou Deckland, na entrada da sala.

— Está louco! — Respondeu Phillip.

— Acalmem-se. — pediu o padre: — Não estão suspeitando de ninguém, é só para evitar que aconteça o mesmo que no auditório. De Alfred, lembram?

Eric Hampton deu um passo à frente e questionou:

— E o senhor, padre, foi revistado?

— O que é isso meu filho? Não fale assim com o padre Loui. — Pela primeira vez, Clara Hampton criticava o filho.

— Ele está certo. — comentou o padre: — Faço questão de ser o primeiro a ser revistado; afinal, também sou um suspeito.

Latary o revistou e fez o mesmo com o médico, o gordo e o filho.

— Por que esta arma, senhor Hampton? — Perguntou o inspetor, segurando um pequeno trinta e dois cromado.

Foi a mãe quem respondeu:

— Eu mandei ele trazer. Se aquele desgraçado tentar tocar no meu filho de novo, eu mesma o mato.

O inspetor ficou com o revólver e continuou o trabalho.

Emma Mooley falou, furiosa:

— Eu sou mulher, não vão tocar em mim.

— Dona Maria, por favor.

A senhora atendeu ao chamado do detetive.

— Esta é Dona Maria, trabalha para mim. Ela revistará as mulheres.

As duas ficaram irritadas, mas cederam.

Todos foram revistados ao chegar: Alfred Lewis e a filha, o mordomo, a cozinheira, Gardner, Elizabeth Lewis e por último, Edgard Vernon, com outro terno vermelho sangue, mas diferente.

Com exceção de Alfred Lewis, que carregava seu trinta e oito e o entregou ao detetive, antes mesmo da revista, ninguém mais estava armado.

As expressões eram as mais variadas possíveis. O médico nem se aproximou de Alfred Lewis; o mesmo fez a esposa e Gardner. Clara Hampton estava insuportável, reclamava de tudo. Emma também não estava de bom humor, ao contrário do marido.

Quando todos estavam no local, Deckland convidou-os para passar à sala de visitas:

— Queiram entrar, por favor.

Deckland havia arrumado a sala. Todos ficaram de pé. Os únicos móveis que estavam no local eram: o grande móvel de madeira com portas de vidro,

onde no interior havia garrafas de bebida; uma pequena mesa de centro; uma mesa de mármore com um grande vaso chinês e imagens de porcelana de pescadores, também chineses; e a poltrona de couro negro, onde Deckland não deixou ninguém sentar-se.

O lugar era amplo e espaçoso. O detetive foi até a frente da imensa janela de vidro que dava para a floresta. Ao seu lado, um pouco à direita, Mayers e Latary. À sua esquerda, ao lado da lareira, Alfred Lewis, Joseph Honey e Ginna. Mais à frente, junto à pequena mesa, Eric Hampton e a mãe. Bem perto deles, Thomas Gardner e os Mooley estavam em frente do bar e, meio isolada, ficou Elizabeth Lewis, vestida com seu terno azul. À direita, ao lado da mesa de mármore, o padre Loui, que se apoiava nela; e Jéssica Lewis. Edgard Vernon estava longe de todos, bem ao fundo, encostado na parede; sorriu e se dirigiu a Deckland:

— Xeque?

— Mate, em dois lances. — Respondeu o detetive, no ato.

Capítulo 24

Xeque-Mate

Deckland encarou um por um. Seu olhar era penetrante. Girou o anel e começou:

— Muitos de vocês devem estar se perguntado o porquê de esta reunião ser realizada aqui. Simples! Porque foi aqui que tudo começou. O primeiro crime aconteceu nesta casa e é aqui que vou julgar o assassino.

Aquelas palavras entraram aterrorizantes nos ouvidos das pessoas; o criminoso estava lá, entre elas. Mas quem? Quem seria o matador?

Deckland tirou um cigarro do bolso, pegou o isqueiro e abaixou a cabeça para acendê-lo. Levantou o olhar lentamente e exclamou:

— Xeque-mate, Senhor Vernon!

Estava armado o circo. Todos viraram o rosto em direção ao homem que continuava encostado na parede. Ninguém ousou abrir a boca. O silêncio era total.

Vernon encarava o detetive com um olhar sinistro. Alguns segundos depois, sorriu e perguntou:

— Então? Quem é o rei que tombará?

As atenções voltaram-se novamente para Deckland, que retribuiu o sorriso e respondeu:

— Ralph Dryhill ou, se preferirem: Padre Loui Write!

Meu Deus! Não é possível! Ele está louco! Essas eram as palavras que se ouviam em meio ao tumulto.

O olhar do falso padre mudou bruscamente. Era agora um olhar assassino. Falou em tom calmo e assustador:

— O jogo ainda não acabou!

Quando Jéssica Lewis deu o primeiro passo para longe dele, o homem colocou a mão dentro do vaso chinês e, de lá, retirou um revólver. O som do engatilhar fez a jovem parar instantaneamente. Alfred Lewis tentou se mover, mas Deckland o impediu com um gesto.

Latary e Mayer sacaram suas armas e apontaram para o homem. Ralph Dryhill, mandou a jovem ficar imóvel e falou:

— Só não baterei palmas, porque realmente não posso. Mas vamos ouvir sua história. Se alguém se mexer, eu atiro!

Mandou Jéssica Lewis, que desabava em lágrimas, calar-se e ir em direção à poltrona. A visão daquele homem caminhando normalmente era mais do que aterrorizante, era fatal. Ele sentou-se e ficou bem em frente ao detetive; todos se afastaram ao máximo. Sorriu e falou:

— Vamos, me explique como descobriu.

Deckland pediu que Mayers e Latary abaixassem as armas. Sabia que não estava lidando com um assassino comum. Quando obedeceram, ele explicou:

— Pode parecer fantástico, mas na verdade não é. Desde o enterro de Sarah Dryhill reparei que algo estava errado: o padre errou grosseiramente o fim da missa. Quando lhe fiz uma visita, reparei que tinha muitos livros de latim, alguns deles bastante modernos. Um homem criado por freiras não precisaria estudar tanto. Até aí, era somente algo estranho.

— Começo interessante, continue. — Falou o falso padre.

— Outra coisa que me intrigou foram os bombons envenenados. O assassino mandou o bilhete, sabia que haveria uma briga. Como ele teria certeza de que ela os comeria? Simples, não tinha. O veneno que a matou estava nos comprimidos de calmante, que Sarah tomava toda noite e, especialmente naquela, ele sabia que ela o faria. Reparei que havia muitos comprimidos e esta foi a primeira falha: não percebeu que havia um frasco novo, dentro da gaveta. Joseph afirmou que a patroa só comprava novos comprimidos quando os seus estavam no fim. Então, o que o assassino fez? Deixou um ou dois comprimidos envenenados dentro do frasco, para se certificar de que ela os tomaria. Depois que estivesse morta, colocaria os comprimidos reais e espalharia alguns pelo chão. Estava pronta a cena do suicídio. Mas ele não podia arriscar, alguém poderia descobrir; então colocou a caixa de bombons envenenados na mesa, com um faltando. Assim, se descobrissem o envenenamento, teriam um culpado: Eric Hampton. E, além dele, qualquer pessoa poderia saber dos bombons, pois qualquer um poderia ser o vulto que ouviu a conversa. Ele estava protegido, um crime quase perfeito. Mas me digam uma coisa: quem poderia ter jogado os comprimidos sobre o corpo e levado os bombons verdadeiros? O assassino teria que ter entrado no quarto após o crime e isso sabemos que não fez. Fica claro! Na manhã seguinte, o padre vai à casa dela e Joseph arromba a porta, o assassino não o deixa ver a cena direito e logo lhe ordena que ligue para a polícia. Este foi o tempo que ele teve para trocar a caixa de bombons que levava embaixo do sobretudo e espalhar os comprimidos.

— Parabéns! Foi exatamente o que fiz. Está ficando interessante, fale

mais.

— Quando ele percebeu que o crime fora descoberto, começou a dar motivos a todos. Fingia ser o bom padre e livrava-se das suspeitas. Mas existia outra pessoa que podia prejudicá-lo: Peter Willtolk. O noivo deve ter-lhe dito que sabia da existência dos diamantes, então ele decidiu matá-lo. Gravou uma voz feminina, dessa de informações, que dizia “um momento por favor”. Antes de entrar no hotel junto com Willtolk, foi ao telefone público em frente ao Green Garden e ligou para a lavanderia do hotel. Já sabia que o recepcionista teria de atender e deixaria o local livre para entrarem sem serem vistos. Colocou a gravação e fez o homem esperar. Arriscado, mas funcional. Entrou sem ser visto no quarto de Peter. Sacou a arma e o obrigou a se drogar. A droga também estava envenenada. Até aí, ainda queria se poupar e fazer parecer suicídio, mas novamente não conseguiu. Mais uma vez, uma falha. Eu sabia que o assassino estava lá e só entraria se Willtolk o recebesse, e quem o jovem receberia além do padre? Ele não tinha ligação com ninguém na cidade, além dele e do advogado da vítima, que eu imaginava onde estaria.

Elizabeth Lewis abaixou a cabeça. O assassino deu uma gargalhada e falou:

— Era um drogado idiota, merecia morrer mesmo. O que mais?

— Meleine Dubart. Ela sabia de muita coisa, sabia que Sarah não era filha legítima de Susan Dryhill e sim, de Ralph Dryhill e sua irmã, Laura, secretária do médico em Ohio. Ele abandonou Laura e quando esta descobriu onde ele estava morando, foi ao seu encontro levando a filha. Ele marcou uma conversa com ela na floresta e, quando aconteceu, a empurrou de um penhasco. Susan os havia seguido e viu tudo. O homem levou o bebê, Sarah, até a beira do rio e quando foi matá-la, a esposa interferiu apontando-lhe uma espingarda; ele reagiu e a mulher atirou. Pensou tê-lo matado, mas não, caiu no rio e sobreviveu; perderia apenas os movimentos e a sensibilidade do braço esquerdo. O médico, acredito eu, levava um kit de primeiros socorros na mochila e assim, poderia se tratar por algum tempo.

Deckland tragou o cigarro e prosseguiu:

— Esta viagem que fiz foi para esclarecer isto. Como eu tinha conhecimento, Loui Write trabalhou em uma aldeia indígena próxima daqui. Imaginei que o senhor Dryhill tivesse pegado uma carona e conseguido chegar até lá, pois sabia que médicos novatos faziam estágio no lugar e teria condições de se tratar. Ele disse que era médico e ficou na aldeia durante

algum tempo. Por um golpe do destino, o padre local teve um derrame; os médicos estavam em trabalho de campo e foi ele quem recebeu o homem. Estava perfeito! Colocou-o em uma caminhonete e foi até a cidade, deixando um bilhete explicando que o homem precisava de um grande hospital. Deve tê-lo enterrado no meio do caminho.

O homem riu e fez sinal de positivo com a cabeça. Deckland continuou:

— Daí em diante, foi fácil para um médico trambiqueiro, metido em falsificações. Mudou a identidade e o próprio rosto, com uma cirurgia. Ninguém o reconheceria, era um homem solitário que acabara de ter um derrame. O braço estava explicado, mas ele precisaria mancar. Quando a esposa morreu, ele veio para o vilarejo, com a certeza de que não o identificariam. Acredito que a princípio, não sabia quem realmente era Meleine, mas Sarah provavelmente contou-lhe. Entretanto isso não era motivo de preocupação, afinal, ela nunca o tinha visto. O homem que tentou matar a própria filha seria agora seu amigo mais fiel. O bom padre Loui!

— Cale a boca! — Gritou Ralph Dryhill chutando Jéssica Lewis, que voltou a chorar.

— E Meleine tinha um motivo maior para morrer — prosseguiu Deckland: — Ela sabia de toda a verdade. Então ele a assassinou friamente. Usou manto com capuz semelhante ao que usava a primeira aparição, para fazer-nos acreditar que este era o assassino e isso o isentaria da culpa. Mas errou novamente, o tiro fatal parou no crucifixo da mulher e esta ainda teve tempo de me contar o motivo antes de morrer. Pedras que estariam na lareira! — Deckland explicou como encontrou o esconderijo e, quando todos olhavam para o objeto, continuou:

— A família de Susan Dryhill tinha muito dinheiro e eu achei estranho a pequena quantia na conta de Sarah. Perguntei a Meleine, mas ela infelizmente só falou das pedras na hora da morte. Durante os oito anos em que o padre morou aqui nunca conseguiu chegar à fortuna, até o dia da festa. Era sua única chance. Sarah se casaria e certamente deixaria FeetMountain. Se apenas roubasse as pedras a jovem sentiria falta e um homem de um braço só, com milhões em pedras preciosas, seria facilmente descoberto. Então, Ralph Dryhill matou friamente a própria filha. Depois seria Meleine e estaria tudo terminado. Ele iria embora como um homem rico. Se eu estiver certo, as pedras devem ser diamantes e, provavelmente, estão dentro desta bengala, já que ele a usou na noite da festa e ontem, pois teria de salvá-la do incêndio. Um homem ambicioso assim, não se afastaria da fortuna.

Apagou o cigarro e falou:

— Quando ele assassinou Meleine é que as coisas começaram a complicar. Ela me falou sobre algum guarda florestal que sabia de toda a verdade sobre Sarah. Perguntei a Joseph e Ginna, que me contou. No outro dia fui ao encontro dele e sofri um atentado. Mas como? Quem sabia que eu o visitaria? Eu o induzi ao erro. Ginna, aquela senhora italiana ali. — apontou para a mulher: — É uma mulher muito católica e iria à igreja, temendo que o vulto, fosse o demônio. Estava muito claro, o padre saberia sobre o guarda. Outro detalhe é que, na floresta, a pessoa que atirou em mim tinha dificuldades para manejar a arma; já com Meleine, não. Claro, uma espingarda é precisa, mas pesada demais para alguém com um braço só. Apoiaria a arma e teria apenas um tiro certo, mas o errou.

Encarou o homem e explicou:

— Mas foi na mesma madrugada que ele cometeu o pior erro. Foi à minha casa e armou um atentado no celeiro. Meu sobrinho foi atingido de raspão. Mas como ele entraria lá? Meu cachorro jamais deixaria um estranho entrar na propriedade. Então, quem ele conhecia? O padre! Que me visitou certa vez. Mas esse não foi o grande erro e sim que, daí em diante, era algo pessoal para mim.

Ralph Dryhill sorriu desdenhoso. O detetive o ignorou e continuou:

— Mas eu precisava da última prova. Então, induzi o policial John Mayers a queimar a mão do padre, ele o fez e ficou decepcionado, achando que o homem realmente tinha o defeito físico causado pelo derrame. Mas, ao contrário, ele provou que eu estava certo. O derrame não tiraria sua sensibilidade; um tiro de uma Winchester quarenta e quatro no ombro, sim. Isso provava que ele poderia correr como qualquer um aqui.

Agora o homem assumia um ar sério.

— A sequência foi simples. Ele estava acuado; eu o fiz pensar que me preocupava com sua segurança e que o vulto tentaria matá-lo. Então armou o grande golpe. Um atentado contra si mesmo. Mais uma vez jogaria a culpa em alguém que nada tinha a ver: Roy Mooley. O padre sabia que eu ia visitá-lo e que em hipótese alguma se machucaria, já que correr nunca foi um problema para ele. Armou o golpe e o executou. Eu fingi acreditar e aí fui eu quem preparou o grande golpe. Falei com Edgard Vernon e lhe pedi ajuda, queria que parecesse suspeito e visitasse o padre no dia seguinte, perguntando sobre a minha viagem. Induzi o padre a acreditar que Vernon seria punido em seu lugar, mas como bom jogador, dei-lhe uma dica: pedi que convencesse

vocês a se deixar revistar, para não acontecer como na penúltima reunião, mas ele não percebeu que na última que fiz no auditório, não me preocupei com revista. Na verdade, fiz Ralph Dryhill crer que estava seguro, que eu havia cometido um erro grosseiro, quando na realidade, estava apenas preparando o xeque-mate!

Era Deckland agora quem ria. O homem estava furioso e levantando-se apoiado na bengala, gritou:

— Acha-se muito esperto, seu imbecil. Mas se é pessoal, você perdeu, pois posso matá-lo agora mesmo.

— Seu problema é comigo. Vamos terminar o jogo como homens, deixe as pessoas inocentes saírem.

— Eu mataria todos por prazer. Mas não me importam, podem sair. — Deu uma pancada com o revólver na cabeça de Jéssica Lewis, sinalizando para sair.

Todos deixaram a sala correndo, com exceção do assassino, do detetive, e de Latary e Mayers, que sacaram as armas. Agora era a hora da verdade. Só um poderia vencer.

— Abaixе a arma, Senhor Dryhill. Sabe que se puxar este gatilho, os policiais aqui farão o mesmo.

— Mas eu terei vencido! Estará morto. Sei que está com medo! Negue que gostaria de me ver morto.

— Na verdade, adoraria. Para mim, um covarde que mata a própria filha merece a morte.

— Mais alguma coisa a dizer?

— Agora é pessoal!

— Não tem tanta coragem assim. Deve estar de colete. Abra o sobretudo! Deckland o fez. Sob a roupa, apenas uma camisa de lã preta.

— E então, quer morrer? — Indagou Deckland com um olhar sinistro.

— Você primeiro!

O homem apontou o revólver para o peito do detetive, o olhar mesclava ódio e frieza.

— Não erre! — Advertiu Deckland.

— Não errarei. Viu o que aconteceu com Meleine, terá o mesmo fim.

— Livre Arbítrio!

Ele mirou novamente, encarou o detetive, soltou um sorriso diabólico e disparou.

O som dos outros tiros se misturaram aos dos policiais. Mesmo com

projéteis atingindo seu corpo, o assassino descarregou a arma. O som do vidro da janela, atrás do detetive se, estilhaçando, foi o último a ser ouvido.

Ralph Dryhill caiu sentado, estava com vários tiros fatais no corpo, morreria em pouco tempo. Abriu os olhos e não conseguiu acreditar no que via. Reynold Deckland estava em pé, sem um arranhão. Caminhou até o homem sob o olhar apavorado dos policiais.

Parou na frente dele, pôs a mão no bolso e, de lá, tirou cinco cartuchos de trinta e oito intactos e os soltou sobre o corpo. Ralph Dryhill o olhava incrédulo. O detetive pegou o revólver do falso padre e retirou as munições deflagradas. Mostrou ao homem e falou:

— Festim! Você perdeu! Xeque-mate!

Aquele foi o olhar mais estranho que Deckland já havia visto: mesclava ira, surpresa, derrota e morte. O homem deu um suspiro e, era ele agora, quem não passava de um corpo sem vida.

— Por que fez isso? — indagou Latary: — Nos fez matar o homem.

— Não, não fiz nada. Foi ele quem optou. Como eu disse: Livre Arbítrio.

— Mas o senhor pode se complicar com isso. — Comentou Latary, extremamente nervoso.

— Só se quiserem. Esta tarde dei cinco tiros e trouxe a munição usada comigo. Mesmo sabendo que o assassino sentia-se seguro, imaginei que teria uma arma a mão para qualquer eventualidade, armei a cena da revista para que se houvesse uma arma, ela estivesse aqui, o calibre eu já sabia por causa do assassino de Meleine Dubart. Quando vim à sala, supostamente, para preparar, o local, troquei a munição real por festim. Além do mais, quebrei o vidro da janela com o cotovelo.

— Quer que troquemos a munição para fazer parecer que ele atirou?

— E realmente atirou. Mas eu fui mais esperto e previ isto. Pode fazer o que quiser, inspetor, mas quando eu disse que era pessoal e o julgaria, falava sério. A sentença, foi ele quem decidiu.

Randall Latary estava confuso, levou as mãos à cabeça. Mayers falou:

— Acho que a perícia não vai procurar os projéteis nos pinheiros.

Latary olhou pela janela, vendo a enorme floresta e disse:

— Tem razão. Faça-o detetive, está de luvas.

Ele trocou a munição de festim pela que usou à tarde e guardou as reais. Agradeceu aos dois com um aceno.

Depois, Deckland girou a cabeça de dragão da bengala do morto e, do interior do objeto, retirou o pano aveludado com grande quantidade de

diamantes.

— Aqui estão!

Os policiais o olhavam admirados. Mayers perguntou:

— Colocou aquela poltrona ali, porque sabia que ele ia se sentar e, quando atirasse, os tiros poderiam sair pela janela, sem acertar a parede. Estou certo?

— Perfeitamente.

John Mayers sentiu-se um gênio. Eles foram ao salão de entrada dar explicações aos que ainda não haviam deixado a mansão.

○ ○ ○ ○ ○

Estava tudo terminado. A última peça havia tombado e Deckland saía vitorioso.

Depois do caso explicado, as poucas pessoas que lá permaneceram foram deixando a mansão, sem acreditar no que havia ocorrido. O detetive ainda tinha algumas coisas a fazer e pediu ao gordo para dar uma carona a Dona Maria, que estava impaciente, pensando que Christopher poderia estar com fome.

Deckland, Mayers e Latary ainda se encontravam no lugar.

O jovem policial esticou a mão para o detetive. Deckland o olhou por um instante, sorriu e apertou-lhe a mão:

— Foi um prazer trabalhar com o senhor, detetive. É muito melhor do que possam dizer. Peço desculpas pelas minhas atitudes.

Deckland deu um pequeno sorriso e respondeu, olhando os curativos do homem:

— Eu também! E peço desculpas por tê-lo usado no caso do cigarro.

— Atingiu o objetivo e é isso o que importa.

Latary estava bem mais calmo. Expirou forte e também lhe esticou a mão:

— O senhor é fantástico. Foi uma honra trabalharmos juntos.

— Acho que já podemos nos considerar amigos; portanto, aposente o “senhor”.

— Claro! É impressionante como conduziu a investigação, a maneira como manteve tudo sob seu controle e soube a hora certa do bote. Eu jamais faria isso; ou nem suspeitaria dele ou o teria prendido sem provas.

— Você é um ótimo homem, Latary, e um ótimo policial. Se estivesse no meu lugar, também o pegaria. E pode ter certeza de uma coisa: sem você, eu jamais teria conseguido.

Randall Latary encheu o peito de ar. O elogio massageou seu ego, mesmo

sabendo que não era tão bom:

— E o que vai fazer agora? — Perguntou.

— Comprar cenoura e um grande osso. Depois vou para casa, comer um belo doce de morango, tomar um whisky e dormir até o ano que vem.

Latary abriu um largo sorriso, apertou novamente a mão do detetive e chamou Mayers de volta ao trabalho. Os dois homens da lei foram em direção à sala de estar. Quando chegaram à porta, Deckland falou:

— Ei, Mayers! Você também é um bom policial... e nem sempre os assassinos são os maiores suspeitos.

John Mayers fitou-o com admiração e entrou no quarto.

Reynold Deckland saiu pela porta da frente. No grande gramado havia um banco e foi lá que ele se sentou. A tarde já começava a cair e a brisa no rosto lhe passava a sensação de tranquilidade que FeetMountain deveria ter. Laika deitou-se ao seu lado. Ele deu um suspiro aliviado, como quem tem o dever cumprido, e acendeu um cigarro.

— Como está, menina? Sabe que foi muito importante no caso? E Joseph, tem vindo alimentar você e os cavalos direito?

Pensou um pouco e falou novamente com a cadelinha:

— O que acha de uma casa nova? Quem sabe até um namorado! Se quiser, decida-se logo, que já aproveito e compro dois ossos.

Sorriu e ficou meditando sobre tudo o que aconteceu naquele lugar tão pequeno. Algum tempo depois, uma mão em seu ombro o fez retornar:

— Posso sentar?

Era Edgard Vernon quem estava lá.

— Claro, Senhor Vernon.

— Eu estava certo, meu amigo. Quatro lances para a vitória ou a derrota. Foi um grande jogo! Meus parabéns, eu o admiro.

— Tem razão, foi um grande jogo. E foi um prazer conhecê-lo. Sem sua ajuda as coisas teriam sido bem mais complicadas.

— Fiz o possível.

— E foi fundamental, Max.

— Max?

— Maximilliam Rupert. Não era esse o nome que usava?

— Esse mesmo. Como soube?

— Como o senhor disse, é meu trabalho descobrir. Na verdade, foi pura dedução. Lembro-me de que meu nobre cliente, no caso do ministério inglês, tinha aulas de xadrez. Adivinhe quem era o jogador? O campeão do ano,

Maximilliam Rupert! E no ano do caso Riplekorth, sabe quem foi o campeão na França? Maximilliam Rupert! Se o senhor não fosse tão bom jogador, seria mais complicado. — Concluiu Deckland sorridente.

— Obrigado pelo elogio.

— Quer saber? Sinceramente, prefiro Edgard Vernon!

— Eu também. — Concordou o homem, com um sorriso.

Eles permaneceram ali por vários minutos, olhando para o nada, em silêncio. Estava ficando escuro e frio; Deckland só o percebeu quando Vernon falou:

— Há uma coisa que ainda me intriga.

— Imagino o que seja. Mas pergunte!

— Quem, afinal, era aquele maldito vulto.

— Esta é a única pergunta para a qual não tenho uma resposta. — girou seu anel, pensou por alguns instantes e supôs: — Talvez velho homem, cansado de jogos, buscando a tranquilidade da noite e um pouco de ar puro.

— Um velho homem precisaria usar algo para se proteger do sereno, como uma capa de chuva. E sabe como são os velhos, sempre buscam estar perto das pessoas queridas.

— Só não entendo porque esse homem, sabendo que o assassino estava se escondendo atrás disso, não me diria que o vulto não era o culpado.

— Talvez ele confiasse em sua inteligência e soubesse que você não fecharia seus olhos para o resto, focando apenas neste detalhe. Além disso, enquanto o assassino acreditasse que você buscava o vulto, ele não correria riscos, já que participou do encontro onde ele foi visto.

— Faça-o pensar que está seguro... — Disse Deckland com o olhar no horizonte, lembrando as palavras de McLeon.

— O aguardo para uma partida quando desejar. — convidou Vernon, levantando-se: — Está esfriando, o sereno pode fazer mal à um velho homem como eu.

Deckland sorriu.

Pelos olhos do vulto

É, Reynold Deckland era, sem dúvida, um excelente detetive e, mais do que isso, sabia o que dizia. Eu realmente estava lá, vi cada passo da história acontecer. Por um lance caprichoso do destino eles puderam me ver naquela noite. Fui até a casa de Sarah como em tantas outras noites, talvez por gostar tanto dela, talvez para me certificar de que tudo estava bem ou quem sabe, com a esperança de uma conversa agradável no jardim.

Deckland e eu nos tornamos grandes amigos e tivemos incontáveis conversas depois de tudo isso, entretanto, uma dúvida que nunca admiti ter, foi quando ele disse “mate, em dois lances” como vim a descobrir depois, ele havia dado uma opção a Ralph Dryhill, que a recusou e sofreu as consequências. Não posso dizer que atitude de meu amigo detetive tenha sido a mais admirável, mas certamente eu teria feito o mesmo, não com tamanha maestria, mas consciente de que na vida, como aprendi com Deckland, todos dispomos do livre-arbítrio; saber usá-lo é uma outra história.

Quanto aos nossos jogos, foram vários, e ainda jogamos com frequência. Até hoje Deckland nunca venceu, entretanto, nunca desistiu

L.B.Corr

Pelos Olhos do
VULTO

ROMANCE POLICIAL

Nota do Autor

Este é o legítimo “livro de gaveta”. Como leitor inveterado de romances policiais, especialmente Agatha Christie, certa vez decidi me desafiar a criar um enredo e tentar transformá-lo em livro. Após iniciado o processo, parei, retomei, apaguei e recomecei várias vezes, até que, alguns anos depois, em meados do ano 2000, decidi concluí-lo sem ficar esperando a bendita inspiração para colocar a mão na massa.

Uma vez pronto, cheguei a dar uma olhada no processo de publicação, mas enviar para editoras um romance policial passado no Canadá não me parecia uma boa opção. Já naquela época, a literatura policial tinha pouco espaço e um autor desconhecido teria pouca, ou quase nenhuma chance. Por esta razão, me poupei da negativa e, com o passar do tempo, esqueci o livro na gaveta, literalmente.

Treze anos depois, meu pai estava comentando sobre o livro em uma reunião familiar e minha esposa pediu para ler; entretanto, a única cópia que eu tinha estava em uma impressão em modo rascunho, cheia de rabiscos; então, com alguma pesquisa conheci a modalidade de publicação sob demanda e pensei: “por não ter uma cópia em formato de livro, em casa?”.

Quando finalizei o livro, meu pai, amigos e outras pessoas queridas, às quais agradecerei à frente, corrigiram e deram várias dicas para melhorar a obra, todavia quero deixar claro que antes desta publicação fiz a formatação, capa, este texto e os agradecimentos. O livro em si, admito que não reli, uma vez que se o fizesse, começaria a modificá-lo e acabaria escrevendo outro, o que não é a intenção. Sendo assim, peço desculpas por eventuais erros de gramática ou digitação que porventura tenham passado despercebidos.

Agradecimentos

Primeiramente agradecer ao meu pai e meu avô pela correção, dicas e, principalmente, pelo simples fato de terem lido e apreciado o romance.

A minhas queridas amigas, a escritora Hariel Noone e a Renata, por dividirem seu conhecimento profissional comigo, além das dicas valiosas.

Ao amigo, que posso chamar de irmão, Marcelo Stelmacki, e a todos àqueles que tiveram a paciência de ler e ajudar no livro.

Ao Leitor

Caso você tenha comprado este livro pela internet e não faça parte do círculo de amigos e familiares (estes não fazem mais do que a obrigação, *risos*), meu muito obrigado! Mesmo!

As impressões sob demanda, apesar de serem uma opção excelente para publicação, acabam tendo um custo mais elevado; sendo assim, ainda que eu abra mão de qualquer lucro, só os custos de impressão já elevam o valor acima do que você pagaria para adquirir um best-seller; então, novamente, muito obrigado e espero que “Pelos Olhos do Vulto” tenha lhe proporcionado horas agradáveis de entretenimento.



Copyright © Le Secrète, 2018
www.lesecrete.com